STEPHEN KING

CARRIE

STEPHEN KING

CARRIE

Tradução de

ERIKA R. ENGERT RIZZO

Para Tabby que nisto me enrolou
e depois me safou.

PARTE I

SANGUE E DIVERTIMENTO

Notícia do semanário Enterprise de Westover (Estado do Maine), 19 de agosto de 1966:

CHUVA DE GRANITO

Violenta chuva de granito caiu em plena luz do dia, na Carlton Street, na cidade de Chamberlain, no dia 17 de agosto p.p. Várias pessoas testemunharam o fato. As pedras atingiram principalmente a casa da Sra. Margaret White, danificando seriamente o telhado, e destruindo duas calhas e um condutor, avaliados em cerca de vinte e cinco dólares. A Sra. White, viúva, reside aí com sua filha Carrietta de três anos.

Não foi possível, entretanto, entrevistar a referida senhora.

Ninguém ficou realmente surpreso com o fato, pelo menos não no nível do subconsciente, onde se desenvolve tudo que é selvagem. Aparentemente todas as meninas na sala de banhos ficaram chocadas, emocionadas ou apenas satisfeitas por ter a White, aquela filha da mãe, levado novamente a pior. Algumas alunas podem ter fingido surpresa, mas, evidentemente, não era autêntica. Carrie já era colega delas desde o primeiro ano, e tudo isto vinha se acumulando lentamente desde aquela época, sem nenhuma alteração, de acordo com todas as leis que governam a natureza humana, com a constância de uma reação em cadeia, que está se aproximando do ponto crítico.

O que nenhuma delas, no entanto, sabia é que Carrie White fosse telecinética.

Rabiscado numa carteira da Barker Street Grammar School de Chamberlain, lia-se:

Carrie White come bosta.

O vestiário ecoava com gritos e o som subterrâneo da água dos chuveiros batendo nos ladrilhos. As meninas tinham jogado vôlei no primeiro tempo; o suor matutino era farto e leve.

As alunas se esticavam e se torciam debaixo da água quente, gritando, espirrando água, brancos pedaços de sabão passando de mão em mão. Plantada flegmática no meio delas estava Carrie, um sapo entre cisnes. Era uma garota troncuda, com espinhas no pescoço, nas costas e nas nádegas. O cabelo molhado, completamente sem cor, colado no rosto, em encharcada deprimência ela ficava ali em pé, a cabeça ligeiramente inclinada, deixando a água bater contra seu corpo e escorrer. Parecia um animal a ser sacrificado, o eterno alvo de gozações, a acreditar em coisas inexistentes, a abominada; e ela realmente o era. Sempre desejou perdidamente que Ewen High tivesse chuveiros individuais privativos, como os outros ginásios de Westover ou Lewinston. Todo mundo vivia olhando. Olhavam sempre.

Os chuveiros foram se fechando um a um, garotas saíam tirando as toucas de banho de

cores pastel se enxugavam, passavam desodorantes, consultavam o relógio por cima da porta, fechavam sutiãs, vestiam calcinhas. Vapor pairava no ar; o lugar mais parecia uma casa de banhos egípcia, exceto pelo constante zumbir da bomba centrífuga no canto. Gritos e assobios repercutiam como os estalos e reflexos de bolas de bilhar depois de uma forte tacada.

"—... e Tommy disse que detestava me ver assim e eu...".

"—... vou com minha irmã e o marido dela. Ele vive de dedo no nariz, mas ela também, por isso é muito..."

"—... um banho de chuveiro no fim das aulas e..."

"— ...não vale nem a pena gastar um vintém, por isto eu e Cindi..."

Miss Desjardin, a magra professora de ginástica de peito chato, entrou, esticou o pescoço olhando em volta rapidamente, bateu palmas uma vez, energicamente.

— O que é que você está esperando, Carrie? Dia do Juízo Final? A campainha vai tocar em cinco minutos!

Seu short era de um branco impecável, suas pernas ligeiramente curvas, surpreendentes em sua discreta musculatura. Pendurado no pescoço trazia um apito de prata, ganho na faculdade, numa competição de arco e flecha.

Diante das risadinhas das meninas, Carrie levantou os olhos num olhar lento, atordoada pelo calor e pelo constante troar da água a correr.

— Ahn? — fez ela.

Um estranho som de sapo, grotescamente condizente com ela. As risadinhas se renovaram. Com um movimento rápido de mágico a realizar um número fantástico, Sue Snell tirou a toalha da cabeça e começou a se pentear ligeira. Miss Desjardin olhou para Carrie, e com um gesto brusco e irritado saiu.

Carrie desligou o chuveiro, que morreu no gorgolejar de um pingo.

Saiu. Só então todas viram o sangue escorrendo por suas pernas.

Extraído de: The Shadow Exploded (A Sombra Explodiu):

Fatos documentados e conclusões específicas tiradas do caso Carrietta White, por David R. Congress (Tulane University Press, (1981), página 34:

Dificilmente poderá ser contestado que a ausência de manifestações telecinéticas específicas durante os primeiros anos de vida da pequena White deva ser atribuída à conclusão apresentada por White e Stearns em seu trabalho: Telecinética: Um Poder Espantoso Reexaminado. Afirmam eles que esta capacidade de mover objetos apenas com o uso da vontade se manifesta somente em momentos de extrema tensão pessoal. É um poder realmente bem oculto pois, do contrário, como poderia ele ter permanecido submerso há séculos, com apenas o cume do iceberg apontando num mar de charlatanismo?

Temos apenas vagas provas de pessoas que ouviram falar no caso para nos servir de base, mas mesmo estas nos bastam coma indícios de que Carrie White era portadora de um potencial de "TC" de imensa magnitude. A grande tragédia é que agora todos nós somos como beques, numa segunda-feira de manhã.

— RE-gra!

O primeiro grito foi dado por Chris Hargensen. Bateu contra as paredes azulejadas, ressoou e voltou novamente. Ofegante, Sue Snell gargalhava procurando respirar pelo nariz, sentindo um misto estranho e aflitivo de ódio, repulsão, exaspero e pena. Carrie tinha uma cara tão idiota, parada lá no meio, sem saber o que estava acontecendo. Meu Deus, podia-se pensar até que ela nunca...

— RE-gra!

Soava como um cantochão, um encantamento. Alguém no fundo (talvez fosse Hargensen novamente, Sue não podia afirmar naquele emaranhado de ecos) gritava impulsiva, em voz rouca, desinibida:

— Tampa!

— RE-gra! RE-gra! RE-gra!!

Carrie ficou parada feito idiota no meio do círculo que se formava, a água escorrendo em bagas de sua pele. Parecia um boi paciente cônscio de que era (como sempre) o alvo da gozação; estúpida e desconcertada, mas não surpresa.

Sue sentiu náuseas quando os primeiros pingos escuros do sangue menstrual caíram no ladrilho, em gotas do tamanho de um níquel.

— Pelo amor de Deus, Carrie, sua regra chegou! — exclamou ela. — Limpa isso!

— Ahn?

Lançou um olhar bovino à sua volta. Seu cabelo grudava-lhe no rosto como se fosse um elmo curvo; no ombro um monte de acne. Aos dezesseis anos, já trazia claramente estampada nos olhos a marca enganadora da mágoa.

— Ela acha que serve para pintar os lábios! — gritou de repente Ruth Regan em secreto regozijo, pana depois estourar em alta gargalhada. Mais tarde Sue se lembrou do comentário e o encaixou no quadro geral, mas agora era apenas outro som sem sentido em meio a toda a confusão. Dezesseis anos? Pensava ela. Ela deve saber o que está acontecendo, ela...

Mais pingos de sangue. Carrie continuava a piscar, olhando em volta para as colegas em lento aturdimento.

— Você está sangrando! — berrou Sue de repente furiosa. — Você está sangrando, sua gorda balofa, idiota!

Carrie olhou para suas pernas.

Soltou um grito.

Sua voz soou alta no úmido vestiário.

Súbito um Modess lhe foi acertado no peito e caiu no chão — plop! Uma flor rubra manchou o algodão absorvente e se espalhou.

A gargalhada revoltante, insolente, horrorizada, pareceu crescer para desabrochar em algo áspero e torpe, e as meninas começaram a bombardeá-la com Modess e toalhas higiênicas, que algumas tiravam de suas bolsas, ou do porta-toalha-higiênica quebrado, na parede. Voavam como neve e a cantilena era:

— Tam-pa, tam-pa, tam-pa!

Sue jogava também, fazendo coro com o rosto, sem saber ao certo o que estava fazendo — tinha-lhe vindo à mente um encantamento que ali brilhava como um anúncio luminoso:

— Não há mal nenhum, na verdade não há mal nenhum...

Continuava a reluzir e arder tranquilamente, quando de repente Carrie começou a rugir, recuando, agitando os braços, grunhindo e gorgolejando.

As colegas pararam, conscientes de que o ponto de ruptura, de explosão tinha sido finalmente alcançado. Foi a esta altura que algumas delas, fazendo um retrospecto, pretendem ter sentido surpresa. No entanto todos aqueles anos tinham se passado, anos de vamos-fazer-cama-de-gato para Carrie no Acampamento da Juventude Cristã: encontrei esta carta de amor de Carrie para Flash Bobby, vamos copiá-la e passar adiante, vamos esconder suas calças, meter uma cobra dentro do seu sapato, vamos dar-lhe um caldo, mais um, outro. E Carrie seguindo-as obstinadamente nos passeios de bicicleta, um ano conhecida como baleia, no outro como cara-de-bode, sempre cheirando a suor, incapaz de acompanhar a turma, pegando urticária de urinar no mato e todo mundo descobrindo (ei! coça-bunda, seu traseiro está comichando?). Billy Preston lambuzando seus cabelos com manteiga de amendoim no dia em que ela adormeceu na sala de estudos. Os beliscões, as pernas esticadas pelos corredores da escola para lhe passar rasteiras, os livros varridos de sua carteira, os cartões obscenos que metiam em sua pasta! Carrie no piquenique da escola, ajoelhada desajeitadamente numa igreja para rezar e a costura de sua velha saia de algodão estourando ao longo do zíper com um barulho que parecia uma rajada de vento. Carrie nunca conseguindo acertar a bola, nem jogando pelada, caindo de cana no chão na aula de dança moderna no segundo ano ginasial e lascando um dente. Carrie se enfiando pela rede de vôlei a dentro; usando meias de fio sempre corrido, correndo, ou por correr; sempre com rodelas de suor nas blusas, debaixo do braço, mesmo no dia em que Chris Hargensen telefonou depois da escola lá da Kelly Fruit Company, na cidade, para lhe perguntar se ela sabia que peido de porco se soletrava C-A-R-R-I-E. De repente tudo isto se avolumou, chegando ao ponto crítico. A humilhação, a ofensa, o espezinhamento final, há tanto tempo procurados, tinham sido encontrados. A ruptura.

Recuou, rugindo no silêncio que se fez, os braços cruzados na frente do rosto, um Modess no meio do pêlo púbico.

As colegas ficaram olhando para ela, os olhos brilhando solenemente.

Carrie se refugiou no lado de um dos quatro grandes boxes de chuveiro e lentamente desmoronou, caindo sentada. Gemidos lentos de abandono sacudiam-na convulsivamente. Revirava os olhos, o branco úmido como os de um porco a ser abatido.

Lentamente, hesitando ainda, Sue disse:

— Acho que é a primeira vez que ela...

Nesse instante a porta foi aberta violentamente e Miss Desjardin entrou precipitada para ver o que estava acontecendo.

Extraído de: The Shadow Exploded (página 41):

Tanto os médicos como os psicólogos que se ocuparam do caso estão de pleno acordo que o início traumático e excepcionalmente tardio do ciclo menstrual de Carrie White podem muito bem ter sido a mola que acionou seus poderes latentes.

Parece inacreditável que, até 1979, Carrie nada soubesse a respeito do ciclo menstrual da mulher. E é igualmente absurdo uma mãe permitir à filha chegar a ter quase dezessete anos sem consultar um ginecologista a respeito da sua ausência de menstruação.

No entanto os fatos são incontestáveis. Quando Carrie constatou que estava sangrando pela vagina, não tinha a menor idéia do que estava acontecendo. Desconhecia inteiramente toda a concepção da menstruação.

Uma das colegas sobreviventes, Ruth Gogan, conta que, um ano antes do acontecimento acima relatado, ela entrou no vestiário das meninas da Ewen High School, e viu Carrie usando um Modess para tirar a pintura. Na época Ruth Gogan disse:

— Bolas, o que você está fazendo?

— Eu? Por quê? Algo errado? — retrucou Carrie.

— Nada não. Nada — respondeu Ruth Gogan.

Contou o caso a algumas amigas (mais tarde disse a este entrevistador que tinha achado aquilo 'bacana'), e toda vez que depois disto alguém tentou explicar a Carrie a verdadeira finalidade daquilo que ela estava usando para sua maquilagem, ela aparentemente desprezava a explicação achando que estavam querendo caçoar dela, faceta em sua vida à qual se tornara especialmente sensível.

Depois de a campainha ter tocado e de todas as colegas terem ido para o segundo tempo de aula (diversas entre elas tinham saído sorrateiramente pela porta dos fundos antes que Miss Desjardin começasse a anotar nomes), a professora empregou a tática padrão para histerismo: aplicou-lhe um violento tapa no rosto. Ela dificilrnente teria admitido o prazer que este ato lhe deu, e certamente teria negado considerar Carrie um gordo e lamuriento saco de banha.

Carrie olhou para ela com expressão idiota, o rosto ainda contorcido, os músculos trabalhando. Em seu primeiro ano de profissão, a professora ainda acreditava pensar que todas as crianças fossem boas.

— M-M-Miss D-D-Des-D.

— Levante — disse ela friamente — Levante e componha-se.

— Estou me esvaindo em sangue! — gritou Carrie, e uma mão cega subiu tateando, agarrando o short branco da professora. Uma mão de sangue ficou estampada em sua calça.

— Eu... sua... — seu rosto se contraiu numa careta de nojo, e de repente ela agarrou Carrie e a colocou em pé, cambaleando:

— Vai pra lá!

Ela ficou oscilando entre os chuveiros e a parede com a caixa de toalhas-higiênicas, inclinada para a frente, os seios apontando para o chão, os braços pendurados inertes. Parecia um macaco. Seus olhos brilhavam sem expressão.

— Agora — disse Miss Desjardin com implacável ênfase desaprovadora — pegue uma

destas toalhas... não.... deixe a fenda e a moeda pra lá, o negócio não funciona de qualquer maneira... pegue uma.., ora, droga, ande logo! Até parece que você nunca teve uma regra.

— Regra? — exclamou Carrie

Sua expressão de absoluta ignorância era tão autêntica, tão cheia de mudo e total horror que não podia ser ignorada ou negada. Uma terrível e negra presciência foi crescendo na mente de Rita Desjardin. Era inacreditável, não podia ser! Ela mesma tinha ficado menstruada logo depois de completar onze anos, e tinha corrido até o topo da escada para gritar excitada para a mãe lá em baixo: — Ei, mãe, já sou mocinha!

— Carrie? — disse ela agora, e foi chegando para perto da menina. — Carrie?

Carrie recuou assustada. No mesmo instante uma prateleira com bolas e raquetes caiu com tremendo estrondo. Corria bola para tudo que era lado, fazendo Desjardin pular.

— Esta é a sua primeira regra Carrie?

No instante em que a ideia foi admitida, ela nem precisaria mais ter perguntado. O sangue corria grosso e pesado. As duas pernas de Carrie já estavam lambuzadas e respingadas: era como se ela tivesse atravessado um rio de sangue.

— Dói — gemeu Carrie — Minha barriga...

— Isto passa — disse a professora. A compaixão e a vergonha de si mesma se encontraram dentro dela num misto constrangedor. — Você tem que... ih, tem que parar o fluxo do sangue. Você...

Um rápido clarão no alto foi seguido por um estampido como de um tiro; uma lâmpada apagou com um chiado. Miss Desjardin deu um grito de susto, ocorreu-lhe que (esta droga toda vai desabar) esse tipo de coisa sempre acontecia perto de Carrie quando estava transtornada. Era como se o azar lhe seguisse os passos. Pegou uma das toalhas da caixa quebrada, desdobrou-a e disse:

— Olhe aí. É assim...

Do livro The Shadow Exploded (página 54)

A mãe de Carrie White, Margaret White, deu à luz a sua filha em 21 de setembro de 1963, em circunstâncias que só podem ser chamadas de bizarras. De fato, uma revisão do caso Carrietta White deixa nos estudiosos um sentimento que domina sobre todos os outros: Carrie foi o único rebento de uma família das mais estranhas, dessas que chamam a atenção do público.

Como foi citado antes, Ralph White morrera em fevereiro de 1963 quando uma viga de aço escapou de um guindaste numa obra em Portland, onde trabalhava. A Sra. White continuou a viver só, numa casinha de subúrbio em Chamberlain.

Devido à crença religiosa quase fanática dos White, Marganet não teve o apoio de nenhum amigo durante o período de luto. E quando, sete meses mais tarde, começou seu trabalho de parto, ela também estava só.

Cerca de 13h30min do dia 21 de setembro, os vizinhos da Carlin Street começaram a ouvir gritos vindos do bangalô dos White. A polícia no entanto só foi chamada depois das 18h. Temos apenas duas alternativas pouco atraentes para explicar tal demora: ou os

moradores da vizinhança não queriam se envolver numa investigação policial, ou então a aversão a ela era tão grande, que deliberadamente assumiram a posição de vamos-esperar-para-ver-como-é-que-fica. A Sra. Georgia McLaughlin, a única das três vizinhas que ainda moravam lá (e que estava na rua na ocasião, disposta a falar comigo), disse que não chamou a polícia porque pensava que os gritos tivessem alguma relação com os "rituais sagrados".

Às 18h22min, quando a polícia chegou, os gritos tinham se tornado mais irregulares. A Sra. White foi encontrada em cima, na cama, e o investigador a princípio pensou que ela tivesse sido vítima de um assalto. A cama encharcada de sangue e uma faca de cozinha no chão. Só então viu o bebê, ainda parcialmente envolto na placenta, no peito da Sra. White. Ao que parece ela mesma cortara o cordão umbilical com a faca.

É difícil crer ou imaginar a hipótese de que Margaret White ignorasse estar grávida ou que até mesmo desconhecesse o sentido dessa palavra; por isso, estudiosos recentes como J. W. Bankson e George Fielding propõem uma hipótese mais plausível, admitindo que o conceito associado intimamente com o "pecado" da relação sexual tenha sido inteiramente bloqueado em sua mente. Ela pode simplesmente ter-se recusado a admitir que tal coisa lhe pudesse acontecer.

Temos o registro de no mínimo três cartas a uma amiga em Kenosha, Wisconsin, que parecem provar decisivamente que desde o quinto mês a Sra. White estava convencida de ter "câncer nas partes femininas", e que logo iria se juntar ao marido no céu.....

Quando quinze minutos mais tarde Rita Desjardin levou Carrie para o gabinete, os corredores felizmente estavam desertos. Atrás das portas fechadas, as aulas continuavam em sua ladainha monótona.

Carrie finalmente tinha acabado de gritar, mas continuava a chorar, sem parar. Desjardin colocara o Modess para ela, limpara o sangue com papel-toalha, e a enfiara nas calças de algodão ordinário.

Duas vezes ela havia tentado explicar a realidade trivial da menstruação, mas Carrie tampara os ouvidos com as mãos e continuara a chorar.

Morton, o subdiretor, tinha dado uma rápida saída quando elas entraram. Billy de Lois e Henry Trennant, dois alunos à espera do merecido sermão por terem matado o primeiro tempo de aula, francês, arregalaram os olhos, esticando-se nas cadeiras.

— Entrem — disse Morton animado. — Entrem. — Por sobre os ombros da Desjardin, lançou um olhar furioso aos rapazes que não tiravam os olhos da mão de sangue estampada no short da professora. — O que vocês estão olhando?

— Sangue — disse Henry, e sorriu com estúpida surpresa.

— Retidos dois tempos — disse Morton bruscamente. Olhou espantado para a mancha de sangue.

Fechou a porta e sem jeito começou a remexer a gaveta superior do arquivo, à procura de uma ficha para acidentes escolares.

— Você está bem?

— Carrie — informou Desjardin. — Carrie White. — Morton finalmente encontrou a ficha. Havia uma grande mancha de café em cima dela.

— Não vai precisar dela, sr. Morton.

— Deve ter sido o trampolim. Nós vamos... como não vou precisar?

— Não. Acho que Carrie deve ser dispensada pelo resto do dia. Houve um incidente meio desagradável com ela. — Fez um sinal para ele com os olhos, que ele percebeu mas não conseguiu interpretar.

— Muito bem. Perfeitamente. Se a senhora acha. Ótimo. — Monton guardou a ficha novamente amassando-a toda; fechou a gaveta bruscamente, prendendo o polegar; soltou um grunhido.Dirigiu-se rápido até a porta, abriu-a com um arranco, olhou furioso para Billy e Henry e chamou:

— Miss Fish, podia me dar um papel de dispensa por favor? Para Carrie Wnight.

— White — corrigiu Desjardin.

— White — concordou Morton.

Billy de Lois deu uma risadinha.

— Retido uma semana! — berrou Morton. — Uma bolha de sangue estava se formando debaixo da unha de seu polegar. Doía pra diabo. O choro regular e monótono de Carrie continuava sem parar.

Miss Fish trouxe o papel amarelo de dispensa. Morton o rubricou com sua lapiseira de prata, estremecendo de dor pela pressão no polegar machucado.

— Você precisa de condução, Carrie? — perguntou ele. — Podemos chamar um táxi, se quiser.

Ela sacudiu a cabeça e ele notou com repugnância que uma grande bolha de mucosa verde se formara numa das narinas de Carrie. — Morton olhou para Miss Desjardin por cima da cabeça da menina.

— Pode deixar — disse a professora — Carrie mora logo ali na Carlin Street. Um pouco de ar puro fará bem a ela.

Morton lhe entregou o papelzinho amarelo.

— Pode ir, Cassie — disse ele magnânimo.

— Eu não me chamo assim! — berrou ela de repente.

Morton recuou. Desjardin deu um pulo como se tivesse levado uma lambada pelas costas. O pesado cinzeiro de cerâmica na mesa de Morton (representava O Pensador de Rodin, a cabeça transformada num recipiente para pontas de cigarro) de repente foi parar no chão, como para se proteger da violência do grito. Guimbas e cinzas do cachimbo de Morton se espalharam no tapete verde-claro de náilon.

— Escute aqui — disse Morton, tentando mostrar severidade. — Sei que você está transtornada, mas isto não é motivo para que eu...

— Por favor — disse Míss Desjardin calmamente.

Morton olhou para ela e concordou com um rápido movimento de cabeça. Tentava projetar a imagem de um amável John Wayne, durante o exercício do controle disciplinar — sua principal função na escola — mas não se saia muito bem. A administração geralmente o chamava de "o amável Mort". Já o corpo discente era mais inclinado a se referir a ele como "aquele tagarela maluco lá de baixo". No entanto, como poucos alunos da espécie de Billy de Lois e Henry Trethnant se manifestassem

oficialmente, a opinião da administração parecia ser a vencedora.

Continuando a alisar furtivamente o polegar imprensado, "o amável Morton” sorriu para Carrie e disse: — Pode ir se quiser, Miss Wright. Ou prefere ficar sentada aí um instante até se acalmar?

— Eu vou — murmurou ela, dando um violento puxão no cabelo. Levantou, olhou ao redor e fixou Miss Desjardin os olhos arregalados, tristes de sofrimento: — Elas riram de mim. Jogaram coisas. Sempre vivem rindo.

Desjardin ficou olhando para ela, sem saber o que dizer.

Carrie saiu.

Por um momento houve silêncio Morton e Desjardin acompanharam-na com os olhos. Depois, com um estranho pigarro, Morton abaixou-se cuidadosamente e começou a juntar as cinzas do cinzeiro.

— Que história é essa?

Ela deu um suspiro, olhou com repugnância para as marcas de um marrom avermelhado, secando em seu short.

— A regra dela veio. Pela primeira vez. No banho.

Morton pigarreou novamente, as faces rubras. A folha de papel que usava para juntar o lixo se moveu mais rápida. — Será que ela não está meio...

— Velha, para ser a primeira vez? Está sim. E daí o trauma todo. Embora eu não consiga entender por que a mãe... — A idéia se perdeu, ficou esquecida por um instante. — Acho que não me saí muito bem. Morty, mas não entendi o que estava acontecendo. Ela pensou que estivesse se esvaindo em sangue.

Ele ergueu os olhos, surpreso.

— Não acredito que ela soubesse da existência de uma coisa chamada menstruação, até meia hora atrás.

— Quer me passar aquela escovinha, por favor. Esta mesma. — Ela lhe entregou uma escovinha, propaganda da Companhia de Ferragens e Madeira Chambenlain. Começou a escovar o monte de cinzas para cima da folha. — Acho que ainda vai sobrar coisa para o aspirador. Este pelo grosso é horrível — Pensei que tivesse colocado o cinzeiro mais para dentro.

— Engraçado como as coisas caem. — Bateu com a cabeça na mesa e sentou-se repentinamente. — É difícil acreditar que uma garota do ginásio, daqui ou de outro colégio qualquer, — tenha passado estes três anos completamente alheia ao fato da menstruação.

— Para mim é mais difícil ainda. — respondeu ela — Mas é a única coisa que posso admitir para explicar sua reação. Aliás, ela sempre foi o bode expiatório do grupo.

— Hum. — fez um canudo com o papel e por ele desceram as cinzas e as pontas de cigarro para dentro do cesto de papel. Limpou as mãos. — Acho que a sei quem é. White. A filha de Margaret White. Só pode ser. Ai já é mais fácil acreditar. — Sentou-se a mesa e sorriu como para se desculpar — São tantas! Depois de cinco ou seis anos todas se fundem em rostos de grupo. A gente começa a chamar a garotada pelo nome dos irmãos, e coisas assim. É tão difícil!

— Claro que é.

— Espere até estar vinte anos nesta brincadeira como eu — disse ele taciturno, contemplando a bolha de sangue no dedo — Aparecem garotos que você acha que conhece, e de repente descobre que o pai foi aluno da escola no seu primeiro ano de ensino. Margaret White foi anterior a mim, pelo que dou graças a Deus. Ela disse a Sra.Bicente, que Deus a tenha em paz, que o Senhor estava reservando um lugar especial para ela no inferno, por ter feito um esboço geral para a garotada, do que era a teoria da evolução, de Darwin, foi suspensa duas vezes enquanto esteve aqui...uma das vezes por ter batido numa colega com a mala. Consta que ela tinha visto a colega fumando. Pontos de vista religiosos meio estranhos!Muito estranhos, aliás.— Sua expressão de John Wayne de repente desmoronou.— As outras garotas ....elas realmente riram dela?

— Pior ainda. Quando entrei estavam bombardeando Carrie com tolhas higiênicas...como quem atira amendoim.

— Meu Deus! — John Wayne desapareceu. Morton ficou escarlate.— Tem os nomes?

— Tenho. Não de todas, mas elas vão... vão denunciar as colegas. Christine Hargensen parecia ser a líder... como sempre.

— Chris e o grupo dela.

— É. Tina Blake, Rachel Spies. Helen Shyres. Donna Thibodeau, e a irmã Mary Lila Grace, Jessica Upshaw. E Sue Snell.— Desjardin franziu o cenho — Nunca pensei ver Sue Snell metida numa brincadeira dessas. Ela não me parece garota para este tipo de... de proeza.

— Você falou com elas?

Desjardin deu um sorriso triste.

— Fiz uma barulheira infernal para botá-las pra fora. Estavam muito agitadas. Carrie ainda por cima estava dando ataques histéricos.

— Hum — fez ele brincando com os dedos. — Pretende falar com elas?

— Sim.— A resposta foi meio relutante.

— Será que estou percebendo um tom de...

— Talvez esteja — disse ela sombriamente — Estou numa situação meio delicada. Entendo o que as garotas sentiram. Toda aquela cena só me deu vontade de pegar a menina e sacudi-la. Talvez haja uma espécie de instinto em relação à menstruação que faça com que as mulheres tenham vontade de arrumar confusão; não sei. O jeito de Sue Snell não me sai da cabeça.

— Hum — repetiu Morton sabiamente. Ele não entendia nada de mulheres e não tinha a menor disposição para discutir menstruação.

— Vou falar com elas amanhã — prometeu ela, levantando-se

— Muito bem. Que o castigo seja proporcional ao crime. E se achar que alguma delas deva ser mandada... é, mandada a mim, não tenha constrangimento...

— Pode deixar. — disse ela amavelmente. — Por falar nisto, uma lâmpada queimou enquanto eu estava tentando acalma-la. Foi o toque final!

— Vou mandar um zelador lá agora mesmo — prometeu ele. — E muito obrigado pelo seu esforço. Míss Desjardin. Quer pedir a Miss Fish para mandar Billy e Henry

entrarem?

— Pois não.

Saiu.

Ele se recostou e deixou que tudo aquilo deslizasse de sua mente. Quando Billy de Lois e Henry Trennant gazeteadores por excelência, foram entrando cabisbaixos encarou-os feroz, feliz da vida, resolvido a dar um duro neles.

Como sempre dizia a Hank Grale saboreava gazeteiros no almoço.

Rabiscando numa carteira da Chamberlain Junior High School:

Rosas são vermelhas, violetas são azuis Carrie White come bosta.

Carrie foi descendo a Ewen Avenue e na esquina da Carlin atravessou no sinal. De cabeça baixa, tentava pensar no nada. A cólica ia e vinha em grandes ondas espasmódicas, fazendo com que ela diminuísse e aumentasse a marcha como um carro de carburador entupido. Andava de olhos fixos na calçada. Quartzo brilhando no meio do cimento. Traçados de amarelinha em fantasmagórico giz, lavado pela chuva. Chicletes amassados com o pé. Pedaços de folha de estanho, embalagens de balas ordinárias. Todos odeiam e não param nunca. Nunca se cansam de odiar. Uma moedinha presa numa fresta. Chutou-a. Imaginem Chris Hargensen toda ensanguentada gritando por misericórdia. Com ratos andando por cima de seu rosto. Ótimo. Seria ótimo! Cocô de cachorro com uma pisada no meio. Chapinhas escuras que algum garoto tinha amassado com uma pedra. Pontas de cigarro. Estourar sua cabeça com uma pedra . Estourar á cabeça de todas elas. Ótimo. Ótimo (Jesus salvador meigo e afável)

Seria bom para a mãe: bem feito para ela. Não teria que sair todos os dias do ano no meio de lobos, no meio de um carnaval de zombadores, contadores de piadas, palpiteiros, cínicos gozadores. E não dizia a mãe que havia um dia de Juízo Final? (o nome daquela estrela será losna e eles serão flagelados por escorpiões) e um anjo com uma espada?

Se este dia fosse hoje, e Jesus viesse. Não com um cordeiro e um cajado, mas com uma pedra em cada mão para esmagar os zombadores e cínicos gozadores, para exterminar o mal e destruí-lo aos gritos, — com sangue e equidade.

E se ela pudesse ser Seu braço e Sua espada!

Tinha tentado se adaptar. Tinha desafiado a mãe numa centena de coisinhas, tinha tentado apagar o círculo de peste vermelha traçado em seu redor desde o dia em que saíra do ambiente controlado da pequena casa da Carlin Street e subira até a Escola Primária de Barker Street. A Bíblia debaixo do braço. Nunca se esquecera daquele dia. Dos olhares, do súbito e angustiante silêncio quando se ajoelhara antes do almoço no refeitório da escola. As risadas tinham começado naquele dia e vinham ecoando pelos anos afora.

O círculo de peste vermelha era como o próprio sangue podia-se esfregar, esfregar sem parar, que ele continuava lá, indelével, resistindo. Nunca mais ela havia se ajoelhado em público, embora não tivesse dito nada à mãe. Mesmo assim a lembrança original permanecia em sua mente e na deles. Com unhas e dentes ela havia lutado com a mãe

para ir ao Acampamento da Juventude Cristã; ela mesma conseguira o dinheiro com costura. A mãe lhe havia dito sombriamente que era Pecado. Que eram Metodistas, Batistas e Congregacionalistas, que era Pecado e Apostasia. Proibiu Carrie de nadar no Acampamento. E embora ela tivesse nadado e tivesse rido quando lhe deram caldo (até que ficasse sem fôlego e eles continuassem, e ela em pânico começasse a gritar), embora tivesse tentado tomar parte nas atividades do acampamento. Carrie, a beata, tinha sido alvo de tanta molecagem, que voltou de ônibus urna semana antes, os olhos vermelhos e inchados de chorar, para ser apanhada na estação pela mãe, que lhe disse impiedosamente que para o futuro ela deveria se lembrar do castigo como prova de que a mãe tinha sabido, que a mãe tinha razão. Que a única esperança de segurança e salvação estava dentro do círculo vermelho. Pois "reto é o caminho", continuou a mãe severa dentro do táxi e, chegando em casa, Carrie tinha sido mandada para o quartinho por seis horas.

É evidente que a mãe também lhe proibira os banhos junto com as outras. Carrie escondera seus apetrechos no escaninho da escola e entrava no chuveiro com as outras, tomando parte no ritual de nudismo, diante do qual se sentia envergonhada e embaraçada, na esperança de que o circulo desbotasse um pouco, um pouquinho só... (mas hoje meu Deus)

Tommy Erbter, de cinco anos um de idade, vinha subindo de bicicleta pelo outro lado da rua. Era um garoto pequeno de olhar vivo, montado numa Schwinn de vinte polegadas, de rodinhas laterais vermelhinhas. Vinha cantarolando uma canção. Assim que viu Carrie, seu rosto se iluminou e esticou a língua para ela:

— Ei, cara de traque! Carrie, velha beata!

Carrie olhou para ele espumando de ódio. Apesar das rodinhas laterais, a bicicleta balançou e de repente virou. Tommy deu um grito, a bicicleta por cima dele. Carrie sorriu e continuou a andar. Os gemidos de Tommy eram doce música para seus ouvidos.

Se ela pudesse fazer estas coisas acontecerem sempre que quisesse! (sem mais nem menos)

Sete casas antes da sua estancou, os olhos fixos no nada. Atrás dela, Tommy subia choramingando na bicicleta, o joelho todo ralado. Gritou qualquer coisa para ela. Ignorou-o. Gente muito mais categorizada já havia gritado tanta coisa para ela...

Tinha apenas pensado: (cai desta bicicleta garoto, te arranco desta bicicleta e te racho essa porcaria de crânio) e tinha acontecido qualquer coisa.

Sua mente tinha... tinha... ela procurava por urna palavra. Tinha se vergado. Não era bem isto, mas quase isto. Houve uma estranha flexão, como se fosse um cotovelo entortando um haltere. Também não era isto, exatamente, mas era a melhor imagem que ela conseguia. Um cotovelo sem força. Um fraco cotovelo de bebê.

Vergar.

De repente olhou furiosa para a bonita janela da casa da Sra. Yorraty. Pensou: (puta rabugenta idiota quebra aquela janela)

Nada. A janela continuou a brilhar serenamente no suave resplendor das nove horas da manhã. Outro espasmo de cólica contraiu a barriga de Carrie e ela continuou a andar.

Mas...

A lâmpada. E o cinzeiro. Não podia esquecer o cinzeiro

Olhou para trás (puta de uma figa odeia minha mãe) por cima de seu ombro. Mais uma vez qualquer coisa pareceu se vergar... muito ligeiramente. O fluxo de suas ideias estremeceu como se tivesse havido um borbulhar repentino de urna nascente lá no seu íntimo.

A janela tremeu ligeiramente. Nada mais. Podia ser até sua vista. Podia...

Sua cabeça começou a se sentir cansada e zonza, pulsava com o inicio de uma dor de cabeça. Seus olhos ardiam como se tivesse lido o Livro das Revelações do princípio ao fim.

Continuou a descer a rua em direção à casinha branca de venezianas azuis. A sensação familiar de ódio-amor-medo turbilhonava dentro dela. A hera tinha subido pelas paredes do bangalô (sempre o chamavam de bangalô, pois com o nome White, White House — Casa Branca — soava como uma pilhéria política e a mãe dizia que os políticos eram todos uns vigaristas e pecadores que acabariam entregando o país aos Ateus Vermelhos, que encostariam no paredão todos os crentes em Jesus — mesmo os católicos); a hera tinha um aspecto pitoresco, ela sabia disto, mas às vezes tinha ódio. Às vezes, como agora por exemplo, ela lhe parecia uma grotesca mão de gigante sulcada de grossas veias que brotara da terra para agarrar sua casa. Aproximou-se de casa, arrastando os pés.

Claro que também tinha havido as pedras.

Parou novamente, piscando apática para o dia. As pedras. A mãe nunca falava nelas; Carrie nem sabia se ela ainda se lembrava do dia das pedras. Era surpreendente que ela mesma ainda se lembrasse. Era muito pequena. Que idade teria? Três? Quatro? Tinha aquela menina de maiô branco, e aí vieram as pedras. As coisas dentro de casa começaram a voar. Nesse ponto sua memória era subitamente clara e nítida. Era como se estivesse lá o tempo todo, logo abaixe da superfície, esperando por uma espécie de puberdade mental.

Esperando, talvez, por hoje.

De: Carrie — O Negro Alvorecer da T. C. (revista Esquire, 12 de setembro de 1980) por Jack Gaver:

Estelle Horan vive há doze anos em Panrish, o bonito subúrbio de San Diego. De aspecto, é a típica californiana: usa camisas de estampados vivos e óculos de sol, de lentes cor âmbar; seu cabelo é louro de mechas pretas; dirige um Volkswagen Fórmula V marrom-avermelhado, com decalque no capô e uma flâmula verde de ecologia colada no vidro de trás. Seu marido é um executivo na filial local do Banco da América; seu filho e sua filha, criaturas morenas queimadas de sol, membros da Sun 'n Fun Crowd (Grupo Sol e Divertimento) da Califórnia do Sul. No pequeno e bem tratado quintal tem um hibachi, e a campainha da porta toca tinindo um verso de "Hey, Jude".

Mas dentro de si a Sra. Horan ainda traz a terra pobre e madrasta de New England e, quando fala em Carrie White, seu rosto adquire um estranho olhar de dor que nada tem

de Kerouac da Califórnia do Sul.

— É claro que era esquisita — conta Estelle Horan acendendo seu segundo cigarro logo após apagar o primeiro. — A família toda era esquisita. Ralph era operário de obra, e o povo dizia que todos os dias levava uma Bíblia e um revólver para o trabalho. A Bíblia era para o intervalo do almoço e do café. O 38 para um possível Anticristo que encontrasse no serviço. Eu mesma me lembro da Bíblia. O revólver, quem sabe? Era um homem grandalhão, de pele cor de oliva, o cabelo aparado como o de um marinheiro. Sempre tinha cara de mau, e não se podia encaná-lo nunca. Seu olhar era tão intenso que chegava a arder. Ninguém tinha coragem de esticar a língua para ele, nem pelas costas, nunca. Tão sinistro era ele.

Faz uma pausa, soprando nuvens de fumaça contra as vigas de madeira fingida que atravessam o teto. Stelle Horan morou na Carlin Street até os vinte anos e lembra nitidamente o incidente das pedras.

— Às vezes fico imaginando — diz ela — se eu poderia ter sido a causa de tudo aquilo. O quintal delas era vizinho do nosso. A Sra. White tinha mandado plantar urna sebe que ainda não estava crescida. Dezenas de vezes ela chamou a atenção de minha mãe sobre o "espetáculo" que eu estava dando no quintal. Ora, meu maiô era perfeitamente decente — recatado até para a concepção de hoje em dia —, nada mais que um simples Jantzen inteiro A Sra. White falava sem parar no escândalo que aquilo era para "seu bebê". Minha mãe...... bem, ela procurou ser delicada, mas tem um gênio tão estourado! Eu não sei bem o que Margaret White acabou dizendo para que ela perdesse a calma — acho que me chamou de Meretriz da Babilônia — e minha mãe disse a ela que o nosso quintal era nosso, e que se desse prazer a ela e a mim eu poderia até dançar nua a dança negra do ula-ula. Disse-lhe também que era uma velha de mente suja, com uma lata cheia de vermes no lugar de miolos. Houve uma porção de xingamentos, mas este foi o arremate.

— Na mesma hora quis parar de tomar banhos de sol. Detesto confusão. Me embrulha o estômago. Mas quando a mãe cisma com uma coisa é horrível. Trouxe da cidade um minúsculo biquíni branco. Disse-me para tomar quanto sol quisesse:

— Afinal estamos no nosso quintal, é privativo e tudo mais.

Lembrando-se disto, Stella Horan dá um lese sorriso e apaga o cigarro.

— Tentei argumentar, disse-lhe que não queria mais confusão, não queria servir de motivo para aquela guerra de sebe. Não levava a nada. Mas tentar convencer a mãe quando ela mete uma ideia na cabeça é a mesma coisa que tentar parar um daqueles caminhões enormes quando perde os freios numa ladeira. Além disso, tinha mais: o meu pavor dos White. Com fanáticos religiosos não se brinca! Bem verdade que Ralph estava morto, mas se Margaret ainda tivesse aquele 38?

— Apesar de tudo, lá estava eu num sábado à tarde, esticada em cima de uma lona no quintal, untada de óleo de bronzear, ouvindo os "Quarenta Melhores" no rádio. Minha mãe detestava esse tipo de programa, sempre gritava umas duas ou três vezes para eu baixar o volume antes que ela enlouquecesse. Mas naquele dia ela mesma aumentou o volume duas vezes. Comecei a me sentir a própria Meretriz da Babilônia.

— Ninguém, no entanto apareceu no quintal vizinho. Nem mesmo a velha, para pendurar a roupa. Ainda tinha um detalhe: ela nunca pendurava roupa de baixo na corda

do quintal. Nem mesmo a de Carrie que, na época, só tinha três anos... Era sempre dentro de casa.

— Comecei a me sentir mais à vontade. Acho que pensei que Margaret tinha ido levar Carrie para o parque para adorar a Deus em plena natureza ou qualquer coisa assim. De qualquer maneira, em alguns instantes eu me virei de costas, cobri o rosto com o braço e adormeci.

— Quando acordei Carrie estava em pé a meu lado, olhando para meu corpo.

Stella Horan faz uma pausa. Franze o cenho, olha para o espaço. Lá fora passam carros num zumbido constante. Ouço o zunido ininterrupto do meu gravador. Tudo, no entanto parece inconsistente demais, lustroso demais, uma pátina ordinária a cobrir um mundo obscuro um mundo real de pesadelos.

— Ela era uma garotinha tão bonita — prossegue acendendo outro cigarro. — Vi alguns retratos dela no ginásio, inclusive aquele horrível, meio apagado. em preto e branco, da capa da Newsweek. Olho para eles e só consigo pensar uma coisa: meu Deus, como é possível? O que conseguiu aquela mulher fazer dela? Sinto repulsa e pena. Era tão bonita: faces rosadas, olhos castanhos brilhantes. O cabelo do tom de ouro que mais tarde escurece e fica tom de rato. Um amor é a palavra exata. Um amor; viva e inocente. A doença materna ainda não a atingira muito fundo.

— Acordei meio assustada e tentei sorrir. Era difícil pensar o que fazer. Estava mole por causa do sol, a idéia lenta e pegajosa — Oi — fiz eu. Ele usava um vestidinho amarelo, muito engraçadinho, mas horrívelrnente comprido para uma garotinha em pleno verão. Descia-lhe até a canela.

— Ela não devolveu o sorriso. Apontou para mim e perguntou:

— O que é isto?

Olhei para mim e vi que durante o sono a parte de cima do biquíni tinha escorregado. Ajeitei-o e disse — São meus seios, Carrie.

— Aí ela disse muito solenemente: — Queria ter também.

— Você tem que esperar, Carrie, respondi eu. Só vão aparecer daqui a uns...sete ou oito anos.

— Não vão não , respondeu ela. A mãe disse que menina boazinha não tem — Seu olhar era estranho para uma garotinha; meio triste, meio convencida de sua virtude.

— Era difícil acreditar, e a primeira coisa que me ocorreu foi logo saltando de minha boca: Eu sou uma menina boazinha, disse eu. E sua mãe, não tem seios também?

Baixou a cabeça e murmurou qualquer coisa que eu não consegui entender. Quando lhe pedi para repetir, olhou para mim desafiadora e disse que a mãe tinha sido má quando a fizera, por isso é que tinha seios. Chamava-os de travesseirimundos, como se fosse uma palavra só.

— Não conseguia acreditar no que tinha ouvido. Estava muda de espanto. Não me ocorreu nada que pudesse dizer. Ficamos olhando uma para a outra; a única coisa que eu tinha vontade de fazer era agarrar aquela pobrezinha e fugir com ela.

— Foi aí que Margaret White saiu pela porta dos fundos e nos viu.

Por um instante ela parou de olhos arregalados, sem acreditar no que via. Depois abriu

a boca e soltou um berro. Foi o som mais horrendo que já ouvi em toda minha vida. Parecia o grito de um enorme jacaré no pântano. Ela só berrava. De ódio. Ódio cego, insano. Seu rosto ficou vermelho como a lataria de um carro de bombeiro, fechou os punhos e bradou aos céus. Pensei que ela fosse ter um colapso. Seu rosto, contorcido, era o de um monstro.

— Pensei que Carrie fosse desmaiar ou morrer na hora. Ficou com a respiração presa, branca como queijo de Minas.

— CAAAARRRRIEEEEEE! — berrou a mãe.

— Ergui-me de um salto e berrei também: Não grite com ela desse jeito! A senhora devia até ter vergonha! Qualquer besteira dessas; não me lembro direito. Carrie começou a voltar, parou, deu mais uns passos e pouco depois de atravessar do nosso quintal para o seu, virou-se e me olhou com um olhar... horrível, meu Deus. Nem sei como. De ódio, medo... e desgraça. Como se a própria vida tivesse desmoronado em cima dela, e isto tudo na idade de três anos.

— Minha mãe apareceu na porta dos fundos, o desespero no rosto, ao ver a criança. E Margaret... continuava a gritar, falando em sem-vergonha, prostituta, que os pecados dos pais recairão sobre os filhos até a décima geração. A língua ressecada me colava na boca.

— Por um instante só, Carrie ficou indecisa, oscilando entre os dois quintais, quando Margaret White olhou para o alto, e (juro) por Deus, uivou ao céu. Depois começou a...a se ferir, se flagelar. Arranhava as faces e o pescoço; fazendo lanhos e vergões vermelhos. Rasgou a roupa.

— Mãe! , gritou Carrie, e correu para ela.

— A Sra. White se agachou como um sapo, os braços abertos. Pensei que fosse esmagá-la. Dei um grito. A mulher estava de dentes arreganhados. Ria e a baba lhe escorria pelo queixo. Eu estava enojada. Meu Deus, que nojo sentia!

— Ela a agarrou nos braços e entraram. Desliguei o rádio para poder ouvir. Entendia algumas palavras, nem todas. Também não era necessário entender tudo para saber o que se passava. Rezas, soluços, guinchos. Ruídos loucos. E Margaret mandando a menininha para o quartinho, para rezar. Esta, chorando e gritando, pedindo desculpas, dizendo que tinha esquecido. Depois, nada. Eu e minha mãe ficamos olhando uma para a outra. Nunca vi mamãe com aspecto tão arrasado nem quando papai morreu. Dizia apenas: — A criança — mas nada. Entramos.

Ela levanta, vai até a janela, urna mulher bonita com vestido amarelo de verão, sem costas.

— É como se eu estivesse revivendo tudo mais uma vez — diz ela voltando-se para mim. — Estou agitadíssirna — ¨Da uma risada curta, apoiando os cotovelos na palma da mão.

— Ela era tão bonita! Por estes retratos não da nem para ter ideia.

Carros passam lá fora, indo e vindo, e eu. sentado, esperando que ela prossiga. Ela me faz lembrar um desportista preste a dar um salto de vara, olhando em dúvida se não é alto demais.

— Minha mãe preparou um chá quente para nós, bem forte, com leite, (igual ao que

costumava fazer quando nas minhas peraltices alguém me empurrava para dentro) de um pé de urze, ou quando caia da bicicleta. Estava horrível, mas tomamos assim mesmo, sentadas no nicho da cozinha, uma em frente à outra. Ela usava um vestido velho de andar em casa, a bainha despencada atrás, e eu, meu duas-peças de Meretriz da Babilônia. Quis chorar, mas a situação era real demais para se chorar; aquilo não era filme. Certa vez em Nova York vi um velho bêbado levando pela mão uma menininha de vestido azul. A menina estava de nariz sangrando de tanto chorar. O velho tinha papeira, seu pescoço parecia uma câmara de ar. No meio da testa, um galo vermelho e um comprido cordão branco no blusão de sarja azul. Todo mundo passava rápido, passava e voltava, porque assim em breve não perceberia mais a dupla. Isto era real também.

— Ia contar o fato a minha mãe, estava abrindo a boca para falar, quando aconteceu aquilo... que é justamente o que você quer que eu lhe conte. Houve um grande baque surdo lá fora que fez os copos tinirem no armário de louça. Era um ruído sólido e grosso, uma sensação como se alguém tivesse empurrado um cofre de ferro através de um telhado, por exemplo.

Acende novo cigarro e solta rápidas baforadas.

— Fui até a janela, olhei para fora, não vi nada. Quando ia me virar, caiu mais alguma coisa, que brilhava ao sol. Por um instante pensei que fosse uma grande bola de vidro. Bateu no canto do telhado da casa dos White, despedaçou-se. Não era vidro coisa alguma. Era um enorme bloco de gelo, ia me virar para mostrar a mamãe, quando começara cair, de repente, numa saraivada.

— Caíam no telhado da casa dos White, no jardim da frente e no quintal. Lá fora na porta do celeiro. Era um puxado de telhado de zinco, e a primeira pedra a atingi-lo ecoou como sino de igreja. Eu e minha mãe gritávamos agarradas urna a outra como meninas durante um temporal.

— Depois parou. O silêncio na casa era agora completo. Via-se o gelo derretido pingar das telhas de ardósia com a luz do sol. Um grande bloco de gelo ficou preso entre o telhado e a chaminé. Ofuscava tanto que minha vista doía ao olhar para ele.

— Um grande bloco de gelo ficou preso entre o telhado e a minha mãe estava começando a perguntar o que tinha sido aquilo, quando Margaret deu um berro Ouvimos nitidamente. Talvez tenha até sido pior do que antes, pois agora havia terror em sua voz. Logo depois começou o barulho de coisas batendo e quebrando, como se ela estivesse jogando tudo que era prato e panela na menina.

— A porta dos fundos abriu e fechou violentamente. Ninguém saiu. Os gritos se repetiam. Mamãe me pediu para chamar a polícia, mas eu não consegui sair do lugar. O sr. Kirk apareceu no quintal com a mulher, para olhar. Os Smiths vieram também. Em pouco tempo todos os que estavam dentro de casa saíram, mesmo a velha Sra. Warwick, lá do fim do quarteirão, que era surda de um ouvido.

— Coisas começaram a ser quebradas, aos estrondos, tinindo. Copos e garrafas e nem sei mais o quê. A janela do lado foi rebentada e uma mesa de cozinha atravessou-a, ficando pendurada. Juro por Deus. Era uma mesa grande de mogno que arrancou a esquadria. Devia pesar uns cento e cinquenta quilos. Como podia uma mulher, mesmo que fosse grande e forte, jogar aquilo?

— A senhora está insinuando alguma coisa?

— Não; apenas contando — insiste ela. — de repente agitada. — Não estou lhe pedindo para acreditar.

Respira fundo e continua calmamente:

— Durante uns cinco minutos não aconteceu nada. A água pingava das calhas da casa dos White. O geIo cobria todo o gramado e ia se derretendo rapidamente.

Dá uma risada curta, nervosa, e apaga o cigarro.

— E por que não? Era agosto.

Distraída volta até o sofá, depois muda de direção.

— Aí vieram as pedras. Caídas do céu, em plena luz do dia. Desciam assobiando e silvando como bombas. Minha mãe deu um grito: — Pelo amor de Deus! — ¨e cobriu a cabeça com as mãos. Eu não conseguia me mexer. Fiquei olhando tudo. Imóvel. Que importava. de qualquer maneira só estavam caindo na propriedade dos White.

— Uma delas atingiu um condutor, arrancou-o e jogou no gramado. Outras fizeram rombos no telhado, indo cair no sótão. Cada vez que uma pedra atingia o telhado, havia um estrondo e nuvens de poeira se levantavam. As que caiam no chão faziam estremecer tudo. Sentia-se o baque sob os pés.

— Nossa louça tinia, a cristaleira estremeceu, a xícara de chá de minha mãe caiu no chão e quebrou.

— As pedras abriram grandes crateras no quintal da casa dos White. Ela teve que alugar um caminhão na cidade para levá-las, e Jerry Smith, lá do final da rua, pagou um dólar ao motorista para tirar uma lasca. Mandou examiná-la e lhe disseram que era granito comum.

— Uma das últimas a cair acertou uma pequena mesa no quintal e a despedaçou. Mas nada, absolutamente nada que estivesse fora da propriedade delas foi atingido.

Faz uma pausa. volta-se da janela, olha para mim. o rosto pálido de recordações. Uma de suas mãos brinca perdida com o cabelo de corte displicentemente elegante.

— Pouca coisa apareceu nos jornais. Quando Billy Harrís chegou — era ele quem colhia as noticias de Chamberlain — o telhado já havia sido consertado, e quando lhe contaram que as pedras o tinham atravessado achou que estávamos brincando.

— Ninguém quer acreditar, nem mesmo hoje. O Senhor e todos os outros que lerem o que está escrevendo custariam de dar uma gargalhada me chamando de mais uma dessas malucas que pegou sol demais na cabeça. Mas o fato é que aconteceu. Uma porção de gente viu e foi tão real quanto o velho bêbado com a garotinha de nariz sangrando. E tem outra coisa, que ninguém pode desprezar com uma simples gargalhada: o número de mortos é grande demais...E estes não se restringem apenas à propriedade dos White.

Stella Horan sorri, sem achar a menor graça, e continua:

— Ralph White tinha seguro e, por ocasião de sua morte, a Sra. White recebeu um bom dinheiro...indenização em dobro. Deixou a casa segurada também, mas ela nunca recebeu um tostão pelo estrago. O dano foi causado por forças da natureza, por um ato de Deus. Justiça poética, hein?

Dá mais uma risada, não por ter achado graça...

Encontrado escrito num dos cadernos de Carrie White da Ewen Consolidated High School:

Todos devem ter adivinhado/ que ela não será abençoada/ até que veja finalmente que em nada é diferente...

Carrie entrou e fechou a porta atrás de si. A luz do dia desapareceu, substituída por sombras escuras, pelo frio e o cheiro sufocante de talco. O único ruído era o tique-taque do cuco da floresta Negra, na sala. A mãe tinha ganhado o relógio numa rifa. Certa vez, na sexta série. Carrie decidira perguntar à mãe se rifa não era pecado, mas não tivera coragem.

Atravessou o corredor, pendurou o casaco no armário. Uma figura luminosa por cima dos cabides retratava um Cristo tétrico, pairando com olhar furioso por sobre uma família reunida à mesa da cozinha. Abaixo, a legenda (também luminosa):

O Hóspede Invisível.

Entrou na sala, ficou em pé no meio do tapete desbotado, quase esgarçado. Fechou os olhos, e ficou observando os pequeninos pontos de luz passarem em disparada na escuridão. Uma dor de cabeça maçante latejava-lhe as têmporas.

Só.

A mãe trabalhava no centro da cidade, na tinturaria Blue Ribbon, que passava e dobrava automaticamente. Tinha este emprego desde que Carrie tinha cinco anos, quando o dinheiro recebido pelo seguro de acidente do pai foi escasseando. Seu horário era das sete e trinta da manhã até às quatro da tarde. Todos na tinturaria eram hereges, especialmente o sr. Elton Mott, o supervisor. A mãe lhe havia dito isto uma porção de vezes. Dizia também que Satã havia reservado, no inferno, um canto especial para Elt (assim era chamado na tinturaria).

Só.

Abriu os olhos. Na sala havia duas cadeiras de espaldar reto. Havia ainda uma mesa de costura com uma lâmpada, onde Carrie às vezes fazia seus vestidos à noitinha, enquanto a mãe tecia paninhos de mesa e falava sobre O Futuro. O cuco da floresta Negra ficava na parede dos fundos.

Havia muitos quadros religiosos, mas Carrie gostava mais do que ficava na parede por cima de sua cadeira. Representava Jesus guiando seus cordeiros por uma colina verde e macia como o campo de golfe do Riverside. Havia outros menos tranquilos: Jesus expulsando os mercenários do templo; Moisés arremessando suas Tábuas contra os adoradores do bezerro de ouro; Tomé, o incrédulo, colocando sua mão nas feridas de Cristo (meu Deus, que fascínio e que pesadelos este quadro lhe havia causado em criança!); a arca de Noé flutuando em meio aos pecadores agonizantes que se afogavam; Lot e sua mulher fugindo do grande incêndio de Sodoma e Gomorra.

Numa pequena mesa de madeira havia urna lâmpada e uma pilha de folhetos. O primeiro mostrava um pecador (condição óbvia diante da expressão de agonia em seu rosto) tentando se esconder, rastejando para debaixo de uma grande pedra. E um título berrante: Nem a pedra o escondera NAQUELE DIA!

Mas o que dominava o quarto era um grande crucifixo de gesso na parede dos fundos,

com metro e meio de altura. Tinha sido encomendado especialmente em St. Louis. O Cristo nele sacrificado trazia estampado no tosto um grotesco ricto de dor, os músculos retesados, a boca escancarada, retorcida em lamentos. Sua coroa de espinhos fazia o sangue escorrer rubro pela fronte e têmporas Os olhos revirados em expressão medieval de agonia. As mãos igualmente encharcadas de sangue, os pés pregados num pequeno apoio de gesso. Também esta figura havia provocado em Carrie pesadelos sem fim, nos quais o Cristo mutilado a caçava pelos corredores do sonho, segurando pregos e martelo, pedindo-lhe para que ela pegasse sua cruz e o seguisse. Recentemente estes sonhos haviam se transformado em algo menos compreensível, porém mais sinistro ainda. A intenção Dele não parecia ser assassina-la mas algo muito pior ainda.

Só.

A dor nas pernas, na barriga e no ovário haviam diminuído um pouco. Não mais pensava que fosse se esvair em sangue. Menstruação era a palavra que, de repente, lhe pareceu lógica e inevitável. Eram os seus Dias do Mês. Soltou urna risada estranha, assustada, em meio ao silêncio solene daquela sala. Parecia até nome de programa de auditório: Também você poderá ganhar uma viagem às Bermudas com todas as despesas pagas a seus Dias do Mês. Como a lembrança das pedras, também o conhecimento da menstruação parecia ter estado sempre lá, bloqueado, mas latente.

Voltou-se e subiu a escada a passos pesados O piso do banheiro era de madeira, quase branco de tanto esfregar (limpeza vem logo depois de devoção), e uma banheira apoiada e patas com garras. Manchas de ferrugem escorriam ao longo esmalte, pelo registro cromado. Não havia chuveiro. A mãe dizia que chuveiros eram pecaminosos.

Carrie entrou, abriu o armário das toalhas e começou procurar resoluta, porém com muito cuidado, sem deixar nada fora do lugar, pois a mãe tinha um olho...

A caixa azul estava lá no fundo atrás das toalhas velhas, já fora de uso. Num dos lados havia a silhueta meio apaga de uma mulher usando um longo vestido de gaze.

Tirou um Modess e examinou-o curiosa. Certa vez numa esquina tinha usado um desses em público para tirar o excesso de batom que trazia escondido no bolso. Agora se lembrava (ou imaginava lembrar) dos olhares estranhos, surpresos. Enrubesceu violentamente. Elas lhe tinham dito. De vermelha, ficou branca de ódio.

Foi para seu minúsculo quarto. Aí havia mais um sem número de gravuras religiosas, porém com mais cordeiros e menos cenas de cólera e justiça. Uma flâmula da escola esta presa por cima de sua penteadeira. Em cima do móvel havia uma Bíblia e um Cristo em gesso fosforescente.

Mudou de roupa... Primeiro tirou a blusa, depois a odiada saia que lhe descia abaixo dos joelhos, a combinação, cinta, as calças, as ligas, as meias. Com olhar de ódio e infelicidade contemplou aquele monte de roupas pesadonas, os botões e os elásticos. Na biblioteca da escola havia uma pilha de Seventeen velhas (figurinos para adolescentes) que muitas vezes folheava, uma expressão idiota de fingida naturalidade no rosto. Aqueles modelos pareciam tão simples e fáceis, tão suave aquelas fabulosas sainhas curtas, as saias-calça, a roupa de baixo estampada, cheia de preguinhas. Claro que fácil era uma das palavras prediletas da mãe (Carrie sabia perfeitamente qual seria a opinião dela a respeito) para descrever os manequins. Sabia também que ela se sentiria muito envergonhada. Nua, má, maculada pelo pecado do exibicionismo, a brisa lhe soprando

lascívia nas pernas, excitante, sensual. Carrie sabia que elas também saberiam o que ela estava sentindo. Sempre sabiam. Elas sempre encontravam um jeito de embaraça-la, de empurra-la de volta para sua ridícula posição de palhaço. Era o jeito delas.

Podia, sabia perfeitamente que podia ser (o quê) em qualquer outro lugar. Tinha cintura grossa, só porque se sentia tão infeliz, vazia , entediada, que a única maneira de preencher esse vazio, de satisfazer esta ânsia, era comer, comer sem parar — mas também não era tão gorda assim. Sua estrutura química não lhe permitia ir além de um certo ponto. Achava até que suas pernas eram realmente bonitas, quase tão bonitas quanto às de Sue Snell ou Vicky Hanscom.

Podia ser (o que o que meu Deus) podia parar da comer chocolate, e as espinhas melhorariam. Sempre tinham melhorado. Podia ajeitar o cabelo. Comprar saias-calça e colantes verdes e azuis. Podia fazer sainhas e vestidos pelos moldes Simplicity. Não custavam mais que uma passagem de ônibus ou de trem. Podia, podia ser, podia estar...

Viva.

Desenganchou o sutiã de algodão grosso e deixou-o cair no chão. Seus seios eram de um branco leitoso, rijos, lisos. Os bicos ligeiramente cor de café. Correu as mãos por cima deles; um estremecimento atravessou-lhe o corpo. Era o mal, a ruindade. A mãe havia lhe dito que existia Qualquer Coisa. E esta Coisa era perigosa, antiquíssima inexprimivelmente má. Fazia a gente se sentir Fraca. Cuidado, dissera-lhe a mãe. Ela vem à noite. Fará você se lembrar do mal que se passa em carros estacionados por aí, nos hotéis em beira de estrada.

Agora eram apenas nove e vinte da manhã, mas Carrie achava que a Coisa tinha vindo até ela. Passou a mão pelos seios (travesseirimundos) novamente; a pele fresca, suave, mas os bicos duros e quentes, e ao beliscar um deles se sentiu Fraca, dissolvendo. Isto mesmo era a Coisa.

Suas calças estavam manchadas de sangue.

De repente sentiu necessidade de chorar, de gritar, de arrancar esta Coisa de dentro de si, inteira, palpitante. esmagá-la, matá-la.

O Modess que Miss Desjardin lhe havia colocado já estava todo mole. Mudou-o cuidadosamente, consciente de sua ruindade, sua e deles, do ódio que sentia deles e de si mesma. Só mãe era boa. A mãe, que havia lutado com o Homem Negro e o vencera. Carrie o havia visto em sonhos. Com uma vassoura a mãe o expulsara pela porta da frente, e o Homem Negro tinha fugido pela noite adentro, subindo a Carlin Street, seus pés em casco arrancando fagulhas do cimento.

Sua mãe conseguira arrancar a Coisa, e era pura.

Carrie a odiava.

Vislumbrou seu rosto num pequeno espelho barato d moldura de plástico verde, pendurado atrás da porta, e que servia apenas para ela poder se pentear.

Tinha ódio de seu rosto, daquela cara estúpida, bovina idiota; dos olhos sem expressão, das espinhas brilhantes, de montes de cravos. Como o odiava!

Sua imagem de repente se partiu num estalido argênteo de vidro. O espelho estilhaçou-se a seus pés, deixando apenas a moldura de plástico verde a olhar para ela como olho de

cego.

Do Dicionário de Fenômenos Psíquicos

De Ogílvie:

Telecinética é a capacidade de mover objetos ou modificá-los pela força da mente. Este fenômeno se manifesta durante crises ou tensões nervosas, havendo provas de carros que foram levitados libertando corpos presos por baixo deles, ou de escombros de prédios que ruíram, etc.

O fenômeno é frequentemente confundido com a obra dos poltergeists, que são duendes folgazões. Deve-se lembrar ainda que os poltergeists são seres astrais de realidade questionável enquanto a telecinética é considerada uma função empírica da mente, possivelmente de natureza eletroquímica...

Depois de terem se amado, ao ajeitar lentamente sua roupa no banco dos fundos do Ford 1963 de Tommy Ross, Sue Snell sentiu seus pensamentos se voltarem para Carrie White.

Era uma sexta-feira à noite e Tommy (que olhava pensativo pela janela, as calças ainda arreadas — um quadro um tanto cômico mas de uma estranha ternura) a havia convidado para jogar boliche. Claro que era apenas urna desculpa mutuamente aceita, pois desde o inicio eles só pensavam em fornicação.

Desde outubro ela vinha saindo em companhia de Tommy com certa frequência (agora era maio),e eram amantes há apenas duas semanas. Sete vezes, aliás, corrigiu ela. Esta noite havia sido a sétima. Até aí ainda não tinha havido foguetório, nem bandas de musica tocando hinos cívicos. mas já tinha sido um pouco melhor.

A primeira vez tinha doído pra diabo. Helen Shyres e Jeanne Gault. suas amigas. já o haviam feito antes e ambas haviam lhe garantido que a dor era apenas momentânea — como uma injeção de penicilina — e que depois tudo era um mar de rosas. Mas, para Sue. a primeira vez foi como se lhe introduzissem um cabo de enxada. Com urna risada meio amarela, Tommy lhe havia confessado, depois, que ele também tinha colocado a borracha errado.

Esta noite, pela segunda vez, ela começara a sentir algum prazer, mas logo tudo terminara. Tommy tinha aguentado o mais que pôde, mas aí simplesmente... acabara. Era muita fricção para pouco calor,

Depois ela se sentiu deprimida e melancólica. E neste estado de espírito seu pensamento se voltou para Carrie. Uma onda de remorso se abateu sobre ela, (num momento em que estava sem qualquer defesa emocional, e quando Tommy , que estivera contemplando Bríckard Hill, se virou. ela estava chorando.

— Hei — fez ele alarmado. — O que houve? — Abraçou-a desajeitado.

— Nada não. — disse ela ainda chorando. — Não é com você. Eu hoje fiz um troço meio chato. Estava me lembrando agora.

— Que foi'? — alisou carinhosamente sua nuca.

E assim, de repente, ela se viu mergulhada no incidente que ocorrera aquela manhã, mal

acreditando estar ouvindo sua própria voz. Constatou que, honestamente falando, a principal razão em ter deixado Tommy possuí-la era (amor? paixão'? pouco importava pois o resultado dava na mesma) e agora assumir uma posição desta — de participante de uma sórdida brincadeira numa sala de banho dificilmente era o método acertado para fisgar um sujeito E Tommy era sem dúvida Popular. Como ela mesma tivesse sido Popular a vida inteira, parecia até que estava escrito que iria encontrar e se apaixonar por alguém igualmente Popular. Era quase certo eles serem escolhidos Rei e Rainha do Baile da Primavera da escola; as classes mais altas até já os haviam eleito para Dupla do Ano. Eles haviam se tornado uma estrela fixa no firmamento instável dos relacionamentos escolares, aceitos por todos como Romeu e Julieta. Com certo ódio reconheceu de repente que em cada ginásio de brancos, em todos os subúrbios da América do Norte, havia uma dupla igual a eles.

Tendo conseguido algo pelo qual sempre ansiara — uma certa posição, segurança e status — constatou que isto lhe trazia, no entanto, urna certa sensação de mal-estar, como a de ter uma irmã de pele mais escura. Não era bem assim que ela tinha imaginado as coisas. Havia algo sinistro preso àquele seu cálido círculo de luz, como por exemplo ela ter se deixado futricar (também não é preciso usar estes termos sim desta vez é) apenas porque ele era Popular. Ou porque faziam boa figura juntos e que, ao olhar para sua imagem na vitrina, ela pudesse pensar: Lá vai um belo casal. Tinha quase certeza (ou ao menos a esperança) de que não era tão fraca nem tão submissa para satisfazer docilmente as complacentes expectativas de pais. irmãos e até dela mesma. Mas havia o caso do chuveiro no qual mergulhara com um prazer selvagem. A palavra que ela realmente estava evitando era Conformar-se, no infinitivo, pois lhe trazia à mente imagens acabrunhadoras de cabelos enrolados, de tardes sem fim passadas diante de uma tábua de passar, assistindo a novelas de televisão, enquanto o maridinho estava fora levando vilões à bancarrota num escritório anônimo qualquer. Ou tornar-se membro da Associação de Pais e Professores, e mais tarde sócio do Country Club, quando o ordenado tivesse um zero a mais. Ou as pílulas sem conta, em redondas caixinhas amarelas, para não perder seu manequim de menina-moça antes que fosse realmente necessário; lutando contra a intrusão de pequenos seres estranhos, repulsivos, que sujavam fraldas e berravam pedindo socorro às duas da manhã. De lutar com decoro desesperador para manter os negros afastados de Kleen Korners, de ficar em pé ombro a ombro com Terri Smith (Miss Flor de Batata 1975) e Vicki Jones (vice-presidente da Liga Feminina), armada de letreiros e petições, de sorrisos encantadores com uma ponta de desespero.

Carrie, era aquela maldita Carrie a culpada de tudo isto. Talvez antes ela tivesse ouvido o ruído de passos distantes rondarem seu lugar ao sol, mas hoje escutando sua própria história, sórdida e torpe, viu a silhueta real de todas estas coisas, os olhos amarelos, brilhando como lanternas no escuro.

Seu vestido para o baile da escola já estava comprado. Era azul. Era bonito.

— Tem razão — disse ele quando ela terminou — também não gostei. Nem parece coisa sua. — Seu rosto estava grave e ela sentiu uma nesga de terror. Depois ele sorriu — seu sorriso alegre — e o sentimento sombrio recuou um pouco.

— Certa vez dei um chute num garoto que estava derrotado no chão. Alguma vez lhe contei?

Sacudiu a cabeça negativamente.

— Foi. — Esfregou o nariz, recordando, tez um ruído com a bochecha, um tique, como na hora em que lhe confessou ter colocado a borracha errado.

— O garoto se chamava Dannv Patrick. Quando estávamos no terceiro ano ele um dia me deu uma tremenda surra. Tinha ódio dele, porém medo também. Fiquei de tocaia. Sabe como, não é?

Ela não sabia, mas disse que sim de qualquer maneira.

— Finalmente, um ou dois anos mais tarde ele escolheu o garoto errado. Pete Taber. Era um garoto miúdo mas musculoso. Danny engrossou com ele por causa de bolas de gude ou sei lá o quê, e Peter acabou se enfurecendo, com toda razão, e Danny apanhou que não foi brincadeira. Foi no pátio da escola. Danny caiu, bateu com a cabeça e desmaiou. Todos fugiram. Pensávamos que ele poderia estar morto. Corri também, mas primeiro lhe acertei um bom pontapé nas costas. Mais tarde me arrependi, me senti mal, tremendamente mal. Você vai pedir desculpas a ela?

A pergunta pegou Sue desprevenida e tudo que ela conseguiu fazer foi perguntar indecisa:

— Você pediu?

— Ora, claro que não! Tinha mais que fazer do que gastar meu tempo com retratações. Mas seu caso é completamente diferente, Susie.

— É? Por quê?

— Não estamos mais na quarta série. E eu pelo menos ainda tinha uma desculpa, mesmo que fosse muito esfarrapada mas era uma desculpa. Já no seu caso, que mal lhe fez aquele pobre-diabo desgraçado?

Ela nada respondeu porque não tinha o que responder. Em toda sua vida não havia trocado mais de cem palavras com Carrie e, destas, umas quarenta tinham sido ditas hoje. Depois que terminaram o ginásio, a única aula que tinham tido em comum era educação física. Carrie seguia o curso de comércio e contabilidade. Sue, evidentemente, o de letras.

De repente ela se achou abominável.

Como a ideia lhe fosse insuportável, para se livrar começou a atacá-lo:

— Quando é que você começou a tomar todas estas decisões moralistas? Depois que começamos a trepar?

O bom humor desapareceu de seu rosto e ela se arrependeu,

— Acho que devia ter calado a boca — disse ele ajeitando suas calças.

— Você não; eu. — Colocou a mão no seu braço. — Desculpa, ouviu?

— Ouvi. Mas de qualquer maneira não devia ter me metido a dar conselhos. Não sou bom nisto.

— Tommy, você alguma vez teve ódio de ser tão Popular?

— Eu?! — a surpresa estava escrita em seu rosto. — Você se refere ao fato de ser representante de turma, presidente da equipe de futebol e coisas assim?

— É.

— Não. Não é coisa de importância. O ginásio todo, aliás, não tem grande importância. Quando você está para entrar, acha que é uma grande coisa. Mas, depois que acaba, ninguém realmente acha que foi grande coisa, a não ser que se esteja com a cuca cheia de cerveja como meu irmão e a turma dele sempre estão.

Nada disso era conforto para ela, e só lhe aumentava os receios. A pequena Susie, a figura popular de Ewen High School, a líder de todo aquele regimento, com o vestido de festa guardado para sempre no armário, embrulhado em plástico protetor.

À noite em sua escuridão comprimia-se violenta contra as janelas embaçadas do carro.

— Eu provavelmente acabarei trabalhando com meu pai, com carros — disse ele. — Passando as noites de sexta e sábado no Uncle Bill's ou lá no The Cavalier, tomando cerveja e falando sobre aquele sábado à tarde em que peguei aquela bolada de Saunders e os transtornos que causamos em Dorchester. Casarei com alguma liberal chata, andarei sempre em carros do ano, votarei nos democratas.

— Pare com isto — disse ela, num tom de repente cheio de negro e doce horror. Ela o puxou para junto de si. — Me ame. Minha cabeça anda tão ruim esta noite. Me ame!

E desta vez tudo foi diferente. Finalmente parecia haver espaço, não era mais aquela esfregação cansativa, mas uma fricção deliciosa que subia cada vez mais: duas vezes ele teve que parar, ofegante, refrear-se e continuar novamente, (ele era virgem antes de me possuir o que admitiu pensei que fosse mentira) com força; sua respiração vinha aos arrancos e depois começou a gritar, segurando-se firme nas costas dele, incapaz de parar, suando, o gosto ruim lavado de sua boca, cada célula de seu corpo parecendo atingir seu próprio clímax, o corpo transbordando em luz, música em sua mente, borboletas esvoaçando dentro do crânio, a prisão da mente.

Mais tarde, a caminho, de casa, ele lhe perguntou com toda formalidade se ela gostaria de ir ao Baile da Primavera com ele. Aceitou. Perguntou-lhe também se tinha decidido o que fazer com Carrie. Disse que não sabia. Ele respondeu que não importava, mas ela achava que sim. Importava e muitíssimo.

Do livro: "Telecinética — Sua análise e conseqüências' (Anuário de Ciências de 1981), do reitor D. L. McGuffin:

Evidentemente, hoje em dia ainda existem cientistas tendo infelizmente o grupo da Universidade de Duke na vanguarda — que rejeitam as terríveis implicações que envolvem o caso Carrie White. Como por exemplo a Sociedade da Planície, os Rosacrucianos, ou os Corlies do Arizona, que são positivos em afirmar que a bomba atômica não funciona, estes pobres infelizes que — com desculpas pela metáfora — voam diante da lógica com as cabeças enfiadas dentro da areia.

É evidente que se pode entender muito bem a consternação, o alarido, as cartas de protesto e os argumentos contra simpósios. A própria ideia da telecinética, com todos os requintes de filme de horror, as mesas oujia, os médiuns, as batidas na mesa, as coroas de nobreza flutuando ao ar, já é em si uma pílula amarga para a comunidade científica. Entender, no entanto, não é desculpa para irresponsabilidades científicas.

O caso White e suas consequências suscitam questões graves e difíceis. Um verdadeiro terremoto abalou essas Concepções ordenadas de como um mundo normal deve agir e

reagir. Por isto não se pode culpar um físico de renome como Gerald Luponet quando ele alega que tudo isso não passa de fraude e mistificação, mesmo diante das provas esmagadoras fornecidas pela Comissão White. Pois se Carrie White for a verdade, que faremos de Newton?...

Carrie estava sentada com a mãe na sala ouvindo Tenessee Ernie Ford cantar Que as Luzes Inferiores Continuem a Arder, num fonógrafo de marca Webcor (que a mãe chamava de vitrola, ou quando estava especialmente bem humorada de vic). Instalada na máquina de costura Carrie pedalava, pregando as mangas num vestido novo. A mãe estava sentada debaixo do crucifixo de gesso tecendo paninhos, com o pé marcando o compasso do hino que era um de seus favoritos, P. P. Bliss, autor do hino, e um sem-número de homens iguais a ele eram para a mãe o exemplo vivo e radioso de Deus a labutar na face da Terra. P. P. Bliss tinha sido marujo e pecador (duas palavras sinônimas no vocabulário da mãe), um blasfemador, que ria na cara do Senhor. Certa vez uma grande tempestade ameaçava fazer virar o barco e ele, o fraco pecador, tinha caído de joelhos, diante da visão do Inferno escancarada no fundo do mar, aberta para recebê-lo, e tinha orado a Deus. Prometera-lhe que se fosse salvo dedicaria a Ele o resto de sua vida. É claro que imediatamente a tempestade amainou.

Como todos seus hinos, também este tinha sempre presente um sabor de mar, falava no farol da divina misericórdia, (no litoral) por cuja iluminação os homens teriam que velar.

O vestido que Carrie cosia era bonito, cor de vinho escuro — a cor mais próxima do vermelho que a mãe lhe permitia —, tinha até mangas bufantes. Esforçava-se por manter suas ideias fixas estritamente à costura, mas era evidente que elas divagavam.

A luz acima de sua cabeça era forte, violenta e amarela, o pequeno sofá de veludo empoeirado e obviamente deserto (Carrie nunca tivera permissão para trazer qualquer rapaz pra dentro de casa), e, na extremidade oposta, dois vultos irmãos : Jesus crucificado, e, abaixo Dele, sua mãe.

A escola tinha mandado chamar a mãe na lavanderia e ao meio-dia ela estava em casa. Carrie a tinha visto chegar, e tremeu por dentro.

Margaret White era uma mulher grande sempre de chapéu na cabeça. Ultimamente suas pernas andavam inchadas, e os pés pareciam estar sempre transbordando por cima dos sapatos Usava um casaco de fazenda preta, com gola de pele, olhos azuis pareciam enormes atrás das lentes bifocais sem aro Sempre carregava urna grande sacola preta dentro da qual estavam sua bolsinha de níqueis, a carteira de notas (ambas pretas, uma grande Bíblia — também preta) com seu nome gravado na capa, e uma pilha de folhetos presos por um elástico. Eram geralmente cor de laranja, muito mal impressos.

Carrie sabia vagamente que a mãe e o pai tinham sido batistas e que tinham abandonado a igreja quando se convenceram de que estavam fazendo o trabalho do anticristo. Desde então, todo o culto era em casa. Havia cultos aos domingos, terças e sextas, que eram chamados de santificados. A mãe era o ministro e Carrie a congregação. A cerimônia religiosa durava de duas a três horas.

A mãe abriu a porta e entrou com toda calma — Carrie e ela ficaram olhando fixamente para o pequeno corredor que se estendia a sua frente, como artilheiros antes de

começarem a disparar. Foi um desses breves instantes que em retrospecto pareciam (medo seria realmente medo o que se via nos olhos da mãe) muitos mais longos.

A mãe fechou a porta.

— Você agora é mulher — disse ela em voz baixa.

Carrie sentiu seu rosto se contrair, sentiu-se desmoronar e não e pôde se controlar:

— Por que você não me falou? — exclamou ela — Puxa, mãe, fiquei tão assustada, e as garotas todas não teriam zombado de mim, jogado coisas e...

A mãe veio se encaminhando para ela e de repente sua mão ergueu-se e desceu ágil e rápido, uma mão dura, musculosa, cheia de calos do terno. Com as costas acertou o maxilar de Carrie que caiu no limiar da porta, entre a entrada e a sala, soluçando alto.

— E Deus fez Eva de uma costela de Adão — disse ela. Seus olhos estavam enormes por detrás das lentes sem aro; pareciam dois ovos pochés. Acertava-lhe chutes com o lado do pé, e Carrie gritava.

— Vamos, mulher, levanta. Vamos entrar para rezar. Vamos orar a Cristo por nossas almas de mulher, fracas, más e pecadoras.

— Mãe!...

Os soluços eram violentos demais para poder falar. O histerismo latente explodira em palavras desarticuladas e risadas de escárnio. Não conseguiu se pôr de pé. Engatinhava pela sala, o cabelo caído no rosto, urrando em altos, ásperos soluços. Volta e meia levava um chute. Assim prosseguira pela sala, até onde ficava o altar, num cubículo que antes tinha sido quarto de dormir.

— E Eva foi fraca e... anda mulher, repete!

— Não, mãe, por favor...

Um pontapé vibrou. Grito de Carrie.

— E Eva foi fraca e soltou o negro corvo o pelo mundo — continuou a mãe. — E o corvo se chamava Pecado, e o primeiro Pecado foram as Relações. E o Senhor fez cair uma Maldição sobre Eva, e esta Maldição foi a Maldição do Sangue. E Adão e Eva foram expulsos do Paraíso para o mundo, e Eva descobriu que seu ventre estava inchado com um filho.

Um novo chute atingiu as nádegas de Carrie. Seu nariz raspou no assoalho de madeira. Estavam entrando no recinto do altar. Na mesa coberta com uma toalha de seda via-se uma cruz, ladeada de velas brancas. Atrás havia diversos quadros, desses pintados em série, de Jesus e seus apóstolos. À direita estava o pior lugar de todos, a morada do terror, o covil onde toda esperança, toda resistência à vontade de Deus — e da Mãe — se extinguia completamente. A porta aberta do quartinho ria maliciosa. Lá dentro, debaixo de uma hedionda luz azul eternamente acesa, estava uma reprodução da concepção de Derrault, do famoso sermão de Jonathan Edward, Pecadores nas Mãos de um Deus irado.

— E houve uma segunda Maldição, e esta foi a Maldição da Concepção, e Eva gerou Caim em sofrimento e dor.

Meio em pé, meio rastejando, a mãe arrastou-a até o altar, onde ambas caíram de joelhos. Com toda torça. a mãe segurava o braço de Carrie.

— E, depois de Caim, Eva deu a luz a Abel, não tendo ainda se arrependido do Pecado das Relações Sexuais. Assim sendo, Deus fez cair a terceira Maldição sobre Eva, e esta foi a de Homicídio. Caim ergueu-se e matou Abel com uma pedrada. Mas nem assim Eva se arrependeu, nem todas as suas filhas, e, sobre Eva, a Astuciosa Serpente fundou seu reino de prostituição e pestilência.

— Mãe! — gritou Carrie. — Mãe, por favor! Não foi minha culpa!

— Abaixe a cabeça — respondeu esta. — Vamos rezar.

— Você deveria ter-me dito!

E a mão materna desceu sobre a nuca de Carrie com o força muscular de onze anos de erguer pesados sacos de roupa, de carregar pilhas de lençóis molhados. O rosto de Carrie, os olhos esbugalhados com o tranco, foi jogado para a frente e a testa bateu no altar, onde deixou uma marca; as velas tremeram.

— Vamos rezar — continuou a mãe, implacável, em voz baixa.

Chorando e fungando, Carrie baixou a cabeça. Grosso ranho lhe pendia do nariz e ela (se eu ganhasse um tostão toda vez que ela já me fez chorar aqui) o limpou com as costas da mão.

— Senhor — declamou a mãe solenemente, a cabeça jogada para trás. — Ajude esta pecadora aqui a meu lado a ver os seus pecados. Mostre-lhe que se tivesse permanecido sem pecados, a Maldição do Sangue não a teria atingido. Em pensamentos ela deve ter cometido o Pecado de Luxúria. Deve ter ouvido músicas de rock no rádio. Deve ter sido tentada pelo Anticristo. Mostre-lhe que esta é a Sua benévola e vingativa mão em ação e...

— Não! Me largue!

Tentou pôr-se de pé, porém a mão, dura e impiedosa, como algemas de ferro, fê-la ajoelhar-se novamente.

— ... o seu Sinal que de agora em diante deverá seguir pela trilha reta e estreita, se quiser evitar as agonias das chamas da Cova Eterna. Amém.

Virou-se, os olhos ardentes, ampliados, fixos na filha;

— Agora vá para seu quarto.

— Não! — Ela sentiu sua respiração pesada de terror.

— Vá para seu quarto! — Reze em segredo. Peça perdão por seu pecado.

— Mas eu não pequei mãe. Foi você quem pecou. Foi você que não me contou nada, e fez com que elas rissem de mim.

Mais uma vez ela sentiu o medo passar como um relâmpago pelos olhos da mãe, rápido e silencioso como um corisco de verão. E a mãe começou a empurrar Carrie para o quarto de luz azul.

— Reze e talvez seus pecados possam ser apagados.

— Me solte, mãe!

— Reze, mulher!

— Olha que eu faço as pedras voltarem, mãe.

A mãe estancou.

Até sua respiração pareceu ficar paralisada dentro da garganta. Depois a mão apertou o pescoço de Carrie, apertou cada vez mais, até que viu pontos vermelhos e fúnebres dançando diante de seus olhos, e sentiu sua mente enevoar-se, o cérebro distanciar-se.

Os olhos aumentados pelas lentes, flutuavam diante dela.

— Oh, fruto do demônio! — murmurou a mãe. — Por que fui eu tão amaldiçoada?

A mente turbilhonante de Carrie procurou algo bastante grande para exprimir toda sua agonia, vergonha, terror, Ócio e medo. Era como se toda sua vida se tivesse reduzido a este miserável ponto de derrota e rebelião Cota olhos esbugalhados de louca, a boca escancarada, cheia de saliva, gritou.

— CHUPA, sua desgraçada!

A mãe soltou um grito como se lhe tivessem jogado água fervendo.

— Pecado! — gritou ela — Oh, pecado — E desandou a espancar Carrie, as costas. o pescoço e a cabeça. Cambaleando, foi arrastada para o tétrico azul do quarto próximo.

— FUTRICA! — gritava ela. (isto, isto mesmo, foi assim, ou como você acha então que foi concebida, meu Deus)

Foi lançada de cabeça para dentro do cubículo, bateu contra a parede dos fundos, e caiu no chão semiconsciente. A porta bateu; a chave foi passada.

Estava a sós com o Deus da Ira do mãe.

A luz azul incidia sobre a figura de um enorme e barbado Jeová, lançando ululantes multidões humanas dentro de um nebuloso abismo de fogo. Lá em baixo, medonhas figuras negras lutavam em meio às chamas da perdição enquanto o Homem Negro permanecia sentado num enorme trono cor de fogo, um tridente numa das mãos. Seu corpo era de homem, porém a cauda terminava em seta, e a cabeça era de chacal.

Desta vez ela não iria apelar.

Mas apelou. Levou seis horas, mas depois não aguentou mais: chorando, pediu à mãe para abrir a porta e deixá-la sair. A necessidade de urinar era tremenda. O Homem Negro olhava para ela estarrecedor, seus olhos escarlates cônscios de todos os segredos do sangue da mulher.

Uma hora depois de Carrie começar a gritar, a mãe a deixou sair. Desesperada, foi tateando para chegar ao banheiro.

Somente agora, passada três horas, sentada ali, de cabeça baixa como penitente, junto à máquina de costura, lembrou-se da expressão de medo que vira nos olhos da mãe, e pareceu-lhe também saber o porquê.

Houve tempos em que tinha sido mantida presa naquele quartinho até por um dia inteiro — quando roubou aquele anelzinho ordinário lá da loja, por exemplo, ou quando a mãe encontrara o retrato de Flash Bobby Picket debaixo de seu travesseiro — , e uma vez Carrie até chegou á desmaiar por falta de comida e pelo cheiro de seus próprios excrementos. Hoje ela até havia xingado. No entanto a mãe a soltara logo que começara a chamar.

Isto. O vestido estava pronto. Tirou o pé do pedal e segurou-o para dar uma olhada. Era comprido. Era feio. Detestava-o

Sabia por que a mãe a deixara sair.

— Posso ir pra cama, mãe?

— Pode — respondeu sem levantar os olhos de seu trabalho.

Dobrou o vestido por cima do braço. Olhou para a máquina de costura. De repente o pedal começou a se mover. A agulha subia e descia refletindo a luz em reflexos metálicos. O carretel zunia, girando aos arranques. A roda lateral se pôs em movimento.

Assustada, a mãe levantou a cabeça, os olhos esgazeados.

A renda em volta do paninho, de um desenho lindo e complicado, certinho e perfeito, ficou toda emaranhada.

— Apenas distorcendo a linha — disse Carrie

— Vá pra cama — disse a mãe rispidamente, o medo novamente estampado nos olhos.

— Já vou indo (ela ficou com medo de eu arrancar a porta das dobradiças) mãe. (acho até que poderia, acho que poderia mesmo)

Do livro: The Shadow Exploded (página 58):

Margaret White nasceu e cresceu em Motton, uma pequena cidade vizinha de Chambenlain, que envia todas as crianças em idade escolar para os primários e ginásios desta cidade. Seus pais estavam relativamente bem de vidas Eram donos de uma casa próspera situada logo nos limites da cidade de Mott e que se chamava The Jolly Roadhouse (A Alegre Casa de Beira de Estrada). John Brigham, pai de Margaret, foi morto numa rixa de bar, no verão de 1959.

Margaret Brigham, que na época estava com quase 30 anos, começou a freqüentar um círculo de orações dos fundamentalistas. Sua mãe conhecera outro homem (Harold com quem iria se casar mais tarde) e ambos queriam afastar Margaret de casa — pois ela achava que Judith, sua mãe e Harold Allison estavam vivendo em pecado e manifestava seu ponto de vista abertamente. Judith Brigham por sua vez achava a que a filha ia continuar solteirona para o resto da vida, no fraseado mais pungente do futuro padrasto "Margaret tinha cara de traseiro de tanque de gasolina, e um que corpo combinava perfeitamente". Referia-se a ela também como "pequeno Jesus rezador".

Margaret, no entanto se recusou a sair de casa até que 1960, numa reunião de caráter religioso, conheceu Ralph.Em setembro daquele mesmo ano, deixou sua casa em Motton para ir viver num pequeno apartamento em Chamberlain Center.

O namoro de Margaret Brigham e Ralph White terminou em casamento, em 23 de março de 1962. Logo depois, em de abril, Margaret White foi internada por alguns dias no Westover Doctors Hospital.

Que nada, ela nunca disse o que teve — declarou Harold Allison. — Uma única vez que fomos visitá-la, ela nos disse que estávamos vivendo em adultério, apesar de estarmos comprometidos, e que ambos iríamos para o inferno. Disse ainda que Deus havia posto uma marca invisível na nossa testa, mas que ela podia ver. Procedeu realmente como maluca, como um morcego dentro de um galinheiro. Sua mãe tentou ser amável, tentou descobrir o que estava acontecendo com ela. Ficou histérica, delirava falando em anjo armado de espada que passaria pelos estacionamentos dos motéis decapitando os maus. Fomos embora.

No entanto, Judith Allison tinha uma vaga ideia do que poderia ter acontecido à filha; achava que ela tivera um aborto. Se assim fosse o bebê tinha sido concebido extra matrimonialmente. Uma confirmação deste fato seria realmente um aspecto bem interessante do caráter da mãe de Carrie.

Numa carta longa e um tanto histérica dirigida a sua mãe, datada de 19 de agosto de 1962, Margaret diz que ela e Ralph estavam vivendo sem pecado, sem "a Maldição das Relações". Insistia para que Judith e Harold fechassem sua "morada do mal", e fizessem a mesma coisa. Quase no final da carta Margaret declara que "e a única maneira de você & Aquele Homem conseguirem evitar a Chuva de Sangue que está para vir. Eu & Ralph, à semelhança de Maria & José, fazemos questão de ignorar e não poluir a Carrie um do outro Se, houver um fruto, que ele seja Divino".

O calendário, no entanto prova que Carrie foi concebida mais tarde, neste mesmo ano.

Na segunda-feira de manhã, as meninas se vestiram rápidas para o primeiro tempo de aula, educação física, sem brincadeiras de mau gosto, nem gritos ou vaias, e nenhuma delas ficou surpresa quando Miss Desjardin de repente abriu a porta do vestiário e entrou. O apito de prata pendia entre seus pequenos seios, e se o short era o mesmo que usara na sexta-feira, não se via nele nenhum vestígio das marcas de sangue da mão de Carrie

Sem olhar para ela, as meninas continuaram a se vestir mal-humoradas.

— Vocês não são a turma que vai terminar este ano? — perguntou a professora em voz baixa. — Quando vai ser? Daqui a um mês? O Baile da Primavera é antes ainda. A maioria até já escolheu seu par, já tem vestido pronto, aposto. Sue deve ir com Tommy Ross. Helen, com Roy Evarts. Chris imagino que você possa escolher quem quiser. Quem será o felizardo?

— Billy Nolan — disse Chris Hargensen taciturna.

— E não é ele realmente um felizardo? — continuou a professora — E o que é que você vai dar de lembrança para ele, Chris? Um Modess sujo de sangue? Ou um pedaço de papel higiênico usado, quem sabe? Pelo que vejo estas coisas parecem ser seu fraco.

Chris ficou vermelha.

— Vou-me embora. Ninguém pode me obrigar a ficar ouvindo estas coisas.

Desjardin não conseguira se livrar da imagem de Carrie durante todo o fim de semana. Via Carrie gritando, soluçando, um Modess molhado enfiado no meio do pêlo púbico — e sua própria reação de ódio e repulsa.

E, agora, quando Chris tentava fugir, passando correndo por ela, esticou a mão e jogou-a contra uma fila de escaninhos cor de oliva, salientes, que ficavam ao lado da porta interna. Chris arregalou os olhos, chocada, sem acreditar no que estava acontecendo. Depois seu rosto se encheu de um ódio insano.

— Você não pode bater na gente! — gritou ela. — Você vai parar na cadeia por causa disto! Vai ver só, sua filha da mãe! (As outras meninas recuaram e, sem coragem até de respirar, fixavam o chão. A coisa estava ficando séria. Pelo canto do olho, Sue viu que Mary e Donna Thibodeau estavam de mãos dadas).

— Que bem me importa — disse a Desjardin. — Se você ou alguma de suas colegas

achar que eu agora estou falando como professora, vocês estão enganadas. Só quero que vocês todas saibam que o que fizeram na sexta-feira foi uma sujeira. Uma grossa sujeira.

Com um sorriso de deboche Chris Hargensen fitava o chão.

O resto do grupo, sem graça, dirigia a vista para todos os lados. Menos para a professora. Sue surpreendeu-se olhando para dentro do boxe — o cenário do crime — e, rápido, desviou o olhar. Nenhuma delas nunca tinha ouvido a professora falar assim.

— Nenhuma de vocês se lembrou de que Carrie White também tem sentimentos? Será que vocês alguma vez pararam para pensar? Sue? Fern? Helen? Jessica? Alguma de vocês? Vocês a acham nojenta? Ora, mas vocês todas também são. Eu mesma vi na sexta-feira de manhã.

Chris Hargensen murmurou qualquer coisa sobre o pai, que era advogado.

— Cale essa boca! — gritou a Desjardin bem na sua cara. Chris recuou tão assustada que bateu com a cabeça nos escaninhos atrás dela. Gemendo, esfregou a cabeça.

— Mais uma palavra sua — disse a professora com toda calma — e boto você daqui pra fora! Quer tentar, para ver se estou falando sério?

Chris, que aparentemente tinha decidido estar diante de uma louca, não disse mais nada.

De mãos nos quadris, a Desjardin continuou:

— No gabinete decidiram que vocês serão punidas. O castigo não é meu; sinto muito dizê-lo. O que eu pretendia era suspendê-las por três dias e cancelar o direito às entradas para o baile.

Diversas meninas se entreolharam, murmurando revoltadas.

— Isto sim teria sido uma lição para vocês. Mas infelizmente o colégio está entulhado de homens, pelo menos na parte administrativa. E não creio que eles tenham chegado a entender como a atitude de vocês foi sórdida. Portanto, ficarão detidas por uma semana.

Instintivamente, todas suspiraram aliviadas.

— Mas tem uma coisa, eu vou ficar tomando conta de vocês. No ginásio. Farei vocês correrem até ficarem com dois palmos de língua de fora.

— Eu não venho — disse Chris decidida.

— Você é quem resolve. Aliás todas vocês façam como quiserem. Mas quem deixar de comparecer uma vez será suspensa por três dias e perderá direito às entradas do baile. Perceberam?

Ninguém respondeu.

— Muito bem, então vamos acabar de mudar de roupa. Pensem no que eu lhes disse.

Saiu.

Por um longo momento reinou silêncio completo. Depois com voz alta, histérica e estridente, Chris Hargensen disse:

— Isto não vai ficar assim! — Abriu uma porta qualquer arrancou um par de sapatos de tênis, atirou-os pela sala. — Eu pego ela! Raios! Merda! Juro que pego! Se a gente se juntar'...

— Cale a boca, Chris — disse Sue, assustada com a total ausência de vida em sua voz

morta e adulta: — Cale a boca

— Isto não vai ficar assim não — repetiu Chris, abrindo com um tranco o fecho de sua saia, e pegando seu moderno calção de ginástica verde, desfiado: — Isto ainda vai render muito.

E ela estava com a razão.

Do livro: The Shadow Exploded (páginas 60-61):

Na opinião deste pesquisador, um grande número de pessoas que estudaram o caso Carrie White — ou para revistas científicas ou para a imprensa popular — deu uma ênfase errônea a uma pesquisa relativamente infrutífera à procura de incidentes de telecinética na infância da menina. Fazendo uma analogia grosseira, seria a mesma coisa que gastar anos tentando constatar as primeiras incidências de masturbação na infância de um violentador.

O incidente espetacular das pedras é apenas acidental. Muitos estudiosos adotaram o ponto de vista errôneo de que onde houve um incidente, deve ter havido outros. O que, por analogia, seria a mesma coisa que mandar um grupo de cientistas especializados em observação de meteoros para o Grater National Park, só porque um gigantesco asteroide caiu lá há dois milênios.

Pelo que se sabe não há outras provas registradas de TC na infância de Carrie. Não fosse ela filha única, talvez existissem referências a uma dezena de outras pequenas ocorrências.

No caso de Andrea Kolintz (para maiores detalhes veja 'Apêndice II"), sabemos que, em consequência de um espancamento por ter andado pelo telhado, "o armário de remédios se abriu, vidros caíram no chão ou pareciam ser atirados pelo banheiro, portas se abriram e fecharam batendo violentamente, e, no auge da manifestação, um armário de discos de uns cento e cinquenta quilos virou, espalhando discos por toda a sala; atingindo seus ocupantes, indo se espatifar contra a parede".

O importante é que, de acordo com o que consta no magazine Life de 4 de setembro de 1955, o relato acima foi apresentado pelo próprio irmão de Andrea. Embora o Life não seja uma fonte de grande erudição e incontestabilidade, existe uma quantidade de outros documentos que, creio eu, sejam válidos como depoimentos de pessoa da família.

No caso de Carrie White, a única testemunha de um possível prólogo dos eventos finais em clímax foi Margaret White, mas ela, evidentemente, está morta.

Henry Grayle, diretor da Ewen High School, vinha esperando por ele a semana inteira, mas o pai de Chris Hargensen apenas se apresentou na sexta-feira — um dia depois de Chris ter deixado de cumprir a retenção com a terrível Miss Desjardin.

— Pronto, Miss Fish — dizia ele formalmente ao interfone, embora pudesse ver o homem lá fora através de sua janela, e evidentemente o conhecesse pelos retratos em jornais locais.

— John Hargensen quer falar com o senhor.

— Mande-o entrar, por favor. Ora bolas Fish, para que esta voz de quem está tão

impressionada?

Grayle era um incurável entortador de clips, rasgador de guardanapos, enrolador de papeizinhos. Para enfrentar John Hargensen, a luz da legalidade que dominava a cidade, preparara-se com munição pesada, uma caixa inteirinha de clips enormes, colocada bem no meio do mata-borrão que cobria sua mesa.

Hargensen era um homem alto, uma figura imponente, de andar confiante, e traços fisionômicos que revelavam segurança que diziam que aí estava um ser que, no convívio social, era mestre no jogo do "mais-um-passo-à-frente".

Usava terno marrom com sutis reflexos de verde e ouro entremeados na teia que causava vergonha à fatiota de Gray, obra de carregação de uma loja local. Sua pasta era fina, de couro autêntico, emoldurada por um friso brilhante de aço inoxidável. O sorriso impecável deixava à mostra uma fileira de dentes recapeados e faria derreter o coração de um júri de mulheres, como manteiga em frigideira quente. Seu aperto de mão era firme, cálido, demorado.

— Sr. Grayle. Há tempos venho querendo conhecê-lo.

— É sempre um prazer a presença de pais interessados — disse Grayle com um sorriso seco. — Por isto é que todo mês de outubro temos o dia de audiência para os pais.

— É claro — sorriu Hargensen. — Acredito que o senhor seja um homem ocupado, e eu tenho que estar de volta ao tribunal dentro de quarenta e cinco minutos. Vamos ao que interessa?

— Certamente. — Grayle mergulhou os dedos na caixa de clips, e começou a deformar o primeiro. — Presumo que o senhor esteja aqui em virtude da medida disciplinar tomada contra sua filha Chnistine. O senhor deve saber que a escola tem um regulamento, e, sendo o senhor mesmo pessoa que lida com a justiça, deverá compreender que é difícil torcer leis regulamentos e...

Hargensen agitou a mão, impaciente.

— Aparentemente deve estar havendo um engano, sr. Grayle. Estou aqui porque minha filha foi maltratada fisicamente pela professora de ginástica deste estabelecimento, Miss Rita Desjardin. Insultada também, receio eu. Creio que a professora usou um vocabulário meio violento.

Grayle suspirou por dentro.

— A professora já foi chamada à atenção.

O sorriso de John Hargensen esfriou trinta graus

— Receio que chamar a atenção não será o suficiente. Pelo que ouvi, creio que é o primeiro ano de magistério desta senhora?

— Realmente. Mas estamos sobremaneira satisfeitos com ela.

— Ao que me parece sua concepção de sobremaneira satisfeitos inclui jogar alunas contra escaninhos, e praguejar com chofer de caminhão.

Grayle defendeu-se:

— Como advogado o senhor deve saber que este Estado reconhece à escola o direito de in loco parcntis — isto é, além de assumirmos inteira responsabilidade, gozamos de plenos direitos paternos durante as horas de funcionamento da escola. Se o senhor não

estiver bem familiarizado com o assunto lhe aconselharia a consultar o caso.

— Estou perfeitamente familiarizado com esta concepção — disse Hargensen. Mas sei também que nenhum destes casos que os senhores gostam tanto de mencionar tem a menor relação com ofensa ou agressão. Existe no entanto outro caso do Distrito Escolar 4 vs. David. Conhece-o, por acaso? Grayle o conhecia muito bem. George Kramer, subdiretor do colégio de 5. D. 14, era um grande parceiro de pôquer.Hoje ele quase não joga mais. Trabalha para uma companhia de seguros depois de ter se metido a cortar o cabelo de um aluno. A escola acabou tendo que pagar sete mil dólares de indenização, ou seja, cerca de mil cada tesourada.

Grayle pegou outro clips.

— Vamos deixar de citar casos um para o outro, sr. Grayle. Somos homens ocupados. Só quero evitar aborrecimentos. Não quero complicações. Minha filha está em casa, e lá permanecerá segunda e terça-feira. Com isto completará seus três dias de suspensão. Perfeito.

Com a mão indicou que esta parte estava encerrada. (coragem garotão que aí vem um osso duro)

— O que eu quero é o seguinte — continuou Hargensen. — Primeiro: entradas para o baile para minha filha. Um baile de formatura é importante para ela, e Chris está muito aflita. Segundo: que não haja renovação de contrato para aquela mulher, a Desjardin. Isto é para satisfação minha. Creio que se eu fosse à justiça, sairia com a demissão da moça no bolso, além de uma altíssima indenização. No entanto, não quero ser vingativo.

— Quer dizer então que se eu não satisfizer as suas exigências a justiça será a minha alternativa?

— Pelo que eu saiba deverá haver antes uma reunião com o Comitê da Escola, mas apenas como formalidade. E, como o senhor diz, finalmente acabaremos na justiça. Meio desagradável para os senhores.

Outro clips.

— Por ofensa e agressão, se não me engano?

— Exatamente.

— Sr. Hargensen, por acaso o senhor sabia, que sua filha e mais dez do seu grupo jogaram toalhas higiênicas numa menina que estava tendo seu primeiro período de menstruação? Menina esta que pensava estar se esvaindo em sangue?

Hargensen franziu ligeiramente o cenho, como se estivesse ouvindo alguém falar de uma sala distante.

— Não acho que isto venha ao caso. Estou me referindo aos atos que se seguiram. .

— Não importa — disse Grayle. — Não importa a que o senhor esteja se referindo. A menina, Carrietta White, foi chamada de "gorda balofa"; "tampa", gritaram para ela, acompanhando os gritos de gestos obscenos. Esta semana toda ela ainda não veio à escola. Será que isto para o senhor tem algum relação com ofensa e agressão? Para mim tem.

— Não pretendo ficar sentado aqui — disse Hargensen ouvindo uma série de meias-verdades, e muito menos uma lição de moral de um professorzinho, sr. Grayle.

Conheço minha filha muito bem para...

— Olhe aqui. — Grayle apanhou um maço de fichas disciplinares do cesto ao lado do livro de ocorrências; atirou-a sobre a mesa. — Duvido um pouco que o senhor conheça tão bem a filha retratada aqui nestas fichas. Se conhecesse, já tinha chegado à conclusão de que estava mais do que na hora de dar um pulo até aqui. Está na hora também de ela levar uma chamada, antes que venha a causar um dano maior.

— O senhor não está...

— Há quatro anos frequenta a Ewen High School — foi lendo Grayle, ignorando-o. — Está na lista dos formandos de vinte e sete de junho; daqui a um mês. Teste de Q.1., uma média de oitenta e três em cento e quarenta. Mesmo assim, vejo que foi admitida em Oberlin. Creio que alguém — provavelmente o senhor mesmo — deva ter mexido seus pauzinhos ou pauzões. Setenta e quatro retenções, sendo vinte por perseguir e implicar com colegas desajustados. E ela e sua claque achando isto tudo hilariante. Em Chamberlain Junior High foi suspensa uma vez por ter colocado uma bombinha do sapato de uma menina... Uma observação na ficha diz Irma Swope, assim se chamava a menina, quase perdeu dedos do pé em consequência da pequena travessura. Note sr. Hargensen, estou falando de sua filha. Isto lhe diz coisa?

— Diz sim — respondeu Hargensen, se erguendo. Um leve rubor lhe cobria o rosto — diz que nos veremos no tribunal. E depois do caso liquidado o senhor dará graças a se ainda conseguir ser vendedor de livros, batendo de porta em porta.

Grayle levantou-se irritado e os dois homens se encarando por cima da mesa.

— Que a justiça decida, então — disse Gravle.

Uma centelha de surpresa passou pelo rosto de Hargensen mas Grayle cruzou os dedos, e partiu para o que achava iria ser o golpe final — ou, com o qual, pelo menos, salvar o emprego da Desjardin e fazer este janota filho da puta meter o rabo entre as pernas.

— Ao que me parece o senhor ainda não se deu conta das implicações in loco parentis neste seu caso. A mesma sombrinha que cobre sua filha cobre também Carietta White. E assim que o senhor entrar com processo por ofensa e agressão nós responderemos com outro nos mesmos termos, em favor de Carrietta White.

Hargensen abriu a boca e fechou-a novamente.

— Ora, o senhor não vai querer levar a melhor com um truquezinho barato desses, seu...

— Rábula? Não é esta a palavra que o senhor estava procurando? — sorriu Grayle furioso. — Creio que não preciso acompanhá-lo. As sanções contra sua filha continuam de pé. Se o senhor quiser levar o caso adiante, é um direito que lhe assiste.

Hargensen atravessou a sala, teso, parou como quem quer dizer mais alguma coisa, depois saiu, tendo que se controlar muito para não bater a porta violentamente.

Grayle respirou aliviado. Não era difícil adivinhar de onde Chris tinha toda aquela sua obstinada arrogância.

Logo depois entrou A. P. Morton.

— Então, como foi?

— O tempo nos dirá, Morty — respondeu Grayle. Olhou com uma careta para o monte

de clips retorcidos. — De qualquer maneira custou sete clips. Um bom recorde.

— E ele vai para a justiça?

— Não sei. Ficou meio abalado quando lhe disse que responderíamos com outro processo.

— Acredito que tenha ficado mesmo. — Morton olhou de relance para o telefone em cima da mesa de Grayle.

— Acho que está na hora de comunicarmos esta porcaria ao superintendente.

— É — fez Grayle pegando o fone. — Graças a Deus estou com meu seguro de emprego em dia.

— Eu também — confirmou Morton, o amigo leal.

Do livro: The Shadow Exploded ("Apêndice II1'):

Carietta White apresentou o versinho que se segue como trabalho de poesia na sétima série, e foi aprovada. O professor King, que ensinava inglês nesta série, disse:

Não sei por que o guardei. Ela de maneira alguma ficou gravada na minha mente como aluna excepcional, e menos é esta uma poesia de valor. Era quieta e não me lembro nunca de ter se manifestado em aula, mas havia qualquer coisa nestas linhas que implorava:

Jesus me observa da parede,

O seu rosto fria pedra,

Se ele me ama

Como ela diz,

Por que estou tão infeliz?

As margens do papel onde vinha escrito este versinho eram decoradas com figuras em forma de cruz que pareciam dançar..

Segunda à tarde. Tommy estava praticando beisebol, e foi até a cidade, à Kelly Fruit Company. esperar por ele.

A Kelly era o que havia de mais parecido com um autêntico antro de estudantes do qual se orgulhava a pequena comunidade de Chamberlain, tão irregularmente espalhada. O centro de recreação onde eles se reuniam antes havia sido fechado pelo xerife Doyle depois de ali estourar violenta "boca-de-fumo" A Kelly's era dirigida por Hubert Kelly. um gordo moroso, tingia o cabelo de preto e vivia se lamentando que o marca-passo eletrônico estava a ponto de eletrocutá-lo.

O local era um misto de mercearia, bar e posto de gasolina .Lá na frente havia uma bomba de gasolina enferrujada, Hubert nunca se dera o trabalho de trocar Ele também vendia cerveja, vinho barato, livros sebosos, e uma grande variedade de cigarros de marcas obscuras.

O bar consistia numa pedra de mármore autêntico, e há quatro ou cinco espécies de cabines para aqueles que, por estarem na fossa ou por falta de amigos, não sabiam onde ir enche a cara. Um velho jogo de bolas, que na terceira jogada sempre virava, lançava

luzes que acendiam e apagavam, lá no fundo ao lado da prateleira dos livros sebosos.

Assim que Sue entrou, viu Chris Hargensen. Estava sentada numa das cabines do fundo. Billy Nolan. seu amor na época dava uma olhada no último numero da revista Popular Mechanics. Sue não entendia o que uma garota rica, popular, como Chris, via em Nolan. que parecia um daqueles hippies de 1950,de cabelo gorduroso. Calças enfeitadas de tachas, blusão de couro preto, e um Chevrolet que cuspia por todos os lados.

— Sue! — gritou Chris. — Vem até aqui.

Sue concordou acenado com a mão embora uma certa aversão fosse logo subindo dentro dela. Olhar para Chris era o mesmo que olhar por uma porta entreaberta e ver Carrie encolhida, as mãos cobrindo a cabeça. Como um prenúncio ela achava sua própria hipocrisia (inerente até no aceno da mãe) incompreensível e revoltante Por que ela não a ignorava simplesmente?

— Um chope — pediu ela a Hubie

Hubie tinha um chope gostosíssimo, servido em grandes canecos gelados de 1890. Ela vinha sonhando com uma boa cervejinha enquanto lia seu romance, esperando por Tommy. Mesmo sabendo o mal que a cerveja fazia a sua pele, não conseguia resistir. Não ficou surpresa, no entanto, ao constatar que até já perdera a vontade.

— Como vai o coração, Hubie? — perguntou ela.

— É, moçada — disse ele, cortando o excesso de espuma com uma faca de mesa e completando o caneco. E, vocês não entendem nada disto. Hoje de manhã liguei meu barbeador elétrico e uma descarga de cento e dez volts atravessou o marca-passo direto. Vocês é que não conhecem nada disto, não é verdade?

— Acho que não.

— E queira Deus que nunca tenham que passar por isto.

Por quanto tempo ainda este aparelhinho irá me agüentar?Vocês todos vão descobrir logo, assim que aqueles urbanistas aparecerem por aí para transformar isto em estacionamento.

São dez cents.

Sue empurrou a moeda por cima do mármore

— São cinquenta milhões de volts que passam por este velho encanamento — disse Hubie sombriamente, os olhos fixos no volume dentro do bolsinho do paletó.

Sue deu a volta e escorregou para o lugar vazio ao lado de Chris, que estava excepcionalmente bonita, o cabelo negro presos por uma fita verde e uma blusa justa que lhe acentuava o busto firme e rijo.

— Como vai, Chris?

— Fabulosamente bem — disse esta, um pouco alegre demais. — Sabe da última? Estou fora do baile. Mas garanto que aquele filho da mãe, o Grayle, vai perder o emprego.

Sue já tinha ouvido a novidade. Todo mundo em Ewe, aliás, também.

— Ele está sendo processado por meu pai — continuou Chris. Virando-se: — Billeee! vem até aqui dizer oi a Sue.

Ele largou a revista e veio gingando, os polegares enganchados no cinto de exército de

alça do lado, os dedos moles pendurados em direção à braguilha recheada de sua Levis enfeitada de tachas. Sue sentiu uma onda de irrealidade envolvê-la, e reprimiu uma vontade louca de cobrir o rosto com as mãos e gargalhar como louca.

— Oi. Sue — disse Billy. Instalou-se ao lado de Chris logo começou a massagear seu ombro. Seu rosto era completamente sem expressão. Era como se estivesse testando a consistência de um peso de carne.

— De qualquer maneira acho que a gente vai acabar com aquele baile — disse Chris. — Em sinal de protesto ou qualquer coisa parecida.

— Você acha isto direito? — Sue estava realmente assustada.

— Não — respondeu Chris, abandonando o assunto. — Não sei não. — Seu rosto ficou transtornado, com expressão de fúria tão repentina e surpreendente como o redemoinho de um furacão. — Aquela desgraçada da Carrie White! Só queria ela pegasse toda aquela sua santidade e enfiasse pelo cu dentro!

— Daqui a pouco você esquece — disse Sue.

— Se ao menos o resto de vocês tivesse ficado do meu lado... Puxa, Sue, por que você não ficou? Teríamos apanhado eles pela perna. Nunca imaginei que você se prestasse pra boneco.

Sue sentiu o calor subir-lhe ao rosto.

— Eu não servi de boneco. Quanto às outras, não sei. Aceitei o castigo porque achei que era merecido. O que fizemos foi o fim. E ponto final.

— Ora, merda! Aquela filha da mãe anda por aí dizendo que todo mundo, a não ser ela e a mãezinha de ouro, vai pro inferno, e você ainda a defende? Devíamos ter pegado aqueles trapos e lhe metido pela goela abaixo.

— Claro que sim. Tchau, Chris. — Foi se levantando

Desta vez foi Chris quem enrubesceu. Numa onda súbita o sangue lhe afluiu ao rosto, como se urna nuvem vermelha lhe tivesse passado por um sol interno.

— Vejam só a Sta. Joana D'Arc! E, se eu não me engano, você estava lá arremessando coisas com a gente.

— Estava — disse Sue. — Mas parei.

— Ora vejam só! — disse Chris admirada. — Quem diria? Leve a sua cerveja junto. Tenho até medo de toCarriela e ela virar ouro.

Sue mão pegou a cerveja. Deu meia volta e saiu, meio andando, meio cambaleando. Sua revolta era imensa, grande demais para lágrimas ou raiva. Era uma garota que se dava com todo mundo, e esta era sua primeira briga, de fato ou por palavras, desde os puxões de trança no primário. E era a primeira vez na vida que estava defendendo um Princípio ativamente.

Além disso, Chris evidentemente acertara no alvo, exatamente no ponto em que ela era mais vulnerável: ela estava sendo hipócrita, não havia como negá-lo, e, lá no fundo, oculta e odienta, estava a certeza de que uma das razões de ter ido para as aulas de calistenia e exaustivas corridas em volta do ginásio nada tinha de nobreza de caráter. Ela não ia, por nada, perder seu último Baile da Primavera. Por nada mesmo.

Tommy não estava à vista.

Sue foi andando de volta para a escola, o estomago remoendo em desventura. A Miss Fraternidade. Pequena Suzy Santinha. A Boa Menina que apenas O faz com garotos com os quais pretende casar — e com a devida cobertura do suplemento dominical. Duas crianças.

Baile da Primavera. Vestido azul. O buquê de flores guardado a tarde inteira na geladeira. Tommy num Summer branco, calças e sapatos pretos. Pais munidos de Kodaks e Polaroids tirando fotografias no sofá da sala. Dois conjuntos: um de rock e um de música suave. Nada de maus elementos. Apenas futuros membros do Country, futuros residentes em Kleeu Korners.

Finalmente vieram as lágrimas e ela começou a correr.

Do livro: 'lhe Shadow Exploded (página 60):

O extrato abaixo é tirado de uma carta de Christine Hargensen a Donna Kellogg, que se mudara de Chamberlain para Providence, Rhode lsland, no outono de 1978. Aparentemente uma das poucas amigas intimas de Chris Hargensen, e sua confidente. A carta traz no selo o carimbo de 17 de maio de 1979:

E assim, fiquei fora do baile. O covarde do meu pai dirá que não vai tomar as medidas que eles mereciam. Mas isto não vai ficar assim não. Ainda não sei bem o que vou fazer, mas posso lhe garantir. Vai ser aquela surpresa.

Era dia dezessete. Dezessete de maio. Riscou o dia no calendário de seu quarto. Assim que vestiu sua longa camisola branca. Riscava cada dia que passava com uma grossa pena de feltro preta. E achava mostrar, com isto, sua atitude vingativa diante da vida. Na verdade não estava ligando. O que a afligia realmente era saber que amanhã a mãe a obrigaria a voltar para a escola e ela teria que enfrentar a Todas.

Sentou-se ao lado da janela, na pequena cadeira de balanço (comprada e paga com seu próprio dinheiro), fechou os olhos, varrendo de sua mente todas Elas junto com e tumulto de pensamentos conscientes. Era como se estivesse varrendo o chão. Levante a ponta do tapete do seu subconsciente e varra todo lixo lá pra baixo! Pronto.

Abriu os olhos. Olhou para a escova de cabelos em cima de sua mesa?

Vergar.

Ela estava erguendo a escova. Era pesada. Era como levantar halteres com braços fracos. Geme. Grunhe.

A escova escorrega até o canto da mesa, e continua passando do ponto em que pela lei da gravidade deveria ter caído, depois fica pendurada como suspensa por um fio invisível. Os olhos de Carrie são apenas estreitas nesgas. As veias pulsam em suas têmporas. Um médico talvez se interessasse em saber o que estava acontecendo a seu corpo neste momento; racionalmente, não fazia o menor sentido, O ritmo da respiração baixara para dezesseis por minuto. A pressão subira a 19/10. As pulsações cardíacas a mais 140 do que a dos astronautas sob a pesada carga G da ascensão. Sua temperatura baixou para 34.6º. Seu corpo parecia estar queimando energia aparentemente vinda de nada e indo para o nada. Um eletroencefalograma teria revelado que as ondas alfa já não eram mais ondas, porém pontudas setas serrilhadas.

Com todo cuidado ela desceu a escova. Ótimo. Na noite anterior deixara-a cair.

Fechou os olhos novamente e se acalmou. As funções físicas foram voltando ao normal; a respiração acelerou até ela ficar quase ofegante. A cadeira de balanço rangia ligeiramente. Não chegava, entretanto a incomodar. Era até calmante Vai e vem; vai e vem. Clareia a mente.

— Carrie? — a voz da mãe. Levemente perturbada. Veio flutuando até ela.

Ela está recebendo interferências exatamente como um rádio ótimo, ótimo.

— Você já fez suas orações. Carrie?

— Estou fazendo agora — gritou ela em resposta

Olhou para a cama em seu cubículo

Vergar.

O peso era enorme. Tremendo. Insuportável.

A cama estremeceu e depois uma das pontas se ergueu uns dez centímetros.

Caiu com um estrondo. Esperou, um sorriso lhe brincar nos lábios, que a mãe reclamasse, aos gritos, lá de baixo. Não houve nada. Carrie então levantou, foi até a cama e se enfiou nos lençóis fresquinhos. Sua cabeça doía e ela se sentia zonza, como sempre depois de uma dessas sessões de treino. Seu coração batia violento e assustado.

Esticou-se, apagou a luz e se ajeitou. Nada de travesseiros. A mãe nunca os permitira.

Pensou em duendes e outros espíritos. Em feiticeiras (sou feiticeira e a mãe a prostituta do demônio) atravessando a noite, azedando leite, virando desnatadeiras, queimando colheitas, enquanto Elas estavam encolhidinhas em suas casas, com o sinal da bruxa rabiscado em Suas portas.

Fechou os olhos, adormeceu e sonhou com enormes Pedras vivas, varando a noite, atingindo a mãe e a Elas. Tentavam fugir, em vão, esconder-se. Mas os rochedos não as ocultavam, as arvores mortas não lhes davam abrigo.

Extraído do livro: My Name is Susan SnelI (Eu Me Chamo Susan Snell) —— Simon & Schuster: Nova lorque. 1986. paginas I a IV:

Uma coisa ninguém entendeu em relação aos acontecimentos em Chamberlain naquela noite do baile. A imprensa não entendeu, nem os cientistas da Duke University; Davidi Congress tampouco — embora The Shadow Exploded seja talvez o único livro razoavelmente decente escrito sobre o assunto —, e muito menos ainda a Comissão White que me usou para bode expiatório.

Existe um fato que é fundamental: éramos crianças.

Carrie tinha dezessete anos, eu e Chris Hargensen também Tommy Ross, dezoito, Billy Nolan (que repetiu a nona série antes de aprender a dar seus golpes durante os exames), dezenove.

A garotada mais velha reage de maneira mais aceitável pela sociedade do que os menores, mas mesmo assim ainda toma decisões erradas, se exagera, se subestima.

Na primeira parte que se segue a esta introdução, quero mostrar estas tendências em mim mesma do melhor modo possível. O assunto, no entanto, que vou discutir fica bem na raiz do meu envolvimento na Noite do Baile, e para eu conseguir limpar meu nome devo começar a recordar cenas que considero particularmente desagradáveis.

Já contei esta história antes, notoriamente diante da Comissão White, que a recebeu incrédula. Em meio ao luto por duzentos mortos, diante da destruição de uma cidade inteira é tão fácil esquecer uma coisa: éramos crianças! Apenas crianças. Crianças, tentando resolver um problema da melhor maneira possível.

— Você deve estar maluca.

Ele olhou para ela, os olhos piscando, sem querer acreditar no que tinha ouvido. Estavam em sua casa, a televisão ligada e esquecida. Sua mãe tinha ido visitar uma amiga em frente. Seu pai estava na oficina, no porão, fazendo uma gaiola de passarinho.

Sue sentia-se pouco à vontade, mas tinha uma expressão decidida.

— É isso que eu quero, Tommy.

— Bem, mas eu não. Puxa, acho que é a coisa mais louca que já ouvi alguém dizer. Dessas que se propõe em apostas.

Seu rosto se retesou.

— Não diga? Não foi você que outro dia andou aí fazendo grandes discursos? Mas quando chega a hora de trocar palavras pomposas por ações, aí...

— Espere aí, ora. — Sorria, sem se mostrar ofendido, Eu não disse que não, ou disse? Ao menos por enquanto ainda não.

— Então você...

— Espere. Espere um pouco. Deixe-me falar. Você quer que eu leve Carrie White para o Baile da Primavera. Muito bem, isto eu peguei. Mas há uma porção de outras coisas que eu não entendi.

— Vá dizendo. — E ela se inclinou para frente.

— Primeiro, que adiantaria isto? Segundo, por que você acha que ela ia aceitar meu convite?

— Aceitar, ora. — Ela hesitou. — Você é... todo mundo gosta de você e...

— Tanto eu quanto você sabemos muito bem que Carrie não tem a menor razão para ligar para pessoas de quem todo mundo gosta.

— Com você ela iria.

— E por quê?

Imprensada, ela se mostrou desafiadora e orgulhosa ao mesmo tempo.

— Eu já vi o jeito dela olhar para você. Ela está caidinha por você. Como, aliás, a metade das garotas de Ewen.

Ele revirou os olhos.

— Ora, só estou lhe contando — disse Sue na defensiva.

— Ela não saberá como negar.

— Vamos que eu acredite em você — disse ele — e o resto?

— Você quer saber de que adiantaria? Ora... vai fazer com que ela saia da sua casca. Que ela... — perdeu o fio.

— Faça parte das coisas? Ora, Suze. Você mesma não acredita nesta merda.

— Muito bem. Talvez não acredite mesmo. Mas talvez continue a achar que lhe devo alguma compensação.

— Pelo que houve no vestiário?

— Por muito mais ainda. Talvez, se fosse apenas isto, eu podia esquecer, mas acontece que desde o primário ela vem sendo alvo destas brincadeiras de mau gosto. Não entrei em muitas, mas participei de algumas. Garanto que se fosse da turma dela teria sido pior. Era como se fosse... uma só gargalhada de gozação. Você não sabe como menina pode ser nojenta. Garoto não entende muito destas coisas. Implicavam com Carrie um momento, mas logo esqueciam. As meninas. no entanto. . continuavam, insistiam; nem me lembro mais de quando começou. Se eu Carrie não teria nem mais coragem de mostrar minha cara ao mundo ia procurar buraco enorme para mête-la dentro.

— Vocês eram crianças — disse ele — Crianças não sabem o que fazem. Não têm nem ideia de que suas reações possam magoar alguém. Não tem, digamos, empatia. Morou?

Sue se esforçava para encontrar palavras que exprimissem a idéia que isto lhe evocava, pois de repente lhe pareceu fundamental, predominando sobre o incidente do chuveiro como o céu sobre as montanhas.

— Mas dificilmente alguém descobre que suas ações chegam realmente a ferir os outros! As pessoas não vão se tornando melhores, apenas mais espertas. E não e por ficarem mais espertas que param de arrancar as asas das moscas. O que fazem é apenas achar uma justificativa a melhor para fazê-lo. Uma porção de meninas diz que tem pena de Carrie White — quase sempre são meninas, o que é até engraçado, mas que nenhuma delas realmente tem ideia do que é ser Carrie White todos os segundos do dia. E no fundo elas estão pouco se importando.

— E você?

— Não sei! — Gritou ela. — Mas alguém devia tentar e ter pena de alguma maneira válida... de uma maneira realmente importasse.

— Muito bem. Eu falo com ela.

— Fala mesmo? — a afirmação pegou-a de surpresa. Na verdade nunca pensara que ele fosse concordar

— Falo. Mas acho que ela vai dizer não Acho que você me superestima na minha qualidade de sucesso de bilheteria. Esse negócio de popularidade é uma merda. Você é que cisma com isto.

— Obrigada — disse ela, com voz estranha, era como estivesse agradecendo a um Inquisidor pela tortura sofrida.

— Adoro você — disse ele.

Sue olhou para ele, surpresa. Era a primeira que vez dizia isto

Do livro: Eu Me Chamo Susan Snell (pagina 6):

Existe uma porção de pessoas homens principalmente — que não se mostram nem um pouca surpresas por eu ter pedido a Tommy para convidar Carrie para o baile.O que os surpreende é o fato de Tommy ter concordado, o que prova que a mente masculina acredita muito pouco no altruísmo de seu sexo.

Tommy a levou porque me amava, e porque eu havia pedido. Como sabe, pergunta o cético do alto do seu balcão, como sabe que ele a amava? Ora, porque ele me disse. Se o tivesse conhecido, garanto que seria o bastante para o senhor também...

Ele a convidou na quinta-feira depois do almoço, e ficou tão nervoso como qualquer garotinho na primeira festa de bolo e sorvetinho.

Estava sentada na sua frente na sala de estudos, no quinto tempo de aula, e, ao tocar o sinal, ele foi abrindo caminho por entre a massa de apressados. Na mesa o professor Stephen... um homem alto que estava começando a engordar dobrava distraidamente sua papelada para guarda-la em sua velha pasta marrom.

— Carrie?

— Ahn?

Levantou os olhos do livro encolhendo-se assustada como para se defender de um tapa. O dia estava encoberto e a fileira de luzes fluorescentes embutidas no teto não era especialmente favorável à sua tez clara. Mas pela primeira vez ele viu (também era a primeira vez que olhava a para ela) que ela não tinha nada de repulsivo. Seu rosto era mais para redondo da que para oval, os olhos, de tão escuros, criavam sombras que até pareciam contusões. Seus cabelos de um louro escuro meio duros, puxados para trás num coque que não lhe assentava bem. Os lábios cheios, os dentes brancos. O corpo tinha uma forma mais ou menos indeterminada. Um suéter largão lhe ocultava os seios, deixando perceber apenas uma saliência. A saia, de cores vivas, porém horrível, descia-lhe até o meio da canela, a moda 1958, num talhe estranho e desajeitado. Os tornozelos eram fortes e bem torneados; (a tentativa de ocultá-los com meias mescladas três-quartos era bizarra e mal sucedida)

Olhava para ele com uma expressão meio assustada, mas que revelava outra coisa mais. Ele tinha quase certeza do que era. Sue tivera razão, e por um instante ficou cismando se estava lhe fazendo algum bem ou apenas piorando as coisas.

— Se você ainda não estiver comprometida, quer ir ao baile comigo?

Ela piscou, e uma coisa estranha aconteceu. Não levou mais do que o limiar de um segundo porem ele se lembrava nitidamente, como nos sonhos ou nas sensações do já-visto. Sentiu uma tonteira como se tivesse perdido o controle sobre corpo — a mesma sensação detestável que ele associava com o ponto de vômito resultante do excesso de bebida.

Logo passou.

— Que foi? O que, hein!

Ao menos ela não se zangara. Ele estava preparado para uma descarga de raiva, seguida de um retraimento súbito. Mas ela não se zangou, parecia-lhe apenas impossível captar o que ele havia dito. Estavam agora a sós na sala de estudos, exatamente em meio à vazante de uma leva de alunos e a enchente de outra.

— O Baile da Primavera — disse ele meio abalado — na próxima sexta-feira; sei que é meio tarde, mas...

— Eu não gosto que me preguem peças — disse ela em voz baixa, abaixando a cabeça. Hesitou um instante, e passou por ele. Parou, voltou-se, e de repente ele viu dignidade em seu rosto, mas tão natural que ela parecia nem ter consciência do fato.

— Vocês acham então que vão me gozar para o resto da vida? Sei muito bem com quem você anda agora.

— Só ando com quem eu quero — disse Tommy toda calma. — Se estou convidando você, também é porque quero. — E no fundo isto era verdade. Se Sue com seu gesto visava reparar algum mal, ela o fazia apenas em segunda mão.

Os alunos do sexto tempo de aula começaram a entrar; alguns olhavam para eles com curiosidade. Dale Ullman disse qualquer coisa para um colega que Tommy não entendeu mas ambos deram risadinhas.

— Vamos andando — disse Tommy, e saíram da sala.

Estavam a meio caminho da Ala Quatro — a sala dele ficava em outra direção — andando um ao lado do como se fosse por acaso, quando Carrie disse em voz imperceptível:

— Eu adoraria. Adoraria mesmo.

Ele tinha percepção bastante para sentir que com isto ela não estava concordando, e novamente ficou em dúvida, já que tinha se metido nessa, disse:

— Pois então venha. Vai dar tudo certo. Vai ser ótimo. Vai ver só.

— Não — respondeu ela, e perdida em pensamentos como estava, poderia até ser considerada bonita. — Vai ser um pesadelo...

— Eu ainda não tenho entradas — continuou ele como se não tivesse ouvido. — Hoje é o último dia que estão à venda.

— Hei, Tommy, você está indo pro lado errado! — gritou Brent Gilliam.

Ela parou.

— Você vai se atrasar.

— Você vem?

— Sua aula — disse ela, aflita. — Olhe sua aula. A campainha já vai tocar.

— Você vem?

— Vou — disse ela zangada, sem ver outra saída. — Você sabia que eu ia. — Com um gesto brusco passou as costas da mão nos olhos.

— Sabia não — disse ele. — Agora sim, sei. — Ela parecia que ia desmaiar.

E aí, cada vez mais inseguro de si, ele tocou sua mão.

Do livro: The Shadow Exploded (páginas 74-76)

Provavelmente nenhum outro aspecto do caso Carrie White tenha sido tão mal entendido, mal interpretado, envolvido em tanto mistério como o papel representado por Thomas Everett Ross, o desafortunado parceiro de Carrie no Baile da Primavera da Ewen High School.

Morton Cratzchbarken disse no ano passado, durante o Simpósio Nacional de Fenômenos Psíquicos, num discurso reconhecidamente sensacionalista, que os dois acontecimentos que mais abalaram o mundo no século vinte foram o assassinato de John F. Kennedy em 1963, e a destruição da cidade de Chambenlain em maio de 1979. Cratzchbarken salienta que ambos os acontecimentos foram provocados pelos meios de

comunicação em massa, sendo que ambos também apresentavam um fato bastante assustador: enquanto uma coisa terminava, outra era posta em movimento, irrevogavelmente, para o bem ou para o mal. Comparando, portanto, Thomas Ross representou o papel de um Lee Harvey Oswald — foi ele quem acionou o gatilho de toda a catástrofe. Uma pergunta, no entanto continua sem resposta: Ele o teria feito consciente ou inconscientemente?

Susan Snell, e ela mesmo o admite, ia ser levada ao baile por Ross. Ela afirma ter sugerido a Ross convidar Carrie para compensar sua atuação no incidente da sala de banho. Os são contrários a este ponto de vista, e a sua frente está George Jerome da Universidade de Harvard, asseveram ser isto uma distorção muito romântica ou então uma mentira deslavada. Jerome argumenta com grande força e eloquência, aliás, que não é típico de adolescentes desta idade o sentimento de "compensação — especialmente se tratando de uma ofensa a colega que tenha colocada no ostracismo por todas as facções...

— Seria dignificante se pudéssemos crer que a natureza humana do adolescente fosse, capaz de, com tal gesto, salvar picadas uma pobre gralha, restituindo-lhe e orgulho e a auto- confiança — disse Jerome em um número recente do Atlantic Monthly — mas nós sabemos o que acontece: a pobre gralha não é levantada do chão com ternura por seus companheiros. Pelo contrário, é abandonada rapidamente sem a menor paixão.

É óbvio que Jerome tem toda razão — sobretudo no que diz respeito às galhas — e a sua eloquência é, sem dúvida responsável, em grande parte, pela apresentação da teoria sobre o "autor da brincadeira de mau gosto" abordada pela Comissão do caso White. Esta teoria formula a hipótese de que Ross e Christsne Hargensen (veja-se paginas 10 e 18) eram o centro de uma conspiração que visava levar Carrie White para o baile da Primavera e ali acabar de humilhá-la. Alguns teóricos (sobretudo os que se ocupam de crimes) afirmam ainda que Snell também era membro ativo dessa conspiração. Esta teoria coloca o misterioso Tommy Ross na pior posição possível, de autor da brincadeira de mau gosto, a manobrar deliberadamente uma garota insegura para colocá-la, numa situação tensão extrema.

Já o autor dele não encara o caráter de Tommy sob este aspecto. É uma faceta que foi muito pouco explorada, aliás por seus detratores, que preferem retrata-lo como um atleta estulto,o líder de uma facção." Moleque Paspalho" exprime perfeitamente esta concepção de Tommy Ross.

Tommy era na verdade um atleta de excepcional habilidade. Seu esporte preferido era beisebol, e fazia parte da equipe da escola. Dick O'Connell, presidente da Boston Red Sox, declarou que se Ross fosse vivo ter-lhe-iam oferecido uma boa quantia para assinar um contrato.

Mas Ross era, além disso, o aluno conceito A (coisa que dificilmente condiz com a imagem do "moleque paspalho"), e seus pais diziam que ele decidira que o beisebol devia esperar até que ele acabasse estudos e se formasse em inglês. Gostava também de escrever poesia e um poema escrito por ele, seis meses antes de sua morte, foi publicado numa "pequena revista" chamada Everleaf. Este poderá ser encontrado no "Apêndice V".

Os colegas sobreviventes também o tinham em alta estima, o que é muito importante. Houve apenas doze sobreviventes do sinistro que ficou conhecido pela imprensa

popular como A Noite do Baile. Entre os que não estiveram presentes à festa figuram principalmente os alunos impopulares das classes mais altas e das mais baixas. E se estes se recordam de Ross como um sujeito amigo, sempre bem-humorado (muitos deles se referiam a ele como "um cara legal paca"), será que isto não vem afetar a teoria do professor Jerome?

As fichas escolares de Ross — que em virtude de lei não podem ser reproduzidas aqui —, reunidas às recordações dos colegas, aos comentários de parentes, vizinhos e professores, nos fornecem um quadro de uma pessoa extraordinária Este é um fato que se coaduna muito mal com o retrato fornecido por Jerome, do líder negativo, hipócrita, celerado. Ao que parece ele era muito tolerante no que diz respeito a injurias e se impunha a seu grupo conservando para si a independência de poder convidar Carrie. De fato, Thomas Ross parece ter sido uma espécie de raridade: um rapaz socialmente consciente.

Não pretendemos criar um caso em torno de sua santidade. Não é esta a questão. A pesquisa intensiva, no entanto me deu a satisfação de constatar não ter sido ele nenhum poltrão a participar irresponsavelmente da destruição de uma pobre desgraçada.

Ela estava deitada na cama, (não tenho medo não tenho medo dela) os olhos cobertos com o braço. Era sábado à noite Se quisesse fazer o vestido que tinha imaginado teria que começar no máximo (não tenho medo da mãe) amanhã. Já tinha comprado a fazenda em Westlatest, na loja John's. A riqueza do veludo pesado a assustara. O preço também a assustara, e tinha ficado intimidada pelo tamanho da loja, pelas freguesas alinhadas que passeavam por lá, examinando os rolos de fazenda. Havia um estranho eco no ar, e lugar era o extremo oposto da loja em Chamberlain, onde costumava comprar suas fazendas.

Ficou intimidada, mas não recuou. Não podia ela, se quisesse, fazer com que todas elas saíssem correndo para a rua? Não podia derrubar manequins, arrancar a instalação elétrica arremessar para o ar rolos de fazenda que se desenrolariam como serpentina? Como Sansão no templo, ela podia fazer chover a destruição sobre todos, se assim o desejasse. (não tenho medo)

O embrulho estava agora guardado num canto seco de uma prateleira no porão. Esta noite ia trazê-lo para cima.

Abriu os olhos.

Vergar.

A mesa ergueu-se no ar, tremeu por um instante, continuou a subir até chegar quase até o teto. Abaixou-a. Subiu novamente e desceu. Para cima e para baixo. Como um elevador.

Quase não estava cansada. Só um pouco. Um pouquinho só. A habilidade que duas semanas atrás, estivera quase perdida florescia em todo esplendor. Progredira num ritmo que era.

Bem, era quase assustador.

E agora, como que intuitivamente — como a consciência da menstruação —, veio-lhe à memória uma dezena de recordações, como se uma barreira mental tivesse sido

destruída, deixando jorrar estranhas águas. Eram recordações dela quando menina, difusas e contorcidas, mas apesar disso muito reais. Os quadros dançavam na parede, torneiras esguichavam. A mãe lhe pedindo (Carrie feche a janela vai chover) para fazer qualquer coisa e de repente todas as janelas da casa, começaram a bater; os quatro pneus do Volkswagen de Miss Macaferty esvaziaram-se ao mesmo tempo, por terem sido desatarraxadas as válvulas; as pedras... (!!não não não não!!)... mas agora não havia como negar esta memória, tampouco a do fluxo menstrual, e a lembrança desta não estava envolta em neblina, esta não; era áspera e brilhante como raios fulminantes: a garotinha, (mãe pare mãe não eu não consigo mais respirar oh minha garganta ó mãe desculpe por ter olhado ó minha língua tem sangue na minha boca) a pobre garotinha, (gritando: sua desgraçada já sei o que houve sei o que fizeram com você) a pobrezinha deitada na porta do cubículo, metade do corpo para fora, vendo estrelas negras dançando diante de seus olhos, ouvindo um doce e distante zumbido, sentindo a língua inchada, aparecendo entre os dentes, a garganta cingida por uma gargantilha de Carrie inflada e esfolada onde a mãe a esganara, e depois a mãe voltando, se aproximando dela, brandindo a comprida faca de açougueiro do pai (vou cortar fora tenho que cortar fora o mal a sordidez os pecados da Carrie conheço isto tenho os olhos estes seus olhos) na mão; o rosto da mãe desfigurado, os músculos trabalhando, a baba lhe escorrendo pelo queixo, segurando a Bíblia do pai na outra mão (você nunca mais há de olhar para aquela sórdida nudez) e alguma coisa vergou, não apenas vergara, mas VERGARA algo enorme, informe, titânico, uma fonte de poder que não era sua nem nunca seria, e qualquer coisa caiu em cima do telhado. A mãe deu um grito. Deixou cair a Bíblia do pai; ótimo. Seguiram-se mais baques e pancadas; a casa começou a jogar a mobília para todos os lados, e a mãe, largando a faca, caindo de joelhos, começou a rezar, os braços erguidos, mal se equilibrando enquanto cadeiras passavam assoviando e, lá em cima, as camas eram viradas de pernas para o ar, a mesa da sala tentava se espremer para passar pela janela, e os olhos da mãe aumentando cada vez mais, se esbugalhando desvairados, o dedo apontando para a garotinha, (é você é você prole do demônio feiticeiro duende filha do diabo é você que está fazendo isto) e aí vieram as pedras, e a mãe desmaiara quando o telhado rachara e rebentara como sob as passadas de Deus, e aí...

Aí também ela desmaiou. Depois não se recordava de nada. A mãe não tocara no assunto. A faca do açougueiro estava de volta em sua gaveta. A mãe tinha passado remédio nos enormes lanhos pretos e azuis em seu pescoço e Carrie imaginava se lembrar de ter perguntado a causa das manchas e a mãe apertara os lábios, sem nada responder. Pouco a pouco o incidente foi esquecido. Os olhos da memória apenas se abriam em sonho. Os quadros já não dançavam mais na parede. As janelas não batiam. Carrie nem se recordava de que as coisas tivessem sido diferentes. Ao menos até aquele dia, nunca.

Deitada na cama olhava para o teto. Suava.

— Jantar, Carrie!

— Obrigado, (não tenho medo) mãe.

Levantou, amarrou o cabelo com uma fita azul-marinho. Desceu.

Do livro: The Shadow Exploded (página 59):

Até que ponto era o aparente "talento selvático" de Carrie, e o que pensava Margaret White dele com sua exagerada ética cristã? Provavelmente nunca saberemos a resposta. Somos no entanto levados a crer que sua reação tenha sido violentíssima.

— Você nem tocou na torta, Carrie. — A mãe levantou os olhos do folheto que lia atentamente, enquanto tomava o chá. — Foi feita em casa.

— Me dá espinhas, mãe.

— Suas espinhas são um castigo de Deus. Agora vamos coma a torta.

— Mãe?

— Que é?

Carrie foi em frente:

— Tommy Ross me convidou para o Baile da Primavera na próxima sexta...

No mesmo instante o folheto foi esquecido. A mãe levantou para ela, os olhos arregalados de quem não acredita no que está ouvindo. Suas narinas se dilataram como as de um cavalo ao ouvir o seco chocalho de uma cascavel.

Carrie engoliu tentando desobstruir a garganta, mas só o (não tenho medo; que nada tenho sim) conseguiu parcialmente.

— ...é um rapaz muito simpático. Prometeu passar aqui para conhecer a senhora antes de...

— Não.

— ...vir me apanhar às onze... Eu...

— Não. Não. E não!

— ...aceitei. Por favor, mãe procure entender, eu tenho que começar a... a acompanhar o mundo. Não sou como você. Sou esquisita... quero dizer, o pessoal acha que sou. E eu não quero ser. Quero tentar ser uma pessoa normal antes que seja tarde...

Margaret White jogou a xícara de chá no rosto de Carrie.

Estava apenas morno, mas se estivesse pelando não teria se calado mais depressa. Ficou sentada, muda, o líquido âmbar a lhe escorrer pelas faces e pelo queixo, pingando na blusa branca, que o absorvia. Era pegajoso e cheirava a canela.

Margaret White ficou sentada, tremendo, o rosto paralisado exceto as narinas que continuavam a se dilatar. De repente jogou a cabeça para trás e bradou, fixando o teto:

— Deus! Deus! Oh Deus!

A cada palavra seu maxilar se trancava violentamente

Carrie ficou sentada, imóvel.

Margareth levantou e deu a volta a mesa. Seu rosto trazia uma expressão meio louca de ódio e compaixão.

— Vá para o quarto — disse ela — Vá para o quarto rezar

— Não vou mãe.

— Rapazes. Isto mesmo, são eles que vem logo depois. Primeiro o sangue, depois eles. Como cães a farejar, babando de dentes arreganhados, tentando descobrir de onde vem aquele cheiro. Aquele... cheiro.

Estendeu o braço todo para desferir o golpe, e o estalo de sua mão espalmada contra o rosto de Carrie (meu deus, estou com tanto medo) soou como o barulho de um cinto de couro a ser estalado no ar. A marca em seu rosto ficou primeiro branca, depois vermelho como sangue.

— A marca — disse Mangareth White. Seus olhos estavam enormes, mas sem expressão. Respirava rapidamente. Inspirando o ar em golfadas. Parecia estar falando consigo mesma, quando a mão em garra desceu sobre o ombro de Carrie, arrancando-a da cadeira.

— Eu já a vi, sim senhora. Se vi. Mas. Eu nunca. O fiz. A não ser por ele. Ele. Me. Possuiu... — Fez uma pausa, os olhos caminhando perdidos pelo teto. Carrie ficou aterrada. A mãe parecia estar na agonia de alguma grande revelação que a destruiria.

— Mãe...

— Nos carros. Oh, eu sei para onde eles as levam em seus carros. Fora da cidade. Motéis de beira de estrada. Uísque. Cheiradas... isto mesmo, eles sentem o cheiro em vocês! — Sua voz foi se transformando em gritos. Os tendões saltaram-lhe no pescoço, sua cabeça se torceu, num movimento giratório ascendente.

— Mãe, é melhor você parar.

Estas palavras a fizeram voltar a uma realidade meio nebulosa. Seus lábios se crisparam, numa surpresa ingênua, e ela estancou como que tateando por novos pontos de apoio num outro mundo.

— Para o quarto — murmurou ela. — Vá para o quarto rezar.

— Não vou.

A mãe ergueu a mão para novo golpe.

— Não!

A mão ficou parada no alto, imóvel. A mãe olhava para ela, fixamente, como para se certificar de que ainda estava lá e inteira.

De repente a torta se ergueu do descanso em cima da mesa, e se projetou pela sala indo espatifar-se ao lado da porta, a framboesa respingando e escorrendo pela parede.

— Pois eu vou, mãe.

A xícara vazia de chá ergueu-se e passou voando pela cabeça da mãe, indo estilhaçar-se por cima da lareira. Com um grito ela caiu de joelhos, as mãos cobrindo a cabeça.

— Filha do demônio — disse ela gemendo. — Filha do demônio. Prole satânica.

— Levante, mãe.

— Lascívia e libertinagem, a sede da Carrie...

— Levante!

A voz da mãe falhou, mas ela levantou, as mãos ainda por cima da cabeça, como um prisioneiro de guerra. Seus lábios se moveram. Carrie tinha a impressão de que estivesse recitando o Padre Nosso.

— Não quero lutar com você, mãe — disse Carrie com voz entrecortada, quase sumida. Fez um esforço para se controlar — Só quero que me deixem viver a minha vida Eu... eu não gosto da sua.

Ela parou. horrorizada diante de si mesma. A blasfêmia tinha sido proferida. Mil vezes pior do que os palavrões.

— Feiticeira — sussurrou a mãe. — Diz no Livro do Senhor: "Não permitirás que a feiticeira sobreviva". Seu pai serviu ao Senhor...

— Não quero ouvir falar nisto — disse Carrie. Sempre a incomodava ouvir a mãe falar do pai. — Só quero que entenda que as coisas aqui em casa vão mudar, mãe. — Seus olhos brilhavam. — Seria melhor que elas entendessem isto também.

A mãe, no entanto estava novamente murmurando sozinha.

Insatisfeita, com uma sensação de anticlímax a lhe subir pela garganta, e a desagradável agitação de distúrbio emocional no estômago, desceu ao porão para apanhar a a fazenda do vestido.

Aqui era melhor do que lá dentro do quarto. Não havia dúvida. Qualquer coisa era melhor do que aquele cubículo com a luz azul e o deprimente mau cheiro de suor e pecado. Qualquer coisa. Fosse o que fosse.

Parada, o embrulho apertado contra o peito, fechou os olhos, impedindo com isto a entrada da bruxuleante luz da lâmpada do porão, infestada de teia de aranha. Que Tommv Ross não a amava, ela sabia. Era apenas uma estranha forma de compensação, que ela entendia e a que respondia. Desde que começara a raciocinar, vira-se defrontada com a concepção de penitência. Ele havia dito que seria bom — que eles se encarregariam de que assim fosse.Bem,ela encarregaria E seria melhor que os outros não se metessem a inventar novidades. Muito melhor. Ela não sabia se o seu dom lhe tinha sido concedido pelo senhor da luz ou das trevas, e, constatando que isto também lhe era indiferente, foi tomada de uma indescritível. Sensação de alívio, como se lhe tivessem tirado das costas um peso que há muito carregava.

Do livro: Eu Me Chamo Susan Snell (pagina 23)

Acabaram até fazendo um filme sobre o tema. Eu o vi em abril do ano passado. Saí do cinema me sentindo mal. Toda vez que ocorre algo de sério nos Estados Unidos a pílula tem que ser dourada, para que o fato possa ser esquecido. No entanto, esquecer o caso Carrie White talvez seja um erro maior do que muita gente imagina...

Segunda-feira de manhã: O diretor Grayle e seu assistente Peter Morton estavam tomando café no gabinete d Grayle..

— Nenhuma palavra de Hargensen por enquanto? — perguntou Morton, um malicioso sorriso a la John Wavne nos lábios, (com uma ligeira ponta dc medo)

— Nada. Até Christine parou de contar vantagens como o pai iria nos botar na nua. — Grayle deu uma longa soprada no café.

— Ora, e nem assim você está a dando cambalhotas?

— Você sabia que Carrie White vai ao baile?

— Com quem? — perguntou Morton piscando. — Com o Bicanca? — O Bicanca era Freddy Holt, outro desajustado de Ewen. Ele devia pesar uns cinqüenta quilos quando encharcado e um observador despreocupado talvez fosse levado a acreditar que só o nariz já pesava trinta.

— Não — disse Grayle. — Com Tommy Ross.

Morty se engasgou com o café e teve um acesso de tosse.

— Foi exatamente isto que eu senti — disse Grayle.

— E o que é feito da namorada dele? A pequena Snell.

— Pelo que ouvi dizer, foi quem o convenceu a isto. Na verdade, quando falei com ela parecia realmente se sentindo culpada em relação a Carrie. Agora faz parte do Comitê Decoração, feliz da vida como se o Baile de Formatura representasse absolutamente nada para ela.

— Não diga! — respondeu Morty com grande sabedoria

— Quanto a Hargensen, creio que deve ter falado com alguém que lhe disse que, se quiséssemos, poderíamos realmente processá-lo por causa do que houve com Carrie. Acho que já desistiu. Quem me preocupa é a filha.

— Você acha que poderá ocorrer qualquer coisa sexta-feira à noite?

— Não sei. Só sei que Chris tem um monte de amigos que irão à festa. E ela atualmente anda com aquele mau elemento, Billy Nolan, que tem todo um jardim zoológico de amigos. Daqueles que têm por profissão meter medo em senhoras grávidas.

Pelo que ouço dizer, Chris faz dele gato e sapato.

— Você receia qualquer coisa em especial?

Grayle fez um gesto de impaciência.

— Em especial? Não. Mas já estou metido nisto há bastante tempo para saber que a situação não é lá das melhores. Você lembra do jogo dos Stadler em setenta e seis?

Morty aquiesceu. Seriam necessários bem mais do que três anos para fazer esquecer o jogo Ewen x Stadler. Bruce Trevor, como aluno, era um péssimo elemento, mas um fantástico jogador de basquete. O treinador Gaines não gostava dele, mas pela primeira vez em dez anos, graças a Trevor, Ewen ia participar de um torneio. Uma semana antes do jogo decisivo de Ewen contra os Stadler Bobcats, Trevor foi cortado do time. Numa inspeção de rotina nos escaninhos dos alunos fora encontrado um quilo de maconha atrás dos livros de moral e cívica de Trevor. Ewen perdeu o jogo — o resultado do torneio foi de 104 x 48. Ninguém se lembra mais do escore; lembram-se no entanto do tumulto que interrompeu o jogo no quarto tempo, e que, liderado por Bruce Trevor, resultou em quatro entradas no hospital. Uma das vítimas foi o treinador da equipe Stadler, que foi golpeado na cabeça com uma caixa de primeiros socorros.

— Tenho como que um pressentimento — disse Grayle -de que alguém vai aparecer por lá com ovos podres e tomates ou qualquer coisa assim.

— É, quem sabe se você não é vidente? — disse Morton.

Do livro: The Shadow Exploded (páginas 92-93):

Hoje em dia é amplamente aceito que o fenômeno de TC seja uma manifestação

geneticamente recessiva, porém o oposto de uma doença como a hemofilia que apenas se manifesta em linha masculina. Nesta doença, antigamente conhecida como "Mal do Rei", o gene é recessivo entre as mulheres, que são portadoras inofensivas. Já os descendentes masculinos são "sangradores". A doença se manifesta quando um homem afetado pelo mal casa com uma mulher portadora do gene recessivo. Se, desta união, houver um filho homem, ele poderá ser hemofílico; se for mulher, ela será apenas portadora E importante frisar que o gene da hemofilia poderá ser recessivo no homem como parte de sua constituição genética. Se ele, no entanto casar com uma mulher portadora deste mesmo gene maligno o resultado será uma descendência hemofílica na linha masculina.

No caso das famílias reais, onde era comum o casamento dos diferentes membros entre si, a probabilidade de reprodução deste gene, uma vez que penetrasse na árvore genealógica, altíssima — daí o nome "Mal do Rei". No princípio deste século a hemofilia também se manifestou em larga escala entre os Apalaches, sendo comumente observada entre culturas o é normal o incesto e o casamento entre primos de primeiro grau.

Já no caso da TC, o homem ao que parece é o portador podendo o gene da TC ser recessivo na mulher, mas sendo dominante apenas na mulher. Ralph White ao que tudo indica era portador deste gene. Por mero acaso, Margareth Brigham também era portadora deste gene maligno, mas podemos ter plena certeza de que este era recessivo, já que nunca foi encontrada nenhuma referência a qualquer poder telecinético semelhante ao da filha. A vida de Sadie Cochran, avó de Margareth Brigham está atualmente sendo investigada — pois se o padrão dominante/recessivo prevalece na TC como na hemofilia, Sadie Cochran pode ter sido TC dominante.

Se do casamento dos White tivesse nascido um filho homem, este seria outro portador do gene. As probabilidades este gene morrer com ele teriam sido muito grandes, já que do lado de Margareth nem do de Ralph White existiam primos que pela idade pudessem vir a casar com este descendente rico de linha masculina. Também as possibilidades de encontrar e casar com outra mulher de gene TC seriam muito remotas. Nenhum dos grupos ocupados com este problema conseguiu no entanto até hoje isolar o gene.

À luz do holocausto do Maine, certamente ninguém duvidará de que o isolamento deste gene deverá se tornar a. prioridade número um da medicina. O gene hemofílico ou gene H é responsável por uma prole masculina com falta de glóbulos vermelhos. Já o gene telecinético ou gene TC produz Marias Tifóides, capazes de, pela força de vontade, destruírem...

Quarta-feita à tarde.

Susan e mais quatorze colegas — o Comitê de Decoração do Baile da Primavera — trabalhavam num enorme mural que na sexta-feira à noite deveria ficar pendurado atrás dos palanques geminados. O tema era Primavera em Veneza. Quem será que escolhe estes temas cafonas?, pensava Sue. Já estudava em Ewen há quatro anos, tinha ido a dois bailes, e ainda não descobrira. Bolas, por que afinal tinha que haver um tema? Por que não faziam simplesmente. um arrasta e pronto? George Chizmar, o aluno de maior pendor artístico da escola, fizera um pequeno esboço a giz de gôndolas flutuando num canal ao pôr do sol, e o gondoleiro, com um enorme chapéu de palha, encostado na cana

do leme; uma orgia de cor-de-rosa, laranja e vermelho cobrindo o céu e o mar. Era bonito; não havia a menor dúvida. George havia redesenhado o esboço numa enorme tela de quatro por seis, numerando as diversas seções de acordo com as tonalidades do giz. Agora o Comitê estava pacientemente colorindo tudo, como crianças engatinhando por cima de uma página enorme de um gigantesco álbum de colorir. Apesar de tudo, pensou Sue, olhando para suas mãos e braços, sujos de giz cor-de-rosa, este ia ser o baile mais bonito de todos.

Acocorada a seu lado, Helen Shyres se esticou, gemendo ao endireitar as costas. Com as costas da mão afastou uma mecha de cabelo da testa, deixando uma marca cor-de-rosa.

— Gostaria de saber como foi que você conseguiu me meter nisto.

— Vocês não querem que fique tudo bonito? — disse Sue imitando Miss Geer, a presidente do Comitê de Decoração (muito apropriadamente chamada de Miss Bigode).

— Sim, mas por que não no Comitê das Bebidas ou das Diversões? Qualquer coisa onde tivesse que usar mais a cabeça. O intelecto, essa é que é minha área. Além disso você... — Engoliu as palavras.

— Nem vai — completou Susan dando de ombros e pegando novamente o giz, depois de uma violenta cãibra na mão. — Não vou mesmo, mas apesar disto quero que fique tudo bonito. — Acanhada, acrescentou: — Tommy vai.

Trabalharam em silêncio por alguns instantes, quando Helen fez nova pausa. Não havia ninguém por perto. A mais próxima era Holly Marshall, ocupada na outra ponta do mural colorindo a quilha da gôndola.

— Posso lhe fazer uma pergunta, Sue? — disse Helen finalmente. — Puxa, todo mundo fala nisso.

— Claro. — Sue parou de colorir, esticando os dedos. -Talvez eu deva até contar para alguém. só para que as coisa fiquem claras. Fui eu que pedi a Tommy para levar Carrie Espero que com isto ela consiga sair um pouco de dentro de si... que derrube algumas de suas barreiras. .Acho que devo isto a ela.

— E o resto de nós como é que fica? — perguntou Helen sem o menor rancor.

Sue deu de ombros.

— Cada um que julgue por si o que fizemos. Eu não estou em situação de poder jogar pedras. Só não quero que pensem que estou...

— Se fazendo de mártir?

— Mais ou menos isto.

— E Tommy entrou nessa? — Era isto que mais a fascinava.

— Entrou — disse Sue, com toda simplicidade. E depois de uma pausa: — Acho que os outros pensam que eu estou pior.

Helen ficou pensando.

— Bem...é o que eles todos andam dizendo. Mas a maioria acha que você está certa. É como você diz. Cada um que tome as suas decisões. Existe na verdade uma pequena facção divergente.

— A turma de Chris Hargensen?

— E Billy Nolan também.

— Ela não vai muito comigo? — disse Sue, como perguntando.

— Ora Susie, ela odeia você

Susan concordou, surpresa em sentir que isto a irritava e afligia ao mesmo tempo.

— Ouvi dizer que seu pai ia processar a escola, depois mudou de ideia.

Helen deu de ombros.

— Isto não lhe valeu a amizade de ninguém. Na verdade nem sei o que houve conosco. Eu me sinto como se já não me conhecesse mais.

Continuaram a trabalhar em silêncio. No outro lado da sala Don Barrett estava armando uma escada para poderem começar a enfeitar com papel crepom as vigas de aço lá no alto.

— Olhe — disse Helen. — Lá vai a Chris.

Susan levantou os olhos e ainda conseguiu vê-la entrar naquela toca de sala ao lado da entrada do ginásio. Usava calça de veludo cor de vinho de boca larga, e uma blusa de seda branca — sem sutiã, pelo jeito como tudo balançava na frente —; era dessas com que sonham os velhos sem-vergonha, pensou Sue com azedume, curiosa por saber o que Chris poderia querer lá dentro onde o Comitê do Baile havia instalado sua sede. Bem verdade que Tina Blake fazia parte do Comitê, e que as duas eram unha e carne.

Ora, pare com isto, ela se repreendeu. Queria que andasse por aí com a cabeça coberta de cinzas?

Exatamente, admitiu ela. Era isto mesmo que parte dela desejava.

— Helen?

— Hummmmm?

— Acha que eles vão fazer qualquer coisa?

O rosto de Helen pareceu se cobrir com uma máscara, a expressão contrafeita.

— Não sei — respondeu ela com voz despreocupada e exagerada inocência.

— Ah — fez Sue, meio desconfiada. (você sabe de alguma coisa: admita e se for só você me diga)

Continuaram a pintar; nenhuma delas falou. Sue sabia que as coisas não andavam tão bem como Helen afirmava. Não era possível; aos olhos de seus colegas ela nunca mais seria aquela garota de ouro. Tinha cometido algo perigoso que não mais poderia controlar — tinha quebrado a máscara e mostrado a face.

O sol do fim da tarde, cálido e doce como um afago de criança, penetrava enviesado pelas altas e reluzentes janelas do ginásio.

Do livro: Eu Me Chamo Susan Snell (página 40):

Entendo parte do que aconteceu na noite do baile. Por horrível que seja, entendo como alguém como Billy Nolan tenha se metido nisto, por exemplo. Chris Hargensen fazia dele o que queria — quase sempre. O mesmo acontecendo com ele e seus amigos. Kenny Garson. que terminou o primeiro grau aos dezoito anos, tinha nível de terceira série primaria. No sentido clínico, Steve Deighan apenas escapava de ser débil mental. Alguns dos outros estavam fichados na polícia: Jackie Talbo por exemplo, foi preso

pela primeira vez aos nove anos, quando roubava calotas. Se você tiver mentalidade de assistente social poderá classificar todos eles de infelizes vitimas.

Mas e Chris Hargensen?

Me parece que desde o inicio tinha um objetivo: a destruição total e completa de Carrie.

— Não posso — disse Tina Blake ,constrangida. Era uma garota bonitinha, com uma cascata de cabelos ruivos Um lápis espetado neles dava-lhe um ar de importante. — Se a Norma voltar, vai ficar uma fera.

— Ela está lá na latrina — disse Chris.— Anda logo.

Meio chocada Tina deu unta risadinha sem querer. Mesmo assim continuou a relutar:

— Ora, para que você quer ver. Você não vai mesmo. — Pode deixar — disse Chris — como sempre transbordando dando mau humor.

— Toma aí — e Tina lhe empurrou por cima da mesa uma folha dentro de um plástico mole. — Vou sair para tomar uma coca. Se aquela filha da mãe. a Norma Watson, voltar eu não sei de nada.

— Tá — murmurou Chris já absorta. estudando o desenho. Nem ouviu a porta fechar.

Também o plano de arrumação da sala tinha sido desenhado por George Chizmar. portanto estava uma perfeição a pista de dança claramente marcada, os dois palanques, o palco onde o Rei e a Rainha seriam coroados (eu também gostaria de coroar Carrie aquela desgraçada filha da pula) no fim da noite. Arrumadas ao longo dos três lados estavam as mesas dos convidados. Na verdade eram mesas de jogo enfeitadas com fitas e papel crepom, com prendas, programas da festa e cédulas para a eleição do Rei e da Rainha.

Passou a unha pontuda e envernizada pelas mesas à direita da pista de dança, e depois pela esquerda. Lá estavam eles.

Tommy R. & Carrie W. Então o negócio era pra valer mesmo. Custava até a acreditar. Tremia com o insulto. Será que eles realmente achavam que ela ia permitir! Seus lábios se crisparam em escárnio.

Olhou por cima do ombro. Nada de Norma Watson

Chris colocou o mapa no lugar e deu uma rápida e furtiva olhada nos papéis na mesa rabiscada, coberta de iniciais. Faturas (principalmente do papel crepom e tachas), uma lista de nomes de pais que tinham emprestado as mesas. Trechos de miudezas, uma conta de Star Printers. a firma que tinha impresso as entradas do baile, um rascunho da cédula de votação.

— Uma cédula! — pegou-a avidamente.

Ela na verdade não deveria ser vista por ninguém antes da sexta-feira, quando todo o corpo discente da escola ouviria os nomes dos candidatos anunciados através do alto-falante. O Rei e a Rainha seriam escolhidos pelos presentes. Quase um mês atrás as cédulas vazias tinham sido distribuídas internamente, porém os resultados eram segredo de Estado.

Havia entre os alunos um movimento que vinha tomando vulto, visando acabar de uma vez com essa história de Rei e Rainha — algumas das meninas afirmavam ser sexista,

enquanto os rapazes achavam aquilo pura idiotice e ainda por cima um tanto embaraçoso. Era ~em possível que este fosse o último ano tão formal e tradicional.

Mas, por Deus, era o único ano que realmente contava. Com ávida intensidade ficou examinando a cédula:

George e Frieda. De maneira nenhuma. Frieda Jason era judia.

Peter e Myra. Também não. Ela pertencia ao grupo das que queriam acabar com todo este carnaval. Nem seria eleita. Além disto era tão bonita como o traseiro de Ethel, o velho cavalo de carroça.

Frank e Jéssica. Possível. Frank Grier tinha organizado este ano o time de futebol All New England, mas Jéssica era uma pequena sem graça, com mais espinhas do que miolos.

Don e Helen. Que nada. Nem para varredor de rua esta conseguiria se eleger.

E o último par:

Tommy e Sue. Só que Sue tinha sido riscada e no lugar dela haviam escrito Carrie. Não havia dupla igual para suas conjurações! Uma gargalhada falsa e estranha a sacudiu e ela cobriu a boca com a mão para abafá-la.

Tina voltou apressada:

— Santa Maria, você ainda por aqui! Ela vem ai!

— Calma, boneca — disse Chris colocando os papéis de volta na mesa. Foi saindo com um sorriso de deboche, parando na porta para acenar zombadora para Sue Snell. que estava dando duro, gastando seu ossudo traseiro naquele estúpido mural.

Lá fora, no hall, catou um níquel da bolsa. deixou-o cair no telefone público e ligou para Billy Nolan.

Do livro: The Shadow Exploded (páginas 100-101)

Até que ponto teria a destruição de Carrie sido planejada. Eis uma pergunta a responder. Seguiu ela um plano meticulosamente traçado, ensaiado repetidas vezes, ou as coisas foram acontecendo desordenadamente?

Eu sou a favor da última hipótese. Creio que Christina Hargensen tenha sido o cérebro disso tudo, mas que ela mesma tivesse tido apenas uma idéia meio nebulosa de como pegar uma garota como Carrie. O que suspeito é que tenha sugerido a William Nolan e a seus amigos fazerem o passeio até a fazenda de Irwin Henty em North Chamberlain. Tenho certeza de que a finalidade deste passeio teria apelado a qualquer senso de justiça poética pervertido.

O carro subia cantando pela sulcada Stack End Road em direção a North Chamberlain, a cem quilômetros por hora. Um perigo e um suplício, passando por cima das costelas da estrada de terra batida. Por vezes, uni galho pendente, viçoso em sua folhagem primaveril, raspava na capota do Biscayne “61”, de pára-lama amassado, todo enferrujado, empenado atrás, e equipado com dois canos de descarga sem silencioso. Um dos faróis não acendia. O outro piscava no negrume da meia-noite toda vez que o carro caía num buraco mais violento.

Billy Nolan manejava o volante, vermelho e coberto de poeira. Jackie Talbot, Henry Blake. Steve Deighan e os irmãos Garson, Kenny e Lou estavam também espremidos lá dentro. Varavam a escuridão como os olhos chamejantes de um Cérbero sobre rodas.

— Tem certeza que Henty não anda por aí? — perguntou Henry. — Não tô afim de fica aí de costas pra cima, meu caro William. O pau aí come.

Kenny Garson, um fracassado à quinta potência, achou isto engraçadíssimo, e deixou escapar uma torrente de risadinhas agudas.

— Não anda não — disse Billy. Até estas poucas palavras saíram de má vontade, a contragosto. — Enterro.

Chris havia descoberto isto por acaso. O velho Henty era dono de uma das poucas fazendas independentes e prósperas em toda Chamberlain. Extremo oposto do excêntrico fazendeiro de coração de ouro, o herói da literatura pastoral, era mesquinho como ninguém. Na época das maçãs verdes não carregava sua espingarda com sal grosso, mas com chumbo. Também já tinha processado diversos cidadãos por furto. Um deles era amigo do grupo, um pobre coitado de nome Freddy Overlock. Freddy fora pego em flagrante dentro do galinheiro do velho Henty, e recebera uma carga dupla de chumbinho numero seis exatamente onde o bom Deus o partira ao meio. Pobre Fred, passou quatro horas xingando e blasfemando, de bruços num Pronto Socorro, enquanto um médico interno alegremente tirava chumbinhos de seu traseiro e os deixava cair num recipiente de aço. Acrescentando ainda prejuízo a insulto, fora multado em duzentos dólares por furto e infração. Realmente Irwin Henty não morria de amores pelo bando de impostores.

— E Red? — perguntou Steve.

— Anda atrás de uma nova garçonete do The Cavalier -disse Billy, dando um guinada no volante e fazendo com que, numa velocidade de carro de corrida, o Biscayne pegasse a estrada da fazenda. Red Trelawney era empregado do velho Henty. Era um beberrão e tão bom atirador quanto o patrão. — Esse não volta antes de fecharem.

— Arriscado pra burro para uma brincadeira — murmurou Jackie Talbot.

Billy se empertigou:

— Quer sair fora?

— Não, não — apressou-se Jackie. Billy tinha-lhes mostrado trinta gramas de erva boa para rachar entre os cinco. Além disto estavam a dez quilômetros da cidade. — Até que é uma brincadeira legal!

Kenny abriu o porta-luva, tirou um peixe articulado cheio de ornatos (propriedade de Chris) e prendeu o lado aceso uma guimba entre uma das juntas. Achou a operação engraçadíssima e deu novamente sua risadinha aguda.

Passavam em disparada pelas placas de "Propriedade Particular — Entrada Proibida" fixadas em ambos os lados da estrada, por arame farpado e campos recém-arados. O cheiro de terra fresca era forte, penetrante e doce no ar quente daquela noite de maio.

Logo que chegou ao alto da colina seguinte, Billy apagou as luzes, colocou a alavanca de mudança em ponto morto desligou a chave. Como silencioso batelão de metal, o carro foi descendo em direção à entrada da fazenda.

Billy conseguiu fazer a curva sem o nenhum problema, ao enfrentarem outra elevação

menor, foram perdendo a velocidade, passando pela escura casa vazia. Agora já distinguiam o vulto enorme do celeiro e, mais além, o luar brilhando tranquilo nas águas do tanque para o gado e no pomar de macieira.

No chiqueiro duas porcas enfiavam o focinho chato por entre a grade. No estábulo, uma vaca mugiu baixinho, em sonhos talvez.

Billy parou o carro acionando o freio de emergência — operação na verdade desnecessária uma vez que a chave estava desligada, mas um gesto agradável de comando. Saltaram.

Lou Garson passou a mão na frente de Kenny e tiro qualquer coisa de dentro do porta-luva. Billy e Henry deram a volta e abriram a mala do carro.

— O desgraçado vai se cagar todo quando voltar e der com os olhos naquilo — disse Steve regozijante.

— Para Freddy — disse Henry tirando o martelo da mala.

Billy não respondeu mas era evidente que não fazia isto para Freddy Overlock, aquele filho da mãe. Fazia-o para Chris Hargensen, como tudo aliás na vida, desde o dia em que ela se dignou a descer de seu Olimpo de estudante e se tornou vulnerável a ele. Por ela mataria, faria coisa pior até.

Só para experimentar, Henry rodou no ar o malho de cinco quilos. O pesado bloco da extremidade a ser utilizada zuniu portentoso no ar da noite, e os outros rapazes se reuniram em torno de Billy quando este abriu a tampa da geladeira retirando dois baldes de ferro galvanizado. Estavam cobertos por uma fina camada de gelo, e os dedos ficavam entorpecidos ao tocá-los.

— Muito bem — disse ele.

Todos os seis se dirigiram rapidamente ao chiqueiro a respiração curta de excitação. As duas porcas eram mansas como gatos, e o velho varão estava deitado de lado, dormindo, na outra extremidade. Mais uma vez Henry vibrou o malho no ar, mas desta vez sem grande convicção. Estendeu-o a Billy.

— Não dá — disse com voz fraca. — Pegue ai.

Billy pegou-o e olhou interrogador para Lou, que segurava a larga faca de açougueiro que havia tirado do porta-luva.

— Não se preocupe — disse ele, passando o polegar na afiada lâmina.

— A garganta — lembrou Billy.

— Eu sei.

Cantarolando e rindo, Kenny dava os restos de um saco de batata frita para os porcos.

— Não liguem não, porquinhos, não liguem não. Billy, o grandão. vai rachar os crânios de vocês, e nunca mais vão ter que se preocupar com a bomba. — Coçava seus focinhos cobertos de cerdas, e os porcos grunhiam e mastigavam satisfeitos da vida.

— Lá vai — disse Billy quando o malho desceu.

O ruído lembrou-lhe a vez em que ele e Henry tinham jogado uma abóbora do alto da passarela de Claridge Road no 495 a oeste da cidade. Uma das porcas caiu morta de língua de fora, os olhos ainda abertos, com migalhas de batata frita penduradas no focinho.

Kenny ria como imbecil:

— Ela não teve nem tempo de arrotar.

— Rápido, Lou — disse Billy.

O irmão de Kenny se esgueirou por entre as ripas, levantou a cabeça do animal em direção à lua — os olhos vidrados fixavam o crescente com enlevado desinteresse — e enfiou a faca.

Na mesma hora o sangue esguichou assustador. Alguns dos rapazes ficaram respingados e deram um salto para trás com exclamações de nojo.

Billy se esticou para dentro e segurou um dos baldes debaixo do jato maior. O balde encheu rápido e foi colocado de lado. Quando o sangue começou a pingar e parou de correr o segundo balde estava cheio pela metade.

— O outro — disse Billy.

— Meu Deus, Billy — disse Jackie se lamentando. Será que isto não .....

— O outro — repetiu Billy.

Vem, porquinho, vem — chamou Kenny,, rindo e sacudindo o saco vazio de batata. O porco foi chegando até o ripado. O malho vibrou. O segundo balde ficou cheio e o resto do sangue escorreu pela terra. Um cheiro forte, cúprico. encheu o ar. Billy notou que estava com o antebraço todo lambuzado de sangue.

Carregando os baldes de volta para a mala, a mente Billy fez urna associação confusa, simbólica. Sangue de porco Chris tinha razão. Isto era bom. Era ótimo. Consolidava tudo.

Sangue de porco para aquela porca.

Ajeitou os baldes no meio do gelo picado, tampou-os, fechou a geladeira com violência.

— Vamos embora — disse ele.

Instalou-se ao volante, soltou o freio. Os cinco rapazes meteram os ombros no carro, e foram empurrando-o por trás. Em silêncio descreveu um círculo bem fechado, passou pelo estábulo, galgou a colina em frente à casa de Henty

Quando o carro começou a descer sozinho, foram correndo a seu lado e saltaram para dentro, soprando e bufando.

O Biscayne foi ganhando velocidade, chegando a derrapar um pouco quando Billy, com um golpe de direção, o fez dobrar da entrada da fazenda para Henty Road. Ao pé da colina, passou a alavanca de mudança para terceira e soltou a embreagem. Com um ronco o motor pegou.

Sangue de porco para uma porca. Grande ideia, sim, senhor. Muito boa mesmo. Sorriu e Lou Garson ficou surpreso e temeroso. Não se lembrava de ter visto Billy Nolan sorrir em ocasião alguma. Nem ouvira jamais falar em tal coisa.

— Pro enterro de quem foi o velho Henty? — perguntou Steve.

— Da mãe dele — respondeu Billv.

— Da mãe? — disse Jackie Talbot perplexo. — santo Deus, devia ser mais velha que Matusalém.

A risada aguda de Kenny foi levada pela fragrante escuridão que tremia no limiar do

verão.

PARTE II

A NOITE DO BAILE

Vestiu o vestido pela primeira vez, no seu quarto, na manhã de 27 de maio. Tinha comprado um sutiã especial para usar com ele, que erguia o busto adequadamente (não que ela na verdade precisasse disto) e deixava a metade de cima descoberta. Dava-lhe uma sensação estranha de mistério e sonho, um misto de vergonha e excitação.

O vestido ia quase até o chão. A saia era folgada, o corpete justo, a fazenda de uma riqueza e toque que não eram familiares a sua pele, acostumada apenas ao contato de lã ou algodão.

O caimento parecia bom, melhoraria ainda com os sapatos novos. Calçou-os, prendeu a gargantilha, e foi até a janela. Na vidraça conseguia ver apenas uma vaga e irritante imagem de si mesma, mas tudo parecia perfeito. Mais tarde talvez pudesse.

A porta se abriu de repente com um pequeno estalo do trinco. Carrie virou-se e olhou para a mãe.

Estava vestida para o trabalho, de suéter branco e bolsa preta numa das mãos. Na outra, segurava a Bíblia.

Se encararam.

Quase inconscientemente, Carrie sentiu suas costas se empertigarem e ficou reta em pé na réstea de sol primaveril que entrava pela janela.

— Vermelho — murmurou a mãe. — tinha que ser vermelho.

Carrie não respondeu.

— Estou vendo seus travesseirinhos, todo mundo vai vê-los também. Vão olhar para o seu corpo. O livro diz...

— Isto são meus seios mãe. Toda mulher tem um.

— Tire este vestido — disse a mãe.

— Não.

— Tire Carrie. Vamos lá pra baixo queimá-lo no incinerador juntas, e depois rezar pedindo perdão. Vamos fazer penitência. — Seus olhos começaram a arder com aquele desprendido fervor que se apossava dela nas ocasiões em que punham sua fé a prova. — Eu não vou trabalhar e nem você vai a escola, vamos ficar em casa rezando. Pedindo um sinal divino. Vamos nos ajoelhar e pedir o fogo de Pentecostes

— Não, mãe.

A mãe levantou a mão e beliscou seu próprio rosto, deixando uma marca vermelha Olhou para Carrie à procura uma reação, mas não vendo nenhuma, fechou a mão em forma de garra e arrancou sangue da face. Gemendo, oscilava nos canhares. Seus olhos ardiam de exaltação

— Deixe de se ferir, mãe Não vai me fazer desistir de qualquer maneira.

A mãe soltou um grito. Com a mão direita fechada, aplicou violento murro na porta, fazendo-a sangrar. Molhou dedos no sangue, ficou olhando para eles perdida em pensamentos, e manchou a capa da Bíblia.

— Lavada no Sangue do cordeiro — murmurou ela — Muitas vezes. Muitas vezes eu e ele...

— Me deixa, mãe.

Olhou para Carrie, os olhos brilhando. Havia uma horrível expressão de ira e justiça estampada em seu rosto.

— De Deus não se zomba — murmurou ela. — Pode estar certa de que seu pecado há de revelá-la. Queime-o, Carrie. Arranque este vermelho satânico de seu corpo e queime-o. Queime-o! Queime-o! Queime-o!

A porta abriu-se sozinha, violentamente.

— Vá embora, mãe.

A mãe sorriu. Sua boca ensanguentada tornava o riso grotesco, deformava-o.

— Como Jezabel caiu da torre, assim seja com você — disse ela. — E Os cães vieram lamber-lhe o sangue. Está escrito na Bíblia. Está...

Seus pés começaram a deslizar no chão — ela olhou para eles estupefata. Era como se a madeira tivesse se transformado em gelo.

— Pare com isto! — gritou.

Já estava no corredor. Passando pelo umbral da porta segurou-se nele por um instante. Seus dedos foram soltos, aparentemente por nada.

— Gosto de você, mãe — disse Carrie com firmeza — Sinto muito.

Imaginou a porta se fechando, e foi exatamente o que ela fez, movida como por uma leve brisa. Cuidadosamente e para não feri-la, soltou as mãos mentais com as quais empurrara a mãe.

Um minuto mais tarde. Margaret esmurrava a porta. Carrie manteve-a fechada. os lábios tremendo.

— Haverá um julgamento! — esbravejou Margareth White. — Eu lavo as minhas mãos. Tentei em vão.

— Pilatos disse o mesmo — respondeu Carrie.

A mãe foi embora. Logo depois. Carrie viu-a descer a entrada, atravessar a rua a caminho do trabalho.

— Mãe — disse ela baixinho, encostando a testa na vidraça.

Do livro: The Shadow Exploded (pagina 129)

Antes de passar a uma análise mais profunda da Noite do Baile em si, seria bom fazermos um resumo do que sabemos de Carrie White como pessoa.

Sabemos que era vítima do fanatismo de sua mãe. Sabemos também que possuía forças telecinéticas latentes, do que costumamos chamar de TC. Sabemos que estas forças, chamadas de "talento selvático", são um traço hereditário, provocado por um gene que

se, presente e via de regra recessivo. Suspeitamos que a faculdade TC seja de natureza glandular. Sabemos outrossim que em criança, quando colocada em situação de extrema tensão e culpabilidade, ela deu pelo menos uma demonstração desta sua faculdade. Sabemos que uma segunda situação de extrema tensão e culpabilidade foi provocada por um incidente desagradável no vestiário da escola .Segundo a teoria de William G, Throneberry e Julia Givens de Berkeley, a manifestação da faculdade TC a esta altura foi provocada por fatores psicológicos (isto é, a reação das colegas e da própria Carrie a sua primeira menstruação). e por fatores fisiológicos (ou seja, o advento da puberdade).

Finalmente sabemos que na Noite do Baile surgiu uma terceira situação de tensão, que veio causar os terríveis acontecimentos que agora passaremos a discutir. Começaremos com... (não estou nervosa nem um pouco nervosa)

Tommy viera mais cedo lhe trazendo as flores que agora prendia no vestido, na altura do ombro. Evidentemente não tinha mamãe que fizesse isso por ela, que desse uma olhada para ver se estavam na posição certa. Sua mãe estava trancada na capela há duas horas, rezando histericamente, Sua voz crescia e decrescia em ciclos incoerentes, assustadores. (sinto muito mãe, mas não consigo me arrepender)

Tendo acabado de ajeitá-las, deixou pender os braços, e ficou parada por um instante imóvel, de olhos fechados. Na casa não havia nenhum espelho onde se pudesse ver inteira (vaidade, vaidade tudo é vaidade) mas achava que devia estar bem. Tinha que estar. Ela...

Abriu os olhos novamente. O cuco da floresta Negra ganho na rifa, marcava sete e dez. (ele deverá estar aqui dentro de vinte minutos)

Estaria?

Ou talvez tudo não passasse de uma brincadeira primorosamente arquitetada, o último lance, o golpe final. Deixá-la sentada ali a noite inteira em seu vestido de veludo molhado, com corte princesa, mangas Julieta e saia reta — com as rosas-chá presas no ombro esquerdo.

Do outro quarto, agora em crescendo:

— ...na terra bendita! Sabemos que Teu Olho Vela, hediondo Olho de três lóbulos, e o som dos negros clarins. Nós nos arrependemos sinceramente...

Carrie não acreditava que alguém pudesse avaliar a enorme coragem que fora preciso para se reconciliar com isto, para expor às terríveis possibilidades que nesta noite poderiam concretizar. Levar o bolo, realmente, não seria a pior delas. Bem no íntimo até pensava que seria melhor se... (não pare com isto)

Claro que seria mais simples ficar em casa com a mãe. Mais seguro. Sabia perfeitamente o que Elas pensavam da mãe. Na verdade, a mãe podia ser fanática e excêntrica, mas ao menos era previsível. E a casa também era. Nunca ela ai encontraria um bando de garotas gritando e jogando coisas nela.

E se ele não viesse, se ela tirasse o corpo fora e desistisse? Seu curso acabaria em um mês. E depois? Uma vida subterrânea, rastejante, sustentada pela mãe, passando o dia inteiro diante da televisão da Sra. Garrison toda vez que ela a convidasse (a Sra. Garnison tinha oitenta e seis anos), assistindo a competições esportivas ou novelas, indo até a cidade tomar uma cerveja maltada depois do jantar lá no Kelly Fruit, numa hora em

que estivesse deserto, engordando cada vez mais, perdendo todas as esperanças, perdendo até a capacidade de pensar.

Não. Pelo amor de Deus. Não. (por favor, faça com que tudo dê certo).

— ... Protegei-nos Dele com o casco fendido. que está sempre à espera nos becos, nos estacionamentos de motéis, ó Salvador ...

Sete e vinte e cinco.

Nervosa, sem pensar no que estava fazendo, começou a erguer coisas com a mente e repô-las de novo exatamente como a mulher impaciente que, à espera de alguém num restaurante, fica dobrando e desdobrando o guardanapo. Conseguiu aguentar uma dúzia de objetos no ar ao mesmo tempo, sem o menor indício de cansaço ou dor de cabeça. Ficou esperando que a força esmorecesse, mas continuou em plena forma. Na noite passada, a caminho de casa, fizera com que um carro ali estacionado (por favor, faça com que isto não seja brincadeira), andasse uns sete metros ao longo do meio-fio, pela rua principal, sem que isto lhe custasse o menor esforço. Os ociosos em frente ao Palácio da Justiça arregalaram os olhos, a ponto de quase lhe saltarem das órbitas. E Carrie também, só que no íntimo, sorria.

O cuco saiu de sua casa e cantou uma vez. Sete e trinta.

Começou a tomar um pouco de cautela. A tensão que o uso desta força provocava em seu coração, pulmões e termostato interno era tremenda. Acreditava que seria bem possível seu coração vir a estourar, literalmente. Era como se estivesse dentro de outro corpo que a forçasse a correr, correr e correr cada vez mais. Não era o seu corpo que pagaria o custo, seria o outro. Aos poucos, foi tomando consciência de que sua força era bem semelhante à dos faquires indianos que passeiam sobre carvões em brasa, enfiam agulhas dentre dos olhos, se enterram alegremente por até seis semanas. A mente sobre a matéria, seja em que forma for, é um terrível sangradouro dos recursos do corpo.

Sete e trinta e dois. (ele não vem) (não pense nisto, água que se controla não ferve, ele vem sim) (não, não vem não, esta lá com os amigos zombando de você e dai a pouco passarão num daqueles carros velozes barulhentos rindo buzinando e berrando).

Derrotada, começou a erguer e descer a maquina de costura, balançando-a no ar em arcos cada vez maiores.

— ... e protegei-nos das filhas rebeldes imbuídas dos caprichos do Malvado...

— Cale a boca! — gritou Carrie de repente.

Por um momento houve um silêncio de espanto, depois a cantilena recomeçou.

Sete e trinta e três

Não vem. (então vou destruir a casa)

A ideia lhe ocorreu clara e simples. Primeiro a máquina de costura, atravessando a parede da sala O sofá pela janela Mesas, cadeiras, livros e folhetos tudo voando. Os encanamentos arrancados ainda esguichando, como artérias arrancadas da Carrie viva. Até o telhado, se tivesse forças para tanto, as ripas se partindo, explodindo na noite como um bando de pombos assustados.

Luzes faiscavam garridas pela janela.

Outros carros já tinham passado, fazendo seu coração bater acelerado, mas este estava diminuindo a marcha. (oh)

Correu ate a janela, incapaz de se conter. Era ele, Tommy. Acabara de saltar do carro, e mesmo a luz da lâmpada da rua era alinhado, lépido, quase, estalando. A estranha idéia lhe deu vontade de rir.

A mãe tinha parado de rezar.

Pegou o leve chale de seda das costas da cadeira, enrolou os ombros nus. Mordeu os lábios, tocou o cabelo, teria dado a alma em troca de um espelho. A campainha na entrada gritava estridente.

Ela se obrigou a esperar pelo segundo toque, controlando o tremor das mãos. Depois foi andando lentamente, com um farfalhar sedoso.

Abriu a porta e lá estava ele, quase ofuscante em seu Summer branco e calças pretas.

Entreolharam-se em silêncio.

Carrie sentiu que seu coração se partiria se ele dissesse uma palavra errada. Se risse, ela morreria. Sentiu — na carne, de verdade — toda sua desgraçada vida se estreitar, se reduzir a um ponto que poderia ser o início ou o fim de um raio que se abria.

Finalmente, perdida, ela disse:

— Então, gostou?

— Você está linda! — disse ele.

E estava mesmo.

Do livro: The Shadow Exploded (pagina 131)

Enquanto Os convidados do Baile da Primavera de Ewen estavam se reunindo na escola ou fazendo sua boquinha de antes-da-festa, Christine Hargensen e William Nolan tinham se encontrado num quarto de uma taberna nos limites da cidade, no The Cavalier. Sabemos que eles já vinham se encontrando) há tempos; isto consta nos relatórios da Comissão White. O que não sabemos é se os planos estavam completa e irrevogavelmente traçados, ou se eles iam se desenrolando quase a capricho...

— Já está na hora? — perguntou ela no escuro.

— Não — disse ele olhando para o relógio.

Através do assoalho de madeira soava vagamente a música da vitrola tocando She's got to be a Saint, de Ray Price. Pensando bem, The Cavalier não tinha trocado de discos desde a primeira vez que estivera ali há dois anos, com identidade falsa. Evidente que naquela época estivera lá em baixo na sala de danças e não aqui num dos reservados de Sam Deveaux

O cigarro aceso de Billy piscava no escuro como o olho inquieto do demônio. Ficou olhando introspectiva. Desde segunda-feira não consentira em dormir com ele, quando lhe prometera que junto com seus amigos de oficina lhe ajudaria a mexer os pauzinhos em relação a Carrie White, se esta realmente ousasse ir à festa com Tommy Ross. Mas eles já tinham estado aí antes, já tinham tido umas boas e quentes sessões de carícias amorosas que ela chamava de amor à escocesa e ele, na sua qualidade de acertar

infalivelmente no vulgar de ávidas corcoveadas.

Pretendia fazê-lo esperar até que ele realmente tivesse feito alguma coisa (mas claro que ele tinha feito ele apanhara o sangue) mas foi perdendo o controle da situação e começou a ficar inquieta Se ela não se tivesse entregue na segunda, ele a tinha tomado a força.

Billy não era seu primeiro amante, mas era o primeiro que não dançava conforme ela assobiava. Os outros tinham sido hábeis bonecos de rosto liso sem espinhas, pais bem relacionados, membros do Country Club. Dirigiam seus próprios Volkswagens, Javelins ou Dodge Chargers iam à missa, frequentavam o Boston College. No outono usavam blusas das fraternidades, e no verão camisas de malha justas com letras vivas. Fumavam uma boa dose de maconha, e contavam coisas cômicas que lhes aconteciam sob seu efeito. A principio a tratavam com condescendente camaradagem. e sempre acabavam correndo atrás dela ofegantes, como cachorros no cio. Depois de terem corrido bastante tempo, ela acabava permitindo que a levassem para a cama. Muitas vezes ficava deitada impassiva debaixo deles, sem ajudar nem impedir, esperando que terminasse. Mais tarde, enfocando o incidente como um elo isolado em sua memória, ela alcançava solitária seu próprio clímax.

Encontrara Billy Nolan depois de uma batida à procura de drogas num apartamento em Portland. Quatro estudantes, inclusive seu par daquela noite, tinham sido apanhados. Chris e as outras garotas foram fichadas por frequentarem o local.Com discreta eficiência o pai de Chris se encarregou do caso e perguntou-lhe se ela imaginava o que seria de sua reputação e de sua clientela se a filha tivesse que responder a processo por uso de droga. Ela lhe respondeu que duvidava muito que afetasse qualquer uma das duas, fato que levou o pai a tirar-lhe o carro

Uma semana mais tarde, ao sair da escola, à tarde, Billy lhe ofereceu carona para levá-la em casa. Aceitou.

Apesar de toda sua vulgaridade, alguma coisa nele a excitava e agora, deitada na modorra desta cama ilícita (sentindo no entanto o despertar da excitação e um temor prazeroso), pensou que talvez fosse seu carro — ao menos a principio.

Não tinha a menor semelhança com os carros anônimos, rotulados de fábricas dos outros namorados, com janelas sem ventilação, volantes dobráveis, um cheiro meio desagradável de estofo de plástico e líquido de limpar para-brisa.

O carro de Billy era velho, escuro, sinistro. O para-brisa leitoso nas bordas, como se a catarata estivesse começando a se formar nele. Os assentos soltos e desenganchados. Garrafas de cerveja rolavam batendo umas nas outras no fundo do carro, e ela tinha que ajeitar os pés ao lado de uma enorme caixa de ferramentas sem tampa, toda suja de graxa. As ferramentas eram das mais diversas marcas, o que fazia com que suspeitasse serem elas roubadas. O carro cheirava a óleo e gasolina. Através do fundo esburacado, soava alto e alegre o barulho dos canos de descarga abertos. Um fila de mostradores pendia do painel onde estava escrito ampères, pressão do óleo, tacom (seja lá o que for). As rodas traseiras estavam empenadas. e o capô parecia estar apontando para a estrada.

E, evidentemente, ele andava como louco.

Na terceira vez que a levou de carona para casa, um dos pneus carecas da frente estourou a cem quilômetros por hora. Cantando, o carro foi derrapando. ela gritou alto de repente, certa de sua morte. Uma imagem de seu corpo rebentado e ensanguentado,

atirado contra a base de um poste da rede telefônica como um amarrado de trapos, passou-lhe pela mente, numa perfeita fotografia de jornaleco. Xingando, Billy jogava o volante empoeirado de um lado para outro.

Quando o carro finalmente parou, e ela saltou, Os joelhos ameaçando dobrar a cada passo, viu no asfalto os dois metros de marca em espiral de borracha queimada.

Billy já estava abrindo a mala do carro, arrancando o macaco e murmurando consigo mesmo. Nenhum fio de cabelo estava fora do lugar.

Ele lhe entregou um cigarro pendurado no canto da boca dizendo:

— Traga aquela caixa de ferramentas, bem.

Ficou pasma. Sua boca se abriu e fechou duas vezes como um peixe fora d'água, antes que conseguisse dizer qualquer coisa

— Eu... eu não! Você quase me m... você quase... seu cretino, maluco! Além disto está suja!

Virou-se e olhou para ela decidido:

— Ou você traz ou amanhã à noite não levo você àquela merda de luta.

— Detesto lutas! — Ela nunca havia assistido a nenhuma mas sua raiva e o desaforo exigiam uma resposta categórica. Seus namorados anteriores a levavam para apresentações de rock, que ela abominava. Sempre acabava ficando perto de alguém que não tinha tomado banho há semanas.

Billy deu de ombros, voltou para a frente do carro começou a suspendê-lo.

Chris apanhou a caixa sujando de graxa seu suéter novinho. Ele deu um grunhido sem ao menos se virar. Sua camisa tinha saído da calça, as costas eram bronzeadas, musculosa pele lisa. Ficou fascinada, a língua se arrepiou no canto boca. Ajudou-lhe a mudar a roda, ficando com as mãos negras. O carro balançava ameaçador em cima do macaco, e o estepe estava com a lona aparecendo em dois lugares.

Quando o serviço estava terminado e ela instalada novamente no carro, todo o suéter e a saia vermelha, que tinham custado uma nota, estavam sujos de graxa.

— Se você acha que... — começou ela, quando ele sentou ao volante.

Ele se ajeitou e a beijou, as mãos apertando-a e subindo da cintura aos seios. Cheirava a Brylcream e suor, com hálito de tabaco. Por fim ela se afastou, olhando para sua roupa agora ainda mais suja, com manchas de óleo e poeira. Duzentas pratas, que agora só serviam para a lata de lixo. Sua excitação era tão intensa que chegava a doer.

— Como é que você vai explicar isto? — perguntou beijando-a novamente. Sentia como se sua boca estivesse rindo.

— Me apalpa — disse ela a seu ouvido. — Me apalpa toda. Me lambuza.

Ele obedeceu. Uma meia de náilon estourou como boca escancarada. Sua saia que já era curta foi puxada violentamente até acima da cintura. As mãos ávidas não tinham requinte algum. Alguma coisa — talvez a repentina proximidade morte — fez com que subitamente se sacudisse em violento orgasmo. Ela tinha entrado em luta com ele.

— Quinze para as oito — disse ele, sentando-se na cama. Acendeu a luz e começou a se vestir. Seu corpo ainda a fascinava. Lembrou-se da noite de sexta-feira, e do que tinha sentido. Ele tinha. (não)

Mais tarde haveria tempo de sobra para isto, quando talvez pudesse lhe trazer mais alguma coisa do que a excitação inútil. Jogou as pernas para fora da cama e vestiu as calcinhas rendadas.

— Talvez a ideia não seja das melhores — disse ela, sem saber se estava testando a ele ou a si própria. — Talvez seja melhor voltarmos para a cama e...

— A ideia é boa sim — respondeu ele, e uma sombra de humor lhe passou pelo rosto. — Sangue de porco para uma porca.

— O quê?

— Nada não. Vamos. Se arruma.

Ela obedeceu. Ao saírem pela escada dos fundos, sentiu em suas entranhas uma enorme excitação crescendo para desabrochar ávida como alva rainha-da-noite.

Do livro: Eu Me Chamo Susan Snell (página 45):

Sabe de uma coisa, eu francamente não me sinto tão desolada por tudo que aconteceu como as pessoas acham que deveria estar. Não que elas o digam francamente, mas são elas que sempre vêm me dizer o quanto ficaram desoladas. E isto geralmente acontece pouco antes de me pedirem um autógrafo. Mas acham que eu devia estar desolada, me lamentando, usando luto, bebendo demais, apelando para drogas. Vivem dizendo coisas como:

— É horrível, mas sabe o que aconteceu a ela... — e blá, blá, blá.

Estou desolada, sinto muito, desculpa, a palavrinha 'sorrv', em suma, é o lenitivo para as emoções humanas. É o que se diz ao derrubar uma xícara de café, ou quando, em companhia de garotas, a bola escapa no jogo de boliche. No entanto a compaixão autêntica é tão rara quanto a verdadeira amizade. Não sinto mais a morte de Tommy. Para mim parece mais um sonho de anos atrás. Vocês podem achar que eu seja cruel, mas já correu tanta água depois daquela Noite do Baile. Também não sinto ter comparecido diante da Comissão White. Disse verdade...ao menos até onde sabia.

Por Carrie, sim, por ela eu sinto muito, e tenho pena.

Vocês sabem, ela foi esquecida, transformaram-na numa espécie de símbolo e esqueceram que ela era um ser humano tão real quanto você que está lendo estas linhas, com esperanças e sonhos e todo aquele blá, blá, blá. Não adianta nada disto agora, creio eu. Nada poderá modificar a pessoa em que a imprensa a transformou. Mas ela era, sim, e como doía. Doía mais do que qualquer de nós talvez possa ter imaginado.

Por ela eu sinto, e espero que a festa tenha sido boa para ela. Boa, formidável, fabulosa, encantadora, até que o horror começou...

Tommy levou o carro até o estacionamento ao lado ala nova da escola, deixou o motor rodar mais uns segundos e desligou-o. Carrie estava sentada a seu lado, o chale de seda nos ombros. De repente lhe pareceu como se estivesse vivendo num sonho de intenções ocultas, e que só agora tomava conhecimento deste fato. O que estava ela fazendo? Tinha deixado a mãe sozinha em casa!

— Nervosa? — perguntou ele, e Carrie se assustou.

— É.

Tommy riu e saltou. Ela ia abrindo a porta, quando se adiantou e abriu para ela saltar.

— Não fique nervosa. Você é como Galatéa.

— Como quem?

— Galatéa. Lemos sobre ela na aula do professor Ever. Transformou-se de criada numa bela moça que ninguém reconheceu.

Ficou pensativa.

— Mas eu quero que elas me reconheçam — disse finalmente.

— E tem toda razão. Vamos lá.

George Dawson e Frieda Jason estavam de pé ao lado máquina de coca-cola. Frieda, uma misturada de tule cor de laranja, mais parecia uma tuba. Donna Thibodeau, na porta recolhia entradas com David Bracken. Ambos eram membros da Sociedade Honorífica Nacional, e da Gestapo pessoal de Miss Geer; usavam calças brancas e blusões vermelhos — as cores da escola. Tina Blake e Norma Watson distribuíam programas e instalavam as pessoas de acordo com o mapa. Ambas estavam de preto, e deviam se achar muito alinhadas pensou Carrie, embora a seus olhos parecessem vendedoras de cigarros dos velhos filmes de gangster.

Quando Tom e Carrie entraram, todos se viraram, e por um instante houve um silêncio forçado e constrangedor. Carrie sentiu uma vontade louca de molhar seus lábios, mas se controlou. Depois George Dawson disse:

— Meu Deus, que cara mais esquisita, Ross.

Tommy sorriu.

— Quando foi que você desceu do alto das copadas árvores, Chita?

Dawson avançou de punhos erguidos. Carrie se sentiu apavorada. Em seu estado de tensão, por um triz ergueu George e o jogou para fora do salão. Depois se lembrou de que este era um jogo antigo, muito comum e apreciado.

Os dois se preparam para a luta, a rosnar em círculo. George, então, que já tinha levado dois empurrões, começou a bramir e a gritar:

— Pega! Mata! — e Tommy derrubou-o, rindo.

— Não liga, não — disse Frieda, virando seu nariz de tucano e se aproximando. — Se eles se matarem, danço com você.

— São idiotas demais para isto — arriscou Carrie. — Parecem uns dinossauros. — E quando Frieda sorriu, ela sentiu como se algo muito velho e enferrujado se rompesse, trazendo consigo calor, alívio, tranquilidade.

— Onde você comprou seu vestido? — perguntou Frieda. — Adorei.

— Eu fiz.

— Você fez? — Os olhos de Frieda se arregalaram em genuína surpresa. — Ora, deixa disso!

Carrie sentiu-se enrubescer de raiva.

— Fui eu sim... Eu... eu gosto de coser. Comprei a fazenda em Westover. O modelo é bem simples.

— Vamos — disse George dirigindo-se a todos em geral. — O conjunto vai começar. — Revirou os olhos, e, num gesto macio e irônico de quem vai atacar, saiu dançando: — Vib, vib, vib, nós, malandros, gostamos é de vibração.

Quando entraram, George estava imitando Flash Bobby Pickett e fazendo caretas, Carrie falava com Frieda a respeito de seu vestido, e Tommy ria, as mãos enfiadas no bolso. Assim amarrota todo o seu paletó, Sue estaria dizendo, mas, bolas parecia que ia dar tudo certo. Até aí parecia que ia dar tudo certo.

Só que ele, George e Frieda, não teriam nem mais duas horas de vida.

Do livro The Shadow Exploded (página 132):

A posição da Comissão White em insistir nos dois baldes de sangue de porco sobre uma viga por cima do palco como chave de tudo, parece fraca e duvidosa demais, mesmo à luz da reduzida prova concreta. Se optarmos por acreditar nas testemunhas orais do circulo mais chegado dos amigos Nolan (e, para sermos inteiramente francos, eles não parecem ter inteligência suficiente para mentir convincentemente), então ele tirou esta parte da conspiração totalmente das mãos de Christine Hargensen, agindo inteiramente por iniciativa própria...

Quando dirigia, não conversava; e gostava de dirigir. Dava-lhe uma sensação de força que não se comparava a nada, nem mesmo a fornicação.

A estrada se desenrolava a sua frente em brancos e pretos fotográficos, e a agulha do velocímetro tremia beirando cento e vinte. Ele vinha de um lar destruído; seu pai fugira logo após o fracasso de um posto de gasolina mal administrado — Billy tinha então doze anos — e sua mãe, a última vez que contara, já tivera quatro amantes. Brucie era atualmente o favorito, e ela era hoje um traste velho e feio,

Mas o carro! Este lhe transmitia poder e glória por suas próprias linhas de força. Transformava-o em alguém com quem se podia contar, alguém com charme; e não era por acaso que a maior parte de suas conquistas eram resolvidas no banco traseiro do carro. O carro era seu deus, seu escravo. Ele dava e podia tirar. Muitas vezes Billy o usara para tirar. Nas longas noites insones quando Brucie e sua mãe estavam se debatendo Billy fazia pipoca e saía por aí à cata de cachorros sem dono Às vezes, de madrugada, de motor desligado, deixava o carro rolar silencioso para dentro da garagem que ele mesmo tinha construído atrás da casa, o para-choque dianteiro pingando.

Ela, já conhecia seus hábitos bastantes bem, e não se preocupou em manter uma conversa à qual ele não prestaria atenção de qualquer maneira. Sentada a seu lado com uma perna encolhida, roía as juntas dos dedos. Os carros que passavam por eles com seus fachos de luz brilhavam em seu cabelo de reflexos prateados.

Quanto tempo ainda duraria ela? — pensou Billy. Talvez não fosse muito além desta noite. De qualquer maneira, desde o inicio tudo levara a isto, e depois o adesivo que os mantivera unidos ficaria fraco, talvez se dissolvesse, deixando-os admirados, sem saber como tudo principiara. Talvez ela deixasse de ter aquele ar de deusa, voltando à antiga puta de sociedade e isto talvez o levasse a querer judiar dela um pouco ou muito. Esfregar seu nariz dentro.

Chegaram ao alto da colina de Brickyard e lá embaixo estava a escola, o estacionamento repleto de carrões brilhantes dos ricos papais. Como sempre, sentiu um nó' na garganta de nojo e ódio. Pode deixar, vamos lhes proporcionar algo (uma noite inolvidável) sim senhores. Nós o podemos fazer.

As alas das salas de aula estavam escuras, silenciosas, desertas. O salão iluminado com a luz amarela de sempre, e o painel de vidro que formava a pane leste do ginásio ardia em tênues reflexos alaranjados, meio etéreos, meio tétricos. Novamente aquele gosto amargo, aquela necessidade premente de atirar pedras.

— Estou vendo as luzes, as luzes da festa — murmurou..

— Hein? — ela se virou sobressaltada, acordando de seus próprios sonhos.

— Nada não. — Tocou-lhe a nuca dizendo: -Acho que vou deixar você apertar o gatilho.

Billy, no entanto se encarregou disso sozinho, pois sabia que não podia confiar cm ninguém. Era uma lição dura, muito mais do lhe haviam ensinado na escola, mas ele aprendera muito bem. Os rapazes que na noite anterior tinham ido com ele à fazenda de Henty, não faziam ideia para que ele queria aquele sangue. Talvez suspeitassem de que Chrís estivesse envolvida. Mas nem disto tinham certeza.

Minutos depois da noite de quinta ter se transformado na madrugada de sexta, ele chegou a escola, deu duas voltas para se certificar de que os dois carros da patrulha de Chamberlain não estavam por lá.

De luzes apagadas entrou no estacionamento, deu a volta parando atrás do edifício. Mais ao longe se vislumbrava o campo de futebol mergulhado numa fina camada de névoa baixa.

Abriu a mala e destrancou a geladeira O sangue estava congelado; não importava. Teria ainda vinte e quatro horas para degelar.

Colocou os baldes no chão e apanhou urna série de ferramentas da caixa. Meteu-as no bolso da calça e pegou uma bolsa marrom no banco de trás. Parafusos tiniram dentro dela.

Trabalhava sem pressa, com a tranquila concentração quem é incapaz de conceber qualquer interrupção. O ginásio onde iria se realizar a festa era ao mesmo tempo o auditório da escola, e a pequena fileira de janelas que dava para o lado onde ele tinha estacionado o carro abria para uma área de depósito atrás do palco.

Escolheu uma ferramenta chata com extremidade espatulada, e enfiou-a pela estreita junta entre o vidro inferior e o superior de uma das janelas. Era uma boa ferramenta. Ele mesmo a fizera na oficina de Chamberlain. Forçou-a até que o fecho cedesse. Abriu a janela; entrou.

Estava muito escuro. O cheiro predominante era o de tinta velha das telas dos cenários do Clube de Arte Dramática. As sombras solitárias das estantes de notas e das caixas de instrumentos de música da Sociedade de Conjuntos pareciam sentinelas em seus postos. Num canto, o piano do professor Downer.

Billy tirou uma pequena lanterna da bolsa e foi andando até o palco, atravessando a cortina de veludo vermelho. O do ginásio com a quadra de basquete marcada e a superfície envernizada brilhava como urna lagoa de âmbar. Iluminando parte do palco

diante da cortina. Em giz branco tinham sido desenhados aí os contornos dos tronos do Rei e da Rainha que seriam colocados lá no dia seguinte. Toda esta parte seria coberta de flores de papel...por que, só Deus sabia.

Esticou o pescoço e ergueu o facho de luz, iluminando as sombras acima. Vigas se entrecruzavam em linhas sombrias, que ficavam diretamente por cima da pista de dança tinham sido decoradas com papel crepom; as da parte dianteira palco, não. Ali, uma curta cortina de correr encobria as vigas de modo que não eram visíveis quando olhadas da frente, do ginásio. Esta cortina abrigava ainda uma fileira que iluminariam profusarnente o mural da gôndola

Billy apagou a lanterna, dirigiu-se para a extremidade esquerda do palco e subiu urna escada de degraus de ferro fixos na parede. O conteúdo da bolsa, que por medida de segurança tinha escondido na camisa, tinia alegremente com um barulho oco no ginásio deserto.

No alto da escada havia uma pequena plataforma. Agora olhando para a parte dianteira do palco, o urdimento ficava a sua direita, e o ginásio à esquerda. No urdirnento guardavam-se os apetrechos do Clube de Arte Dramática, alguns deles ainda de 1920. Um busto de Palas, usado em alguma versão dramática antiga de “O Corvo”, de Poe, olhava para Billy com um olhar cego, flutuante, lá do alto de um estrado de molas enferrujado. Bem em frente, corria uma viga de aço até a extremidade do palco. Nela tinham sido fixadas as luzes que iluminariam o mural.

Foi andando por cima da viga, com calma, sem e menor medo, pela parte em balanço. Cantarolava baixinho uma musica popular A viga estava coberta por uma grossa camada de poeira e ele andando deixava grandes rastos. A meio caminho parou, ajoelhou-se e olhou para baixo.

Perfeitamente. Com a ajuda da lanterna podia distinguir o traçado a giz bem embaixo dele. Deu um assovio em surdina. (nada de bombas)

Marcou com um X na poeira o local exato, depois voltou pela viga até a plataforma. Ninguém viria aí em cima antes da festa. As luzes que iluminariam o mural e os tronos onde seriam coroados o Rei e a Rainha do baile (serão coroados sim senhor) eram controladas por uma chave atrás do palco Qualquer pessoa que olhasse lá de baixo, diretamente para cima, ficaria ofuscada pelas luzes. Seu arranjo seria notado apenas por alguém que viesse apanhar qualquer coisa aí em cima. Não acreditava que viesse. Era um risco que poderia correr perfeitamente.

Abriu a bolsa marrom, retirou um par de luvas de borracha, vestiu-as. Em seguida pegou duas pequenas roldanas que, por via das dúvidas, havia comprado ontem numa loja de ferragem.

Enfiou uma porção de pregos na boca como se fossem cigarros, e apanhou o martelo Ainda cantarolando a boca cheia de pregos fixou a roldana direitinha num canto , trinta centímetros acima da plataforma ao lado dela atarraxou um pequeno pitão.

Desceu, atravessou o fundo do palco e subiu outra escada não longe da janela por onde entrara. Chegou ao sótão — um desses guarda tudo de escola. Aqui estavam pilhas de diários escolares, uniformes de educação física roído de traças, velhos livros didáticos comidos por camundongos.

Olhando para a esquerda, jogando o facho de luz por cima do urdimento, conseguiu

identificar a pequena roldana que acabara de fixar. Olhou para a direita a suave brisa noturna que entrava por uma fresta de ventilação sopro-lhe no rosto. Sempre cantarolando, tirou a segunda roldana e pregou-a

Voltou. Saiu de quatro pela janela que havia forçado, pegou os dois baldes de sangue de porco. Estava trabalhando há meia hora, mas o sangue não degelara nem um pouco, carregando os baldes voltou até a janela. No escuro parecia a silhueta do fazendeiro regressando da primeira ordenha. Levantou-os, enfiou-os pela janela e subiu atrás.

Era bem mais fácil equilibrar-se nas vigas com os dois baldes na mão. Quando chegou ao X marcado anteriormente descansou os baldes, deu mais uma olhada no traçado de giz lá embaixo, balançou a cabeça aprovadoramente, e foi até plataforma. Lembrou-se de passar um pano nos baldes, quando fosse lá pela última vez — as impressões digitais de Ken deviam estar nele, as de Dou e Steve também — mas era melhor não fazê-lo. Assim talvez no domingo de manhã eles teriam uma surpresinha. A astúcia da idéia fê-lo sorrir.

O último artigo dentro de sua bolsa era um rolo de corda trançada. Voltou até os baldes e amarrou a alça dos dois com nó corrediço. Passou a ponta pelo pitão. e depois pela roldana jogou a corda que foi se desenrolando, no sótão, onde a enfiou na outra roldana. Talvez não gostaria que lhe dissessem, mas naquela escuridão do auditório, coberto pela poeira de décadas, com morcegos cinzentos esvoaçando sonhadores em torno de sua cabeleira em ninho-de-rato, mais parecia um Rube Goldberg corcunda e semilouco concentrado na invenção uma ratoeira mais aperfeiçoada.

Enrolou a ponta solta da corda colocou a em cima uma pilha de caixotes perto do respiradouro. Desceu pela última vez, limpou a poeira das mãos. Pronto, o serviço estava feito.

Olhou para fora da janela, saiu espremendo-se, e com um baque surdo pulou para o chão. Fechou a janela com a ajuda do mesmo ferro de antes, trancou o fecho da melhor maneira que pôde. Voltou para o carro.

Chris tinha dito que havia muita chance de Tomny Ross e a White, aquela cachorra, ficarem debaixo do balde. Em surdina, ela havia feito sua promoçãozinha entre os amigos. Seria bom se fosse verdade. Mas para Billy qualquer um dos outros serviria também.

Estava até começando a achar que seria ótimo se fosse a própria Chris.

Partiu.

Do livro: Eu Me Chamo Susan Snell (pagina 48).

Um dia antes da festa Carrie foi procurar Tommy. Esperou por ele na porta da sala de aula, e Tommy declarou que Carrie estava realmente com cara de infeliz, como quem receasse que ele fosse recebê-la aos gritos, dizendo que parasse de azucriná-lo, que o deixasse em paz.

Falou-lhe que teria que estar de volta no máximo às onze e meia, senão a mãe ficaria preocupada. Disse que não queria estragar-lhe a festa, nem nada disso, mas que não achava certo deixar a mãe preocupada.

Tommy sugeriu que depois do baile dessem uma passada no Kelly Fruit para tomar uma cerveja e um hamhurger. Todos os outros iriam para Westover ou Lewinston, portanto

o local seria só deles. O rosto de Carrie se iluminou, disse ele. Ela respondeu que seria ótimo, Ótimo mesmo.

Esta é a garota que eles insistem em chamar de monstro. Quero que gravem isto bem. Uma jovem que fica satisfeita com um copo de cerveja e um hamburger depois de seu único baile na escola, para que a mãe não fique preocupada...

A primeira coisa que impressionou Carrie ao entrar foi a Elegância. Não elegância, mas Elegância. Vultos graciosos frufulhavam pela sala, em seda, cetim, renda e gazes. O ar recendia a flores, surpreendendo sempre de novo o olfato. Vestidos de costas decotados, de frente tão cavados que se viam até os regos, de corpetes da linha império, vestidos longos, sapatilhas, Summers de um branco ofuscando, reluzentes sapatos pretos.

Alguns pares na pista de dança, não muitos ainda; à meia luz, pareciam espectros etéreos. Não queria ver neles seus colegas de turma. Preferia que fossem elegantes estranhos.

A mão de Tommy segurava seu cotovelo com firmeza.

— O mural ficou bonito — disse ele

— Ficou sim — concordou em voz baixa

O alaranjado espalhava uma luz suave e difusa, o barqueiro estava encostado com eterna indolência na cana leme, enquanto o pôr do sol ardia a seu redor, e as construções conspiravam juntas por sobre águas urbanas. Tranquila veio-lhe a certeza de que este momento ficaria guardado para sempre em sua memória, ao alcance da mão

Será que todos sentiam a mesma coisa? Até o George calou-se por um instante, olhando. E a cena, o perfume, até som da banda tocando uma música de filme vagamente reconhecível, ficaram gravados para sempre dentro dela. Estava em paz. Seu espírito conhecera um momento de tranquilidade, como se tivesse sido alisado, desamarrotado a ferro.

— Vamos — gritou George de repente, levando ela para dançar. De troça começou a dar uns passos de jitterbug das velhas músicas de banda, e alguém assoviou. George deu um sorriso velhaco, disse qualquer bobagem, e passou a rápida demonstração de dança cossaca, de braços cruzados quase aterrissando no traseiro.

Carrie sorriu.

— George é engraçado — disse ela.

— É mesmo. É um bom sujeito. Aliás tem uma porção de gente boa por aí. Quer sentar?

— Quero — respondeu agradecida.

Tommy foi até a porta e voltou com Norma Watson cujo cabelo tinha sido arranjado numa divertida explosão.

— É lá do outro lado — disse ela, e seus olhos vivos de lince examinaram Carrie de alto a baixo, à procura de qualquer alça aparecendo, qualquer espinha brotando, qualquer coisa que pudesse levar fora como novidade lá para a porta, depois de voltar a seu lugar.

— Que amor de vestido, Carrie! Onde foi que você conseguiu?

Enquanto Norma atravessava com eles a pista de dança para lhes indicar a mesa, Carrie lhe contou do vestido. Norma exsudava aromas de sabonete Avon, perfume Woolworth

e chicletes de frutas.

Junto à mesa havia duas cadeiras de dobrar (enfeitadas com fitas e laços do inevitável papel crepom) A mesa estava coberta com o mesmo papel, nas cores da escola. Em cima dela havia uma garrafa de vinho com uma vela dentro, um programa da festa, um pequenino lápis dourado, e duas prendas — gôndolas recheadas com nozes.

— Eu não CONSIGO me convencer — dizia Norma — Você está TÃO diferente. — Lançou um olhar estranho e furtivo para o rosto de Carrie, o que a fez sentir-se nervosa. — Você está RADIOSA. Qual o seu SEGREDO?

— Sou a amante secreta de Don MacLean — respondeu Carrie. Tommy deu uma risadinha, mas se controlou logo. Norma sorriu muito sem graça, e Carrie ficou espantada com sua própria audácia e espírito. Então era assim a cara de quem ficava na berlinda. Como se uma abelha lhe tivesse picado o traseiro. Carrie constatou ter ficado satisfeita de ver Norma assim. Era uma atitude realmente anticristã.

— Bem, tenho que voltar — disse ela. — Não é EMOCIONANTE, Tommy? — seu sorriso era de compaixão — Não seria emocionante se...?

— Estou suando em bicas. O suor gelado me escorre pelas pernas — disse Tommy seriamente.

Norma foi andando, um sorriso estranho e enigmático nos lábios. As coisas não estavam saindo como ela esperava. Todo mundo sabia como as coisas deveriam se passar com Carrie. Tommy deu outra risadinha.

— Quer dançar? — perguntou.

Ela não sabia, mas ainda não estava em condições de admiti-lo.

— Vamos ficar sentados um pouco.

Enquanto ele segurava a cadeira para ela sentar, Carrie viu a vela e pediu para Tommy acendê-la. Ao fazê-lo seus olhares se encontraram por cima da chama. Pegou-lhe a mão e ficou segurando. A música continuava a tocar...

Do livro: The Shadow Exploded (páginas 133-134):

Talvez algum dia façam um estudo detalhado da mãe de Carrie, quando a discussão do caso Carrie se tornar mais acadêmica. Eu mesmo talvez tente fazê-lo, nem que seja apenas para ter acesso a árvore genealógica da família Brighan. Seria interessantíssimo constatar as estranhas ocorrências que se nos deparam duas ou três gerações atrás.

Além disso, existe evidentemente o fato de Carrie ter ido para casa na Noite do Baile. Por quê? É difícil dizer até que ponto, a esta altura, as razões de Carrie ainda eram sãs. E pode ter ido para conseguir a absolvição e o perdão, mas também com o firme propósito de cometer matricídio. De qualquer maneira a prova física parece indicar que Margaret White estava a sua espera.

A casa estava completamente silenciosa

Ela tinha partido.

À noite.

Partido.

Lentamente, Margaret White foi andando do quarto para sala. Primeiro viera o fluxo de sangue e as torpes fantasias que o Demônio envia junto. Depois o poder satânico que ele lhe dera. Este veio evidentemente na época do sangue e dos pelos no corpo. Ah, ela conhecia esta força do demônio! Sua própria avó a possuíra. Era capaz de acender o fogo da lareira sem se mexer da cadeira de balanço junto à janela. Fazia os olhos brilharem com (não permitirás que as feiticeiras vivam) uma estranha luz de feiticeira. E, às vezes, na mesa do janela o açucareiro rodopiava como louco dervixe. Toda vez que acontecia a avó dava uma gargalhada louca de bruxa, coisas sem nexo, e fazia o sinal de Mau Olhado em seu redor. Por vezes respirava ofegante como cachorro em dia de sol e quando morreu de ataque cardíaco aos sessenta e seis anos já inteiramente senil, Carrie ainda não tinha um ano. Mas quase menos de quatro semanas após os funerais da avó, Margaret entrou no quarto, viu a filhinha no berço, rindo e gargarejando olhando para uma garrafa suspensa no ar, por cima de cabeça.

Na ocasião Margaret quis matá-la. Ralph o impedira.

Ela não devia ter-lhe dado ouvido.

Agora Margaret estava em pé no meio da sala. Cristo no Calvário olhava para ela com seu olhar magoado, padecente, reprovador. O cuco da floresta Negra tiquetaqueava. Era oito horas e dez minutos

Ela a chegara a se sentir, sentir de fato, a Força do Demônio trabalhando em Carrie. Rastejando, tomava conta das pessoas levantando e puxando como pequeninos dedos fazendo cócegas Mais uma vez ela decidira cumprir sua obrigação quando Carrie tinha três anos e ela a pegara em pecado, olhando para a prostituta do demônio, no quintal vizinho. Mas as pedras vieram e ela fraquejara. Agora, depois de treze anosa força se erguia novamente. De Deus não se escarnece

Primeiro o sangue, depois a força, (você assina seu nome assina-o em sangue) agora um rapaz e o baile, e depois ele a levaria para um motel, para um escuro estacionamento, para o banco traseiro do carro e...

Sangue. Sangue fresco. Sempre o sangue como raiz de todo mal que só com sangue pode sei expiado

Ela era um mulherão de braços maciços cotovelos reduzidos a duas covas, e uma cabeça surpreendentemente pequena no alto de um pescoço musculoso, sulcado de tendões Seu rosto tinha sido bonito. E ainda era, em certo misterioso ardor. Só os olhos tinham atualmente uma expressão estranha de delírio, e os traços eram cruelmente vincados em torno de uma boca que, apesar de recusadora, era de uma incrível fraqueza. Seu cabelo, que há um ano fora quase todo preto, era hoje branco.

A única maneira de exterminar o pecado, o autentico pecado negro, era sufocá-lo no sangue (ela tem que ser sacrificada) de um coração arrependido. Era evidente que Deus compreendera isto e que colocara Seu dedo em cima dela. Não fora o próprio Deus quem ordenou a Abrão que ele levasse seu filho para o alto da montanha?

Arrastando os pés, foi até a cozinha em seus velhos chinelos cambaios, e abriu a gaveta dos utensílios. A faca que usavam para cortar Carrie era longa e afiada, gasta no meio de tanto afiar. Sentou-se numa alta banqueta junto a banca, pegou o pedaço de pedra de amolar no pequeno prato de alumínio, e com a atenção fixa e apática dos condenados começou a passá-la no fio brilhante da lâmina.

Tique-taque, tique-taque, fazia o cuco da floresta Negra, e por fim o passarinho saiu e com um grito, anunciou as oito e trinta.

Em sua boca sentiu o gosto de olivas.

A TURMA DOS FORMANDOS APRESENTA O BAIIE DA PRIMAVERA
27 de maio de 1979
Musica a cargo do Conjunto Billy Bosnan e de Josie e os 'Moonglows'
PROGRAMA
"Cabaret' — espetáculo de baliza por Sandra Stenchfield".
'500 Miles'
"Lemon Tree"
"Mr. Tamhounine Man"
Música popular por John Swithen e Maureen Cowan
"The Street Where You Live"
"Raindrops Keep Failin' on My Head"
"Bridge Over Troubled Waters
Coro da Ewen High Schoot
ORGANIZADORES
Sr. Stephens, Miss Geer, sr e Sra. Lublin, Miss Desjardin
Coroação ás 22 horas
Lembre-se, a festa é sua, torne-a um acontecimento inesquecível!

Quando ele lhe perguntou pela terceira vez, Carrie teve admitir que não sabia dançar. Ela não acrescentou que agora começada a meia hora de rock, ela se sentiria deslocada rodando lá no meio, (e pecaminosa) sim, e pecaminosa.

Tommy concordou e sorriu. Inclinou-se para ela disse que detestava dançar. Será que ela gostaria de dar umas voltas pelas outras mesas? Sentiu um nó na garganta de pavor, mas concordou. Seria ótimo, ele estava procurando agradá-la, ela também deveria fazê-lo (mesmo que ele não estivesse contando com isto). Era parte do trato, e ela se sentia envolvida pelo encanto da noite. De repente teve a esperança de que ninguém fosse esticar a perna, nem perfidamente lhe dar nas costas um tapa de passa-adiante, ou lhe espirrar água no rosto com um cravo, ou qualquer destas novidades e fugir as gargalhadas, enquanto que todos, rindo, apontariam para ela e assoviariam.

Se este encanto existia, ele não era divino; era pagão (mãe me solta de sua saia já não sou mais e criança) e ela queria que assim fosse.

— Olhe! — disse ele ao se levantarem.

Dois ou três funcionários estavam empurrando os tronos do Rei e da Rainha para fora dos bastidores enquanto o sr. Lavoie, o chefe dos funcionários, os orientava com a mão, para os lugares previamente marcados a giz Carrie achava aqueles tronos, de um branco ofuscante, semeados de flores verdadeiras e enormes bandeirolas de papel

crepom tinham um aspecto bem arturiano.

— São bonitos — disse ela.

— Bonita está você — retrucou Tommy e ela teve quase absoluta certeza de que naquela noite nada poderia acontecer de ruim; talvez eles mesmos ainda acabariam sendo eleitos Rei e Rainha da festa. Sorriu diante de sua própria loucura.

Eram nove horas.

— Carrie? — disse uma voz hesitante.

Estivera tão absorta contemplando os músicos, a pista de dança e as outras mesas, que não vira ninguém se aproximar. Tommy tinha ido apanhar ponche.

Virou-se e viu Miss Desjardin.

Por um ou dois minutos ficaram apenas se olhando, a memória passando de uma a outra, se comunicando (ela me viu me viu nua gritando sangrando) sem palavras, nem pensamentos. Só pelos olhos

Acanhada, Carrie disse então:

— A senhora esta muito bonita, Miss Desjardtn

Estava mesmo. Usava um vestido prateado, justo e brilhante, um perfeito complemento para seu cabelo louro, penteado para cima. No pescoço um singelo pendente Estava com aspecto de muito moça, mais parecia uma formanda do que patronesse.

— Obrigada disse ela hesitando, e colocando a mão enluvada em cima do braço de Carrie — você esta linda — continuou e cada palavra continha uma ênfase especial.

Carrie sentiu-se enrubescer e baixou os olhos.

— É muita delicadeza sua dizer isso. Sei que não sou... não de verdade...mas de qualquer maneira muito obrigada.

— É verdade sim — retrucou Miss Desjardim — Carrie, qualquer coisa que tenha acontecido antes...bem, está tudo esquecido. Queria que soubesse disto.

— Esquecer, não posso — disse Carrie levantando os olhos. As palavras que lhe subiram os lábios foram: Eu não culpo mais ninguém. Engoliu-as. Era mentira. Culpava a todas, e sempre culparia e queria acima de tudo ser honesta — mas passou. Agora tudo passou.

A professora sorriu, e seus olhos pareciam captar e segurar as suaves tonalidades de cores num cintilar quase transparente. Olhou para a pista de dança e Carrie lhe seguiu o olhar.

— Ainda me lembro do meu baile — disse ela baixinho — de salto era quase sete centímetros mais alta do que meu par. As flores que ele me deu não combinavam com meu vestido. O cano de descarga estava quebrado e a máquina fazia uma barulheira tremenda, meu Deus. Mas era fascinante. Não sei dizer porque, mas nunca tive outro par igual. — Olhou para Carrie — Espero que com você seja assim também.

— Está muito bom. — respondeu Carrie.

— Só isso, nada mais?

— Tem mais, sim. Eu não saberia dizer o que a ninguém.

Desjardin sorriu e apertou seu braço.

— Você nunca esquecerá. Nunca.

— Acho que tem razão.

— Divirta-se Carrie.

— Obrigada.

Quando Tommy chegou com as duas taças de ponche, Desjardin já ia se afastando, dando a volta na pista de dança em direção a mesa da comissão.

— O que queria ela? — perguntou Tommy, depondo cuidadosamente as taças.

Seguindo-a com os olhos Carrie disse:

— Acho que ela veio se desculpar.

Sue Snell estava em casa, sentada calmamente na sala embainhando um vestido e ouvindo um álbum de discos do Jefferson Airplane, Long Jhon Silver, era velho e muito arranhado, mas confortante.

Seus pais tinham saído. Sabiam o que estava se passando, Sue tinha certeza disto, mas pouparam-lhe as conversas humilhantes de como se orgulhavam de Sua Filha, ou como estavam satisfeitos de como ela finalmente estava se Tornando Gente. Sue ficara satisfeita por terem decidido deixa-la só, pois ainda se sentia muito pouco a vontade com seus próprios motivos e receava examiná-los mais profundamente, para não ter que descobrir uma centelha de egoísmo acenando para ela e cintilando como diamante, no negro veludo do seu subconsciente.

Tinha tomado a decisão e pronto. Estava satisfeita. (talvez ele se apaixone por ela)

Ergueu os olhos como se alguém tivesse falado com ela lá do corredor; um sorriso lhe curvou os lábios. Se acontecesse seria um fim de conto de fadas, paciência. O príncipe que se inclina sobre a Bela Adormecida, tocando-lhe os lábios com os seus.

Sue eu não sei como lhe dizer mas...

O sorriso desapareceu.

Sua regra estava atrasada. Quase uma semana. E ela vinha regularmente como almanaque.

O toca discos deu um clique; outro disco caiu. No repentino e breve silêncio, ouviu alguma coisa virar dentro de si.

Talvez fosse apenas sua alma.

Eram nove horas e quinze minutos.

Billy levou o carro até o fim do estacionamento, entrando num galpão que ficava de frente para a rampa de asfalto que dava para a estrada. Chris ia saltar quando ele a jogou para trás, seus olhos ardiam ferinamente no escuro.

— Que é? — perguntou ela nervosa.

— Quando o Rei e a Rainha forem eleitos, o conjunto tocará o hino da escola, então eles

estarão sentados naqueles tronos, bem no alvo.

— Sei disso. Largue-me. Você esta me machucando.

Apertou seu pulso com mais força ainda e sentiu os frágeis ossos rangerem. Dava-lhe um prazer sádico. Mesmo assim ela não gritou. Era uma grande garota!

— Escute aqui. Quero que você saiba em que está se metendo. Puxe a corda quando estiverem tocando o hino. Com força. Entre as duas roldanas a corda está frouxa, mas não muito, quando você puxar e sentir os baldes caírem, corra. Não fique em pé ouvindo os gritos ou qualquer coisa assim. Isso não é nenhuma brincadeirinha engraçada. É assalto criminoso, sabia?

Fora um discurso enorme pra ele.

Seus olhos ardiam,fitando-o em ira desafiadora.

— Pescou?

— Sim.

— Muito bem então. Quando os baldes caírem, eu corro. Chegando ao carro me mando. Se você estiver lá muito bem. Se não estiver, azar. Se eu me mandar e você der com a língua nos dentes, te mato. Acredita?

— Acredito. E você tira a porra desta mão daqui.

Ele a soltou involuntariamente, uma sombra de sorriso passou pelo seu rosto.

— Muito bem. Vai ser divertido.

Saltaram do carro.

Eram quase nove e meia.

Vicky Mooney, orador da turma dos formandos, gritava alegremente para dentro dos microfones.

— Muito bem, senhores e senhoras! Instalem-se em seus lugares, por favor. Está na hora de votar. Vamos eleger o Rei e a Rainha!

— Este concurso é um insulto para as mulheres — gritou Mira Crewes com forçado bom humor.

— É um insulto para os homens também! — respondeu George Dawson no mesmo tom de voz. Houve uma gargalhada geral. Myra calou-se, tinha dado seu sinal de protesto.

— Sentem-se, por favor! — Vic sorria dentro do microfone, sorria o enrubescia, furioso. mexendo numa espinha no queixo. O enorme barqueiro veneziano, atrás, olhava sonhador por sobre seus ombros — Está na hora de votar!

Carrie e Tommy sentaram-se, Tina Blake e Norma Watson distribuíam as cédulas mimeografadas e, ao colocar uma na mesa deles. Norma murmurou afobada: — BOA SORTE

Carrie pegou a cédula e examinou-a. Seu queixo caiu.

— Tommy, estamos ai!

— É. Já vi — disse ele. — A escola vota num candidato e seu par é praticamente arrastado junto, como marinheiro para o navio. Benvinda a bordo! Quer que

recusemos?

Ela mordeu os lábios e olhou pra ele.

— Você quer?

— Claro que não! — disse ele alegremente — Se você for eleita tudo que tem que fazer é ficar sentada lá enquanto tocam o hino da escola, dar uma dançada, acenar com o cetro e fazer cara de idiota. Tiram seu retrato para o livro do ano, para que todo mundo possa ver a cara de idiota que você fez e pronto.

— Em quem votamos? Ela olhou duvidosa da cédula para o pequenino lápis ao lado do barquinho de nozes. — A turma é mais sua que minha. — uma risadinha lhe escapou — Na verdade, eu nem turma tenho.

Ele deu de ombros.

— Vamos votar em nós mesmos. A falsa modéstia que vá para o inferno!

Carrie deu uma gargalhada, mas logo cobriu a boca a mão. Era um som quase desconhecido para ela. Antes de poder pensar,. passou um circulo em volta do nome deles. O terceiro a partir de cima. O pequenino lápis partiu-se em sua mão, e ela inspirou fundo. Uma farpa entrou na parte carnuda do dedo, fazendo brotar uma gota de sangue.

— Machucou?

— Não — sorriu, mas de repente foi-lhe difícil sorrir. A vista do sangue lhe desagradava. Limpou-o com o guardanapo.

— Mas eu quebrei o lápis. E ele era lembrança. Idiota que sou!

— Ainda tem o barco — disse ele empurrando-o em sua direção. — Tu-tu!

Sentiu um nó na garganta e teve certeza de que ia chorar e depois sentiu-se envergonhada. Controlou-se; seus olhos brilharam como espectro solar, mas ela baixou a cabeça para que ele não visse.

O conjunto tocava uma música agradável, enquanto a guarda da Sociedade de honra recolhia as cédulas dobradas. Eram levadas para a mesa da comissão junto à porta, onde Vic, o professor Stophens e o casal Lublin contavam os votos. Miss Geer controlava tudo com olhar sombrio e penetrante.

Carrie sentiu um tensão constrangedora atravessá-la puxando-lhe os músculos da barriga e das costas. Segurou com firmeza a mão de Tommy. Claro que aquilo era absurdo. Ninguém iria votar neles. No garanhão talvez, mas não quando ajaezado em parelha com uma fêmea de boi. Seria Frank e Jessica, ou talvez Don Farnhan e Helen Shyres. Ou o diabo quem fosse...

Duas pilhas estavam crescendo mais do que as outras. O professor Stephens tinha acabado de separar as tiras, e todos quatro se revezavam contando as grandes pilhas, que pareciam iguais. Conferenciavam ,conferiam , recontavam. Stephens balançou a cabeça, deu nova repassada, como quem vai distribuir cartas para pôquer e devolveu para Mike. Este subiu ao palco e se aproximou do microfone. Assustou-se com o ronco. O conjunto Billy Bosnan tocou um prelúdio. Vic sorriu nervoso , pigarreou no microfone. Assustou-se com o ronco que lhe veio em resposta, quase deixou cair as cédulas no chão ,coberto de fios elétricos. Alguém deu uma risada abafada.

— Esbarramos numa dificuldade — disse Vic simplesmente — O Sr. Lublin disse que é a primeira vez desde que existe o Baile da Primavera que...

— E quando foi isso? — resmungou alguém atrás de Tommy — Em mil e oitocentos?

— Tivemos um empate.

Um murmúrio levantou-se em meio a multidão.

George Dawson fez um trocadilho, e alguns riram. Vic deu uma risada meio amarela, qauase deixando as cédulas cairem pela segunda vez.

— Sessenta e três votos para Frank Grier e Jessica Mclean e sessenta e três votos para Tommy Ross e Carrie White.

Seguiu-se um momento de silêncio, e depois, de repente o aplauso foi crescendo. Tommy olhou para seu par. Estava de cabeça baixa, como que envergonhada, mas ela teve uma súbita sensação (carrie, carrie, carrie) semelhante a que tivera quando a convidara para a festa. Sentiu como se dentro de sua mente alguma coisa estranha chamasse o nome de Carrie repetidamente. Como se...

— Atenção — gritava Vic — Um momento de atenção, por favor!

Os aplausos esmoreceram. — Vamos fazer o desempate. Quando as tiras de papel forem entregues a vocês, por favor escrevam em cima o nome do casal preferido.

Deixou o microfone, aliviado.

Distribuíram as novas cédulas rasgadas às pressas de sobras de programas de baile. A música tocava desapercebida; as pessoas conversavam animadas.

— Os aplausos não eram para nós — disse Carrie levantando os olhos. Aquela coisa que ele tinha sentido (ou achava que tinha) desaparecera. — Não podiam ter sido para nós.

— Talvez tenham sido para você.

Olhou muda para ele.

— Por que está demorando tanto? — sibilou ela. — Eu os ouvi batendo palmas. Talvez tenha sido aquilo, se você...

A corda trançada balançava solta entre eles, nenhum dos dois tocara nela desde que Billy puxara a ponta para fora, metendo uma chave de fenda pelo buraco de ventilação.

— Não se incomode — disse ele calmamente. — Eles tocarão o hino da escola. Sempre tocam.

— Mas...

— Cale a boca, porra. Você fala demais. — A ponta de seu cigarro tremeluzia pacífica no escuro.

Ela se calou. Mas (puxa quando isto acabar você vai ver meu chapa talvez esta noite você leve para a cama...) sua mente repassava furiosa as palavras dele. Ninguém falava com ela daquela maneira. Afinal seu pai era advogado.

Faltavam sete para as dez.

Ele segurava o lápis partido na mão, pronto para escrever, quando ela lhe tocou o pulso

de leve, hesitando:

— Não...

— Que foi?

— Não vote em nós — disse ela finalmente.

Ergueu as sobrancelhas interrogando:

— E por que não? Já que nos metemos, vamos em frente. É o que minha mãe sempre diz. (mãe)

No mesmo instante uma figura surgiu em sua mente, a mãe murmurando rezas sem fim para um Deus dominador colunar, sem rosto, que, de espada de fogo na mão, rondava pelos motéis e estacionamentos. O terror foi subindo dentro dela, negro, e teve que lutar com todas as suas forças para mantê-lo afastado. Não sabia como explicar este seu pavor, seu sentido de premonição. Só conseguia sorrir, sorrir perdida e repetir:

— Por favor, não vote.

A guarda da Sociedade de Honra voltava recolhendo os papéis dobrados. Ele hesitou mais um instante, depois, num ímpeto, rabiscou "Tommy e Carrie" no pedaço rasgado de papel.

— Para você — disse ele. — Esta noite você vai de primeira.

Não conseguiu responder. O pressentimento a dominava: o rosto de sua mãe.

A faca escapou da pedra de amolar e no mesmo instante entrou na palma da mão logo abaixo do polegar.

Ficou olhando para o corte. Sangrava lentamente, um sangue grosso escorria do beiço aberto do talhe, descia pela mão, pingando no chão de linóleo gasto. Muito bem. Ótimo. A lâmina experimentara a Carrie, fizera correr sangue. Não fez nennhum curativo, inclinou a mão deixando o fluxo escorrer pelo fio da lâmina, embaçando com o sangue seus reflexos metálicos Em seguida recomeçou a afiá-la, sem se importar com os pingos que lhe salpicavam o vestido.

Se o teu olho direito te ofender, arranca-o.

Eram inclementes as palavras da Sagrada Escritura, mas também doces e sábias. Aplicavam-se perfeitamente aos que ocultavam nas entradas escuras dos hotéis de alta rotatividade, nas macegas atrás dos clubes de boliche.

Arranca-o. (ah e a música horrível que tocavam).

Arranca-o. (as meninas mostram sua roupa de baixo suando suando sangue)

O cuco da floresta Negra começou a bater e (corte-lhe as entranhas) se o teu olho direito te ofender, arranca-o.

O vestido estava pronto e ela não conseguia mais ver televisão, nem pegar nos livros ou telefonar para Nancy. Não havia nada que pudesse fazer a não ser ficar sentada no sofá olhando para o negrume da janela da cozinha, sentindo um medo estranho crescer dentro de si.

Com um suspiro começou a esfregar distraidamente os braços. Estavam frios e arrepiados. Eram dez horas e doze minutos, e não havia razão nenhuma, absolutamente

nenhuma, para aquela sensação de que o mundo estava chegando ao fim.

As pilhas desta vez estavam mais altas, mas ainda continuavam a parecer iguais. Mais uma vez foram contadas três vezes para evitar engano. Depois Vic voltou ao microfone. Fez uma pausa, saboreando a tensão que pairava no ar, para então anunciar simplesmente:

— Tommy e Carrie ganharam; por um voto.

Silêncio sepulcral por um instante. Depois os aplausos ecoaram novamente pelo ginásio, alguns deles não isentos de colorido irônico. Assustada, Carrie respirou fundo, abafando uma exclamação de espanto, e mais uma vez (apenas por um segundo), Tommy sentiu aquela misteriosa vertigem (carrie, carrie, carrie) que parecia lhe tirar a faculdade de pensar, deixando apenas o nome e a imagem daquela estranha garota a seu lado. Por um rápido segundo ficou literalmente apavorado.

Qualquer coisa caiu com um tinido, e no mesmo instante a vela apagou-se com um sopro.

Josie e o conjunto Moonglows estavam tocando um arranjo para rock de Pompa e Circunstância, a guarda apareceu em sua mesa (quase por magia. Tudo tinha sido meticulosamente ensaiado por Miss Geer, que de acordo com os rumores saboreava guardas lentos e desajeitados), um cetro enrolado em papel-estanho foi enfiado na mão de Tommy, e um manto com farta gola de pelo de cachorro jogado por cima dos ombros de Carrie, e eles foram conduzidos pela passagem central por um rapaz e uma moça de blusões brancos. O conjunto atacou. A audiência aplaudiu. Miss Geer estava realizada. Tommy Ross sorria sem graça.

Foram conduzidos degraus acima até à frente do palco, onde foram instalados nos troncos. Os aplausos cada vez aumentavam mais. Não eram mais irônicos, eram honestos e profundos, um pouco assustadores até. Carrie estava satisfeita em poder sentar. Tudo tinha acontecido rápido demais. Suas pernas tremiam e de repente, mesmo apesar do decote relativamente alto de seu vestido, sentiu seus seios (travesseirimundos) horrivelmente expostos. Os aplausos fizeram com que se sentisse zonza, como que ébria de ponche. Parte dela estava realmente convencida de que tudo não passava de um sonho do qual ela acordaria, sentindo um misto de pena e alívio.

Vic troava ao microfone:

— Tommy ROSS e Carrie WHITE — o Rei e a Rainha do Baile da Primavera de 1979!

E os aplausos continuavam, crescendo, vibrando, estourando. Tommy Ross, agora nos derradeiros momentos de sua vida. Tomou a mão de Carrie, e sorriu para ela com esforço, lembrando-se de que a intuição de Suzie estava certa. Carrie conseguiu retribuir o sorriso. Tommy (ela tinha razão gosto muito dela assim como gosto desta aqui desta Carrie que é linda e está certo gosto de todas elas da luz da luz em seus olhos) e Carrie (não consigo vê-los a luz é violenta demais ouço, mas não posso ver o chuveiro lembram do chuveiro oh mãe isto aqui é alto demais quero descer oh eles estão rindo de mim prontos para jogarem coisas apontar para mim rindo às gargalhadas e eu não consigo vê-los não consigo vê-los tudo está claro demais) e a viga por cima deles.

Numa repentina e estrepitosa fusão de rock e metais, os dois conjuntos irromperam no

hino da escola. Ainda aplaudindo, os presentes se levantaram e começaram a cantar.

Eram sete para as dez.

Billy tinha acabado de flexionar os joelhos fazendo as juntas estalarem. A seu lado Chris dava mostra de crescente nervosismo. Suas mãos brincavam distraídas com a costura do blusão que estivera usando; mordia o lábio inferior por dentro, roendo até ficar meio esfarrapado.

— Acha que vão votar neles? — perguntou Billy baixinho.

— Vão sim — disse ela. — Eu ajeitei tudo. Não vai nem ser muito disputado. Por que será que continuam aplaudindo? O que estará acontecendo?

— Eu é que sei? Eu...

De repente o hino da escola retumbou, forte e estrondoso em meio à suave noite de maio, Chris deu um salto como se tivesse sido mordida. Uma exclamação de surpresa lhe escapou dos lábios.

All rise high for Thomas Ewen Hiiiiyyygh... (Todos se ergam altos para Thomas Ewen)

— Vamos — disse ele. — Eles estão lá. — Seus olhos brilhavam suavemente no escuro. Um estranho meio-sorriso tocara-lhe as feições.

Ela passou a língua nos dentes. Ambos ficaram olhando fixos para o pedaço de corda.

We'II raise your banners to the skyyyys... (Ergueremos seu estandarte aos céus)

— Cale a boca — murmurou ela. Tremia e ele achou que seu corpo nunca lhe parecera tão sensual e excitante. Também quando tudo tivesse acabado ele iria pegá-la, possuí-la como nunca antes. Iria trepar nela, seria como espiga de milho crua atravessando manteiga.

— Como é, perdeu a coragem?

Inclinou-se para a frente:

— Eu não vou puxar para você. Por mim pode ficar lá até o dia de São Nunca.

With pride we wear the red and whiiyyyte.... (Com orgulho usamos o vermelho e branco).

Um som abafado, meio grito saiu de sua boca: ela se inclinou, puxando a corda violentamente com ambas as mãos. Por um instante sentiu a corda frouxa, chegando a pensar que Billy estivera gozando-a o tempo todo, e que a corda estava presa no ar. Depois estancou, resistiu por um segundo e correu violentamente, queimando lhe as palmas da mão.

— Eu... — começou ela

Lá dentro a música de repente parou em sons discordantes, desafinada. Por um momento, vozes roufenhas continuaram distraídas, depois se calaram. Uma fração de segundo de silêncio, e alguém gritou. Novo silêncio.

Ficaram se olhando no escuro, sem ação diante do ato que o pensamento nunca teria praticado. Até a respiração enrijeceu-se lhes na garganta.

De repente, lá dentro, começou a gargalhada.

Eram dez e vinte e cinco e a sensação piorava cada vez mais. Diante do fogão a gás, equilibrada num pé só. Sue esperava o leite começar a ferver. Já por duas vezes começara a subir para o quarto, vestir a roupa de dormir; duas vezes ela desistira atraída por nada para a janela da cozinha que dava para Brickyard Hill e a espiral da Estrada 6, que levava à cidade.

Agora que a sirene instalada no alto da prefeitura, na Main Street, começou a soar em meio à noite, subindo e descendo em ciclos de pânico; ela não se virou imediatamente para a janela, apenas apagou o gás para o leite não derramar.

Todo dia ao meio-dia a sirene da prefeitura soava, mas só ao meio-dia, exceto em agosto e setembro, na época da queimada, para convocar o corpo de bombeiros voluntários. Era usada estritamente para caso de graves sinistros, e naquela casa vazia soava fantástico e aterrador.

Andando devagar, foi até a janela. O apelo da sirene ia e vinha. Buzinas começaram a soar em alguma parte, como se fosse casamento. Podia ver sua imagem refletida na vidraça escurecida, os lábios entreabertos, olhos, esgazeados e logo o vapor de sua respiração encobriu tudo.

Uma lembrança meio esquecida veio-lhe à memória. Em criança, na escola, praticavam exercícios contra ataques aéreos. Quando a professora batia palmas e dizia: — O alarme da cidade está soando — todos deviam entrar debaixo das carteiras, as mãos sobre a cabeça, esperando pelo sinal de perigo-passado, ou que os mísseis inimigos reduzissem todos a pó. Agora aquelas palavras ressoavam-lhe na mente, (o alarme da cidade está soando) nítidas como folha prensada em plástico.

Lá embaixo, à esquerda, onde ficava o estacionamento da escola — o círculo de lâmpadas de mercúrio o delineava perfeitamente, embora o prédio da escola estivesse invisível no escuro — uma centelha brilhou como se Deus tivesse riscado sílex no aço. (é ali que estão os depósitos de óleo)

A centelha hesitou, depois desabrochou em cor de laranja. Agora podia-se ver a escola. Estava ardendo.

Já estava se encaminhando para o armário para apanhar um casaco quando ouviu o primeiro estrondo surdo de uma explosão. O chão estremeceu debaixo de seus pés, a louça no armário tiniu.

Do livro: Nós Sobrevivemos ao Baile Negro, de Norma Watson (publicado em agosto de 1980 pela The Reader's Digest, como artigo da série "Drama na Vida Real"):

Tudo foi tão rápido que ninguém realmente sabia o que estava acontecendo. Estávamos todos em pé aplaudindo e cantando o hino da escola. De repente — eu estava na mesa da guarda, logo atrás da porta principal, olhando para o palco — vi um reflexo, quando os enormes refletores armados por cima do palco incidiram em qualquer coisa metálica. Estava ao lado de Tina Blake e Stella Horan, e acho que elas também viram.

No mesmo instante desceu no ar um enorme esguicho vermelho. Parte dele atingiu o mural e ficou escorrendo em longas goteiras. Soube no mesmo instante, antes mesmo que eles fossem atingidos, que aquilo era sangue. Stella Horan pensou que fosse tinta, mas eu tive um pressentimento, como daquela vez em que meu irmão foi atingido por

um caminhão de feno.

Eles ficaram encharcados. Carrie levou a pior. Parecia exatamente como se tivesse sido mergulhada dentro de um balde de tinta vermelha. Continuou sentada. Sem se mover. O conjunto que estava mais próximo do palco, Josie e os Moonglows, ficou todo respingado. O instrumento do guitarrista principal era branco, e ficou manchado de alto a baixo.

— Meu Deus — disse eu — é sangue!

Ao ouvir minhas palavras, Tina deu um grito. Um grito alto, que ecoou por todo o ginásio.

Todos tinham parado de cantar e o silêncio era profundo.

Não consegui me mexer. Estava como que pregada no chão. Olhei para cima e vi dois baldes balançando no alto, por cima dos tronos, balançando e batendo um no outro. Pingavam. De repente despencaram, com um monte de corda solta descendo atrás deles. Um acertou Tommy na cabeça. Ressoou alto como um gongo.

Alguém riu. Não sei quem, mas não era riso de alguém que viu uma coisa engraçada, divertida. Era brutal, histérico, horrível.

No mesmo instante Carrie abriu os olhos, arregalando-os.

Foi aí que todos começaram a gargalhar. Eu também, que Deus me perdoe. Era tão... tão fantástico.

Quando era pequena, tinha um livro de estórias de Walt Disney chamado Canção do Sul; nele havia a estória do boneco de piche, contada por Tio Remus. Tinha uma figura do boneco de piche sentado no meio da estrada, igualzinho àqueles velhos menestréis negros, de cara preta e enormes olhos brancos. Quando Carrie abriu os olhos foi exatamente igual. Eram a única parte de seu corpo que não estava inteiramente vermelha. A luz incidia neles, pareciam de vidro. Que Deus me perdoe, mas juro que era o perfeito Eddie Cantor naquela sua cena de olhos arregalados.

Foi isto que fez todo mundo rir. Não havia jeito. Era um destas cenas que você ou ri ou enlouquece. Há tantos anos Carrie vinha sendo o alvo de todas as pilhérias, e todos sentimos que naquela noite éramos parte de algo muito especial. Era como se estivéssemos observando um ser humano se juntando novamente à raça humana, e eu, por minha parte, agradecia a Deus. E foi acontecer aquilo. Aquele horror!

Portanto, não havia outra coisa a fazer. Ou a gente ria ou chorava, mas como seria possível chorar por Carrie, depois de todos estes anos?

E ela ficou sentada, de olhos fixos, e as gargalhadas aumentavam, iam crescendo, crescendo. Tinha gente segurando a barriga, se dobrando de rir, apontando para ela. Só Tommy não olhava para ela. Arriado em sua cadeira, parecia adormecido. Não dava para ver se estava ferido: estava todo coberto de sangue.

De repente o rosto de Carrie... desmantelou. Não encontro outra palavra para descrevê-lo. Cobriu-o com as mãos, e ergueu cambaleando. Quase se embaraçou em suas próprias pernas, ameaçou cair, o que fez a assistência rir mais ainda. Depois saiu como que saltando do palco. Era como se fosse um enorme sapo vermelho pulando de um canteiro de lírios. Ameaçou cair mais uma vez, mas conseguiu se manter de pé.

Miss Desjardin veio correndo a seu encontro e já não estava mais rindo. Abria os braços

para ela. Mas subitamente mudou de direção e foi jogada contra a parede ao lado do palco. Foi a coisa mais esquisita. Ela não tropeçou em nada. E como se alguém a tivesse empurrado, só que não havia ninguém.

Carrie atravessou a multidão correndo, as mãos agarradas no rosto, quando alguém esticou a perna na sua frente. Não sei quem foi, mas ela se estatelou de rosto no chão, deixando uma comprida trilha vermelha. Me lembro que ela fez: — Uff! — Aquele uff Me fez rir mais ainda. Saiu engatinhando, depois ergueu-se e desandou a correr. Passou bem na minha frente. Senti até o cheiro de sangue. Um cheiro nauseabundo, de coisa podre.

Desceu os degraus dois a dois, e saiu porta afora. Desapareceu.

As gargalhadas foram esmorecendo aos poucos. Algumas pessoas ainda fungavam e bufavam. Lennie Brick tirou um enorme lenço branco para enxugar os olhos. Sally McManus estava lívida, parecia que ia vomitar, mas continuava a dar risadinhas sem conseguir parar. Billy Bosman de batuta na mão estava de pé sacudindo a cabeça. O Sr. Lublin sentado ao lado de Miss Desjardin pediu um papel Yes. O nariz dela sangrava

É preciso entender que tudo isto aconteceu no espaço de dois minutos no máximo. Ninguém conseguiu entender nada. Estávamos atordoados. Alguns andavam de um lado para outro; conversavam um pouco. Helen Shyres irrompeu em choro, o que fez os outros começarem a chorar também.

— Chamem um médico! Raios, um médico! — gritou alguém.

Era Josi Vreck. Estava em cima do palco. Ajoelhado ao lado de Tommy Ross. O rosto branco como papel. Tentou ergue-lo, mas o trono se virou e Tommy rolou para e chão.

Ninguém se mexeu. Todos olhavam atônitos. Ele parecia ter virado pedra. Meu Deus, foi tudo que consegui pensar. Meu Deus, meu Deus, meu Deus! Depois a outra idéia veio penetrando lentamente, como se nem minha fosse. Pensei em Carrie. E em Deus. Estava tudo misturado, era horrível.

Stella se virou, olhou para mim e disse:

— Carrie voltou.

— É, voltou — foi tudo que consegui responder.

Todas as portas do salão se fecharam seguidarnente. Era como se alguém estivesse batendo palmas. Uma voz no fundo gritou, e teve o início do estouro da boiada. Todos correram para as portas. Fiquei parada, sem acreditar no que estava vendo. Quando olhei para a porta, pouco antes de a primeira pessoa começar a empurrá-la, vi Carrie olhando para dentro, o rosto todo pintado, como índio antes de ir para a guerra.

Sorria.

Empurravam e esmurravam as portas, mas elas não cediam. Cada vez mais gente se aglomerava diante delas. Os primeiros a chegar acabaram sendo atirados contra elas, e gemiam ofegantes. As portas não abriram. E elas nunca eram fechadas. Era lei do Estado.

O Sr. Stephens e O Sr. Lublin foram abrindo caminho, puxando o pessoal, agarrando-os pelos casacos, pelas saias, por qualquer coisa. Todos berravam, procurando passagem, como animais. O Sr. Stephens distribuiu tapas entre as meninas, deu um soco no olho de Vic Mooney. Gritavam para que todos saíssem pelos fundos, pela porta de

emergência. Alguns atenderam. Foram os que sobreviveram.

Foi aí que começou a chover... pelo menos, a princípio achei que fosse chuva. Caía água de todos os lados. Olhei para cima e vi que todo o sistema de prevenção contra incêndio estava ligado. A água caía na quadra de basquete e respingava para todos os lados. Josie Vreck gritou para o pessoal do conjunto desligar rapidamente os microfones e amplificadores. Mas não havia ninguém por perto. Ele saltou do palco.

O pânico na porta acalmara. Todos se afastavam olhando para o teto. Ouvi alguém dizer — acho que foi Don Farnham — que aquilo ia estragar a quadra de basquete.

Algumas pessoas foram dar uma olhada em Tommy Ross. De repente senti que tinha que sair dali. Peguei Tina Blake pela mão e gritei:

— Vamos correr. Depressa!

Para chegar à saída de emergência era preciso seguir por um pequeno corredor à esquerda do palco. Ali também havia encanamentos, mas a água não estava ligada. Vi algumas pessoas saírem correndo pelas portas abertas. A maioria, no entanto, ficou parada em pequenos grupos, olhando surpresos uns para os outros. Outros ainda olhavam para as manchas de sangue onde Carrie tinha caído, e que a água agora estava lavando.

Agarrei o braço de Tina e comecei a puxá-la em direção à seta de saída. No mesmo instante houve um imenso clarão, um grito e um horrível gemido ressoou. Olhei em volta e Josie Vreck estava segurando-se num dos microfones. Ele não conseguia se soltar. Seus olhos estavam esbugalhados, os cabelos em pé; parecia estar dançando. Seus pés escorregaram na água e sua camisa começou a fumegar.

Caiu por cima de um dos amplificadores — eram enormes, com cerca de metro e meio de altura — e este caiu dentro d'água. Os gemidos se transformaram em gritos horripilantes.

Houve mais um clarão sibilante, e a camisa de Josie estava em fogo.

— Corre! — gritou Tina para mim. — Vamos, Norma. Por favor!

Saímos correndo e alguma coisa explodiu atrás do palco, creio que foram as chaves da rede de força. Por um segundo apenas olhei para trás. Como as cortinas estivessem abertas, podia ver exatamente o local onde Tommy estava estendido. Todos os pesados cabos de força estavam dançando no ar, sacudindo e se torcendo como serpentes saindo de um cesto de faquir indiano. De repente um deles se partiu. Bateu na água com um clarão violeta, e todos gritaram a uma só voz.

Saímos porta a fora, correndo pelo estacionamento. Acho que eu também estava gritando; não me lembro exatamente. Não me lembro de nada com clareza, aliás, depois de eles começarem a gritar. Depois que aqueles cabos de alta voltagem bateram no chão coberto d'água...

Para Tommy Ross, de dezoito anos de idade, a morte veio rápida e misericordiosa, quase sem dor.

Não chegou nem a ter consciência de que algo de importante estava se passando. Ouviu um barulho metálico, qualquer coisa se chocando que ele associou momentaneamente com (lá vão os baldes de leite) uma memória de infância, lá da tazenda do tio Galen, e depois com (alguém deixou cair qualquer coisa) o conjunto lá embaixo. Vislumbrou

Josie Vreck olhando por cima de sua cabeça (que é isto um halo ou qualquer coisa parecida) e aí o balde com um resto de sangue o atingiu. A borda saliente do mesmo acertou-o bem na cabeça e (hei isso machu) desmaiou na mesma hora. Estava ainda esticado no palco quando o fogo que teve origem no equipamento elétrico de Josie e os Moonglows se espalhou para o mural com o barqueiro veneziano e depois para o depósito atrás do palco, com seus ratos, uniformes velhos, livros e papéis, e foi subindo.

Quando o tanque de óleo explodiu, meia hora mais tarde, ele já estava morto.

Do teletipo da AP dc New EngIand, ás 22h46min

CHAMBERLAIN, MAINE (AP)

UM INCÊNDIO DE PROPORÇÕES ALARMANTES ESTÁ SE ALASTRANDO EM EWEN (U-WIN) CONSOLIDATED HIGH SCHOOL. QUANDO O FOGO IRROMPEU, CAUSADO APARENTEMENTE POR UM CURTO-CIRCUITO UM BAILE ESTAVA SE REALIZANDO NAQUELA ESCOLA. SEGUNDO AS TESTEMUNHAS O SISTEMA DE PREVENÇÃO CONTRA INCÊNDIO FOI LIGADO SEM AVISO PRÉVIO, CAUSANDO UM CURTO NA APARELHAGEM DE SOM DE UM CONJUNTO DE ROCK. ROMPERAM-SE AINDA ALGUNS CABOS DE ALTA TENSÃO ACREDITA-SE QUE CERCA DE CEM A CENTO E DEZ PESSOAS ESTEJAM PRESAS DENTRO DO GINÁSIO EM CHAMAS. OS CORPOS DE BOMBEIROS DAS CIDADES VIZINHAS DE WESTOVER, MOTTON E LEWINSTON TÊM RECEBIDO PEDIDOS DE SOCORRO E JÁ DEVEM ESTAR A CAMINHO. POR ENQUANTO NÃO HOUVE

NOTICIA DE VITIMAS. FIM.

Do teletipo da AP, New England, 11 h22min.

URGENTE

CHAMBERLAIN, MAINE (AP)

TREMENDA EXPLOSÃO ABALOU .A THOMAS EWEN (U-WIN) CONSOLIDATED HIGH SCHOOL NA PEQUENA CIDADE DE CHAMBERLAIN EM MAINE. TRÊS CARROS DE BOMBEIROS DAQUELA CIDADE, ENVIADOS PARA COMBATER UM INCÊNDIO NO GINÁSIO ONDE SE REALIZAVA UM BAILE DE FORMATURA, NADA PUDERAM FAZER. POIS TODOS OS HIDRANTES DAQUELA ÁREA TINHAM SIDO DESTRUÍDOS. E A PRESSÃO DA ÁGUA NOS CANOS ENTRE SPRING STREET E GRASS ERA PRATICAMENTE NENHUMA. UM DOS BOMBEIROS DISSE: — ARRANCARAM OS BOCAIS DAQUELAS DROGAS; DEVE TER JORRADO ÁGUA À VONTADE ENQUANTO A GAROTADA LÃ DENTRO ARDIA.

— ATÉ AGORA FORAM RETIRADOS TRÊS CORPOS. UM DELES FOI IDENTIFICADO COMO SENDO DE UM BOMBEIRO DE CHAMBERLAIN, E OS OUTROS DOIS PARECEM SER DE PARTICIPANTES DA FESTA. TRÊS

OUTROS BOMBEIROS DE CHAMBERLAIN FORAM LEVADOS PARA MOTTON, ONDE FORAM ATENDIDOS NUM HOSPITAL, POR QUEIMADURAS LEVES E INTOXICAÇÃO POR FUMAÇA. ACREDITA-SE QUE A EXPLOSÃO TENHA OCORRIDO QUANDO O FOGO ALCANÇOU OS TANQUES DE COMBUSTÍVEL DA ESCOLA, QUE FICAM AO LADO DO GINÁSIO. O FOGO DEVE TER TIDO ORIGEM NUM CURTO-CIRCUITO NUM EQUIPAMENTO ELÉTRICO MAL ISOLADO, EM VIRTUDE DE UM DEFEITO NO SISTEMA DE MANGUEIRAS. FIM.

3H22MIN, 27 DE MAIO

Sue tinha apenas uma licença provisória, mesmo assim pegou a chave do carro da mãe, no gancho ao lado da geladeira, e correu à garagem. Pelo relógio da cozinha era exatamente 23 horas.

Na primeira tentativa afogou o motor, e se controlou para esperar antes de tentar novamente. O motor engasgou, mas pegou, e ela baixou o pé. Saiu a toda sem o menor cuidado, amassando um pára-lama. Fez a curva; as rodas traseiras cuspiam pedregulhos. O Plymouth 77 derrapava pela estrada, quase virando de lado, fazendo-a sentir-se enjoada. Só então teve consciência de que estava emitindo uns gemidos guturais, como animal preso em armadilha.

Não parou no sinal do cruzamento da Route 6 com a Back Chamberlain Road. As sirenes do Corpo de Bombeiros enchiam a noite, vindas do leste, de onde Chamberlain fazia fronteira com Westover, e do sul, atrás dela, de Motton,

Estava quase ao pé da colina quando a escola explodiu.

Calçou violentamente o freio com ambos os pés, sendo jogada por cima do volante como uma boneca de trapos. Os pneus cantaram no asfalto. Sem saber como, conseguiu abrir a porta e saltar, protegendo os olhos contra o clarão. Uma enorme labareda se elevou, uma nuvem amalgamada de tirantes de aço, madeira e papel. O cheiro era denso e oleoso. Main Street parecia estar iluminada por refletores. Num terrível espaço de segundo, viu toda a ala do ginásio de Ewen devastada, um ruína em chamas.

A concussão veio logo em seguida, jogando-a para trás. Toda a sujeira da rua passou por ela de repente, numa velocidade incrível, seguida de uma rajada de ar quente que lhe recordou vagamente (o cheiro dos metrôs) uma viagem que fizera a Boston um ano atrás. As janelas vitrinas da drogaria Bill's Home e da Kelly Fruit Company tiniram e se estilhaçaram com a pressão.

Sue tinha caído de lado, e o fogo iluminava a rua com o infernal e abrasador sol do meio-dia. O que aconteceu em seguida passou-se em câmara lenta, as idéias se atropelando constantemente (estão todos eles mortos carrie morta por que pensa carrie) em sua própria velocidade. Carros passavam zunindo em direção ao sinistro, pessoas corriam em robes, camisolas e pijamas. Viu um homem, nas escadas do prédio da delegacia, levar a mãos à boca e gritar qualquer coisa em meio à cidade ululante aos apitos, às sirenes, à goela-monstro do fogaréu.

A rua ali estava toda molhada. A luz dançava na água lá no posto de Teddy Amoco.

— Ei, Garro!... Olha a Idalina! — parecia ele gritar.

E aí o mundo explodiu.

Do depoimento de Thomas K. Quillan, prestado sob juramento diante do júri do Maine, em relação aos acontecimentos de 27-28 de maio, em Chamberlain, Maine (esta versão abreviada é extraída de O Baile Negro: Relatório da Comissão White, Signet Books: Nova Iorque, 1980):

P: Sr. Quillan, o senhor mora em Chamberlain?

R: Moro.

P: Qual o seu endereço?

R: Moro num quarto em cima do salão de bilhar. — lá que trabalho. Varro o chão, passo aspirador nas mesas, lido com as máquinas — máquinas de pinball, sabe?

P: Onde é que você esteve na noite de vinte e sete de maio, às 20h, sr. Quillan?

R: Bem... na verdade estava numa cela da delegacia. Recebo às quintas-feiras, sabe. Aí sempre saio e encho a cara.Vou no The Cavalier tomar umas e jogo um poquerzinho na sala dos fundos. Mas. quando bebo viro fera. Parece até que um prado inteiro esta correndo dentro da minha cabeça. Um dia eu larguei a cadeira em cima da cabeça de um sujeito que...

P: Já era hábito seu ir procurar a delegacia toda vez que sentia esses ataques de raiva?

R: Era sim. Otis, o Grandão é amigo meu.

P: Por acaso esta se referindo ao xerife Otis Doyle desta comarca?

R: Estou sim. Ele me disse para aparecer por lá toda vez que começasse a sentir a raiva subir dentro de mim. Na noite antes do baile, um grupo de sujeitos estava jogando pôquer lá nos fundos do The Cavalier, e eu cismei que Marcel Dubay, o Ligeiro estava trapaceando. Se estivesse sóbrio teria me dado conta de que um francês está a fim de enganar quando olha para suas próprias cartas... mas aquilo me fez perder a calma. Já tinha entornado algumas cervejinhas, por isso recolhi minhas cartas e fui para a delegacia. Plessy estava de plantão e me trancou direto na cela de detenção número 1. Plessy é um hom sujeito. Conheci a mãe dele, mas isto já faz muito tempo.

P: Sr. Quillan, seria possível discutirmos apenas a noite de vinte e sete? 22h30min por favor?

R: E não estamos?

P: Espero que sim. Continue.

R: Bem. Plessy me trancou lá por volta de uma e quarenta e cinco da manhã, e fui dormir direto. Apaguei, por assim dizer. Acordei lá pelas quatro horas do dia seguinte, tomei três Alka-Seltzers e fui dormir de novo. É jeito meu. Consigo dormir até a ressaca passar de todo. Otis, o Grandão, já me disse para eu descobrir como faço isto e tirar patente. Disse que assim poderia evitar um monte de dor e sofrimento no mundo.

P: Acredito, sr. Quillan. Mas agora me diga quando foi que acordou novamente.

R: Lá pelas dez da noite de sexta-feira. Estava com uma bruta fome, por isso resolvi

descer para pegar uma bóia.

P: E aí o senhor saiu sozinho da cela aberta?

R: Saí, claro. Sou um grande sujeito quando não estou de porre. Uma vez até...

P: Limite-se a contar ao júri o que aconteceu depois de sair da cela.

R: Aconteceu que o alarme contra fogo desandou a tocar. Fiquei com um medo dos diabos. Nunca mais tinha ouvido aquela sirene desde o fim da guerra do Vietnã. Por isso subi correndo as escadas, mas, merda, lá em cima não tinha ninguém. Droga, disse eu comigo, Plessy vai ver só. Sempre tem gente por lá, caso alguém tenha que ser trancafiado Fui então para a janela e olhei pra fora.

P: Dava para ver a escola daquela janela?

R: Claro. Fica do outro lado da rua. Um quarteirão e meio adiante. Todo mundo corria e gritava foi aí que vi Carrie White.

P: E o senhor já tinha Visto Carrie White antes?

R: Nunca.

P: Então como sabia que era ela?

R: É difícil explicar.

P: Dava para ver distintamente'?

R: Estava em pé debaixo de um poste de luz, junto de um hidrante. Na esquina de Main & Spring.

P: Aconteceu qualquer coisa?

R: Por Deus, acho que sim. Toda a parte de cima do hidrante explodiu em três direções. Pra esquerda, pra direita e direto pro céu.

P: A que horas foi que este, hum, defeito ocorreu?

R: Lá por volta de vinte para as onze. Não era mais que isto.

P: E o que aconteceu depois?

R: Ela saiu andando em direção à cidade. Doutor, o aspecto dela era horrível! Usava um vestido de festa qualquer, ou melhor, o que restava dele. Estava toda molhada por causa daquele hidrante e coberta de sangue. Parecia que tinha acabado de sair de um desastre de automóvel. Mas sorria! Nunca vi um sorriso daqueles. Era a própria caveira sorrindo. Não parava de olhar para as mãos e esfregá-las no vestido, tentando limpar o sangue e achando que nunca ia conseguir, e pensando em derramar sangue por cima da cidade toda, pois eles iam lhe pagar. Era um troço horrível.

P: Como podia o senhor ter idéia do que ela estava pensando?

R: Não sei. Não consigo explicar.

P: Gostaria que daqui por diante, no seu depoimento, o senhor se limitasse ao que viu, Sr. Quillan.

R: Tá. Na esquina de Grass Plaza tinha um hidvante que estourou também. Este eu conseguia ver melhor. Os enormes parafusos dos lados começaram a se soltar sozinhos.Eu vi!E o hidrante estourou como os outros. E ela estava feliz! Dizia consigo mesma, assim vão levar uma boa ducha, vão...! Perdão. Os carros de bombeiros começaram a passar. e ai eu a perdi de vista. O novo carro de bomba encostou na escola,

e começaram a trabalhar nos hidrantes. Mas logo viram que não iam conseguir, água. Burton, o chefe, berrava a qualquer coisa e foi aí que a escola explodiu. Santa Maria!

P: E o senhor deixou a delegacia?

R: Queria encontrar Plessy, contar pra ele o caso daquela maluca e dos hidrantes. Dei uma olhada para o lado do posto de Teddy Amoco, e meu sangue gelou. Todas as suas bombas estavam com as mangueiras fora dos ganchos. Teddy Duchamps esta morto desde 1968, que Deus o tenha em paz, mas o filho trancava aquelas bombas toda noite exatamente Como Teddy costumava fazer. Mas todos os cadeados, e eram Yale, pendiam arrombados em suas alças. As pontas estavam jogadas no asfalto com os automáticos ligados. A gasolina jorrava pela calçada. correndo para a rua. Santa Maria Mãe de Deus! quando vi aquilo, meu saco se arrepiou. Logo depois vi aquele sujeito correndo de Cigarro aceso.

P: E que fez o senhor?

R: Berrei. Berrei qualquer coisa como: Ei! Cuidado com o cigarro! Cuidado!! Olha a gasolina!! Ele não me ouviu. As sirenes. Os apitos, os carros zunindo para baixo e para cima. não era para menos. Vi que ia jogar fora o cigarro, e tratei de recuar, me encolhendo na delegacia.

P: E o que aconteceu depois'?

R: Depois? Bem, depois o demônio ficou solto em Chamberlain.

Quando os baldes caíram, ela a princípio só teve consciência de um alto tinir metálico, que cortou a música, e depois ficou inundada por algo quente e molhado. Instintivamente fechou os olhos. Sentiu um grunhido a seu lado, e naquela parte de sua mente, que despertara há tão pouco tempo, sentiu uma dor fugaz. (tommy)

A música parou dissonante e estrepitosa, algumas vozes continuando ainda como cordas partidas de um instrumento,e no repentino silêncio de antecipação, enchendo a lacuna entre o ato e sua ocorrência, como antecipação à catástrofe, ouviu alguém exclamar claramente:

— Meu Deus, é sangue!

Mais um momento, e como para confirmar-lhe a verdade, para torná-la plena e perfeitamente clara, alguém deu um grito.

Sentada, de olhos fechados, Carrie sentiu o terror se avolumar negro e penetrar-lhe a mente. A mãe afinal tivera razão. Ela tinha sido apanhada mais uma vez, tinha sido lograda, usada para cristo. Levaram-na lá para cima, e diante da escola inteira repetiram a cena da sala de banho... Só que a voz dissera (meu deus é sangue) algo terrível demais para poder ser contemplado. Se ela abrisse os olhos e fosse verdade, e aí? E aí, meu Deus?

Alguém começou a rir. Uma solitária e assustada risada de hiena e ela abriu os olhos, abriu-os para ver quem era... E era verdade! O pesadelo final se concretizara: estava verrnelha; pingava. Haviam-na mergulhado no próprio segredo do sangue, em frente a todos e seu pensamento (oh não, eu... COBERTA... por ele) se tingira de um púrpura tétrico, de repulsão e vergonha. Sentiu seu cheiro, o fedor de sangue, aquele cheiro horrível, úmido e pútrido. Num rápido cintilar de imagens caleidoscópicas viu o sangue

escorrer grosso por suas pernas nuas, ouviu o bater constante da água do chuveiro nos ladrilhos, sentiu em sua pele o tamborilar macio dos Modess e toalhas higiênicas e as vozes exortando: TAM-PA! Tam-pa! Sentiu em sua boca o rude e repugnante amargo do horror. Finalmente conseguiram dar-lhe a ducha que queriam.

Uma segunda voz juntou-se à primeira, sendo seguida por uma terceira a risadinha em soprano de uma garota — uma quarta, quinta, e sexta; uma dezena delas, todas rindo. Vic Mooney ria. Podia vê-lo. Petrificado, a expressão de total pavor, mas mesmo assim as gargalhadas brotavam incontroláveis.

Ficou sentada imóvel, deixando as ondas de ruído rebentarem por cima dela. Tudo ainda era belo, ainda havia encanto e magia, mas ela ultrapassara uma linha, e o conto de fadas ficara verde de corrupção e maldade. Ela agora morderia a maçã envenenada, seria atacada por gigantes, devorada por leões.

Estavam novamente rindo dela.

De repente houve a ruptura. A consciência horrível do quanto tinha sido enganada. Um grito surdo, tremendo. (estão) OLHANDO (para mim) estava subindo dentro dela. Tentou ocultá-lo cobrindo o rosto com as mãos e ergueu-se cambaleando. Só pensava numa coisa: correr, sumir do claro, da luz, deixando que a escuridão a envolvesse e ocultasse.

Mas era a mesma coisa que tentar atravessar melado, correndo. Sua mente traidora reduzira a velocidade do tempo. Era como se Deus tivesse passado toda aquela cena de 78 rpm para 33 1/2. Mesmo as gargalhadas soavam mais profundas e vagarosas, como um sinistro e grave retumbar.

Suas pernas se embaraçaram, e quase caiu do palco. Conseguiu se equilibrar, agachou-se, e saltou. As estridentes gargalhadas cresceram. Pareciam rochas em atrito.

Não queria ver, mas via. As luzes eram claras demais; via o rosto de todos. As bocas, os dentes, os olhos. Via, diante do rosto, suas próprias mãos riscadas de sangue coagulado.Miss Desjardin veio correndo em sua direção, O rosto cheio de mentirosa compaixão. Carrie conseguia penetrar com o olhar até a superfície onde a verdadeira Desjardin ria e zombava com rançoso cinismo de solteirona. Sua boca se abriu e saiu uma voz horrível, lenta e profunda:

— Deixe que eu ajudo, meu bem. Meu Deus estou tão.. — Carrie aplicou seu golpe (vergar) e Miss Desjardin saiu voando de encontro à parede ao lado do palco, onde ficou caída como uma trouxa.

Carrie correu. Atravessou no meio de todo mundo. As mãos cobriam-lhe o rosto, mas ela conseguia ver através da grade dos dedos. Via a todos em sua beleza, envoltos em luz, cobertos com as brilhantes vestes angelicais da Benquerença. Os sapatos brilhosos, os rostos transparentes, os cuidadosos penteados dos salões de beleza, as roupas cintilantes. Recuavam dela como se fosse a Peste, mas continuavam a rir. Disfarçadamente alguém esticou o pé, e (isso mesmo era isto que vinha depois exatamente) ela caiu de mãos e joelhos no chão. Saiu engatinhando, o cabelo grudento de sangue pendurado no rosto, e arrastando como São Paulo na estrada de Damasco por ter sido cegada pela luz. Não demoraria, e levaria um chute.

Mas não levou. Conseguiu se por de pé novamente. Tudo começou a se acelerar. Saiu porta afora, atravessou a entrada, desceu voando as escadas, que duas horas atrás ela e

Tommy tinham subido tão majestosamente. (Tommy esta morto pagou integralmente integralmente por ter trazido a peste para o lugar ao sol)

Desceu-os em grandes pulos desajeitados, as gargalhadas ecoando atrás dela como ruflar de asas de aves agourentas.

Depois a escuridão.

Fugiu pelo enorme gramado em frente a escola. perdendo as duas sandálias de festa. Continuou a correr descalça. A grama aparada parecia veludo, ligeiramente umedecida de orvalho, e as gargalhadas foram ficando para trás. Aos poucos foi se acalmando.

Agora suas pernas realmente se emharaçaram, e ela caiu esticada ao lado do pau da bandeira. Ficou deitada imóvel, a respiração ofegante, o rosto enterrado na grama fria. Lágrimas de vergonha começaram a rolar, tão quentes e pesadas como o primeiro fluxo menstrual. Tinham conseguido vencê-la, derrotá-la de uma vez por todas. Agora estava tudo acabado.

Logo ela se ergueria, iria para casa sorrateiramente por vielas escuras, mantendo-se sempre na sombra, caso alguém estivesse à sua procura, ia em busca da mãe, dizer-lhe que reconhecia estar errada. (!!NÃO!!)

Sua têmpera de aço — que era bem dura — ergueu-se dentro dela e bradou alto a palavra. O cubículo? As infindáveis, delirantes rezas? Os folhetos e a cruz, e apenas aquele pássaro mecânico, o cuco da floresta Negra a marcar as horas, dias, anos e décadas pelo resto) da sua vida?

Como se um vídeo-tape tivesse sido ligado em sua mente, viu Miss Desjardin correndo em sua direção, e viu também como pela força de sua mente ela havia sido atirada fora de seu caminho como boneca de trapos, sem que ela mesma tivesse pensado nisto conscientemente.

Virou-se de costas, os olhos, esgazeados fixando as estrelas. Ela tinha esquecido. (!! A FORÇA!!)

Estava na hora de lhes dar uma lição. De mostrar a eles umas coisinhas. Ria histericamente. Àquela era uma das expressões favoritas da mãe: (a mãe vindo para casa largando a bolsa as lentes dos óculos brilhando) bem acho que hoje na loja ensinei umas coisinhas àquela idiota)

O sistema de prevenção contra incêndio! Poderia ligá-lo, ligá-lo facilmente. Deu nova risada, levantou, e começou a marchar descalça em direção às portas de entrada. Ligar o sistema todo e fechar todas as portas! Olhar lá para dentro, deixando que todos a vissem, ficar olhando e rindo enquanto a água lhes estragava os vestidos e ternos, os penteados, o brilho dos sapatos. Sentia unicamente que não pudesse ser com sangue.

A entrada estava deserta. Parou no meio das escadas — VERGAR, e todas as portas bateram, fechando-se sob a força concentrada que dirigia a elas. Os fechos de ar comprimido foram arrancados. Ouviu alguns gritos que a seus ouvidos eram música, doce e divina música.

Por um instante tudo ficou na mesma; depois sentiu que empurravam as portas tentando abri-las. A força de nada lhes adiantou, estavam presos, (presos) e a palavra ecoava inebriante em sua mente. Estavam em suas mãos, em seu poder. Poder! Que grande palavra!

Subiu o restante das escadas, olhou para dentro. George Dawson estava comprimido contra o vidro da porta. lutando. empurrando. o rosto contorcido pelo esforço . Havia outros atrás dele, e todos pareciam peixes dentro de um aquário.

Deu uma olhada para o alto e se certificou da existência do sistema de prevenção contra incêndio, com suas válvulas que pareciam margaridas de metal. As tubulações eram em grande quantidade, ela se lembrava disto. Leis de proteção contra inéêndio ou qualquer coisa semelhante.

Proteção contra incêndio! Subitamente lembrou-se dos (grossos cabos negros semelhantes a serpentes) cabos de força estendidos pelo palco todo. Não podiam ser vistos pela assistência, estavam escondidos pelas luzes da ribalta, mas tivera que passar por cima deles com cuidado para chegar ao trono. Tommy segurara-lhe o braço. (água e fogo)

Elevou sua mente até eles, seguiu seu traçado, tocou-os. Frios, cheios d'água. Sentiu o gosto de ferro na boca, de metal frio e úmido, de água tomada no bico de uma mangueira de jardim.

Vergar.

Por um instante nada aconteceu. Depois todos começaram a se afastar das portas, olhando em volta. Dirigiu-se ao pequeno visor oval da porta do meio e deu uma olhada.

Chovia dentro do ginásio.

Carrie sorriu.

Não tinha conseguido abrir todos, mas verificou que, olhando para aqueles extintores, para todo aquele sistema de sprinklers, podia seguir o esquema mais facilmente com sua mente. Começou a ligar um atrás do outro. Mas ainda não bastava. Eles ainda não estavam gritando, nem chorando. Não bastava. (é preciso feri-los feri-los)

No palco, ao lado de Tommy, estava um rapaz, gesticulando corno louco, gritando qualquer coisa. Ficou olhando. Ele desceu e correu em direção ao equipamento do conjunto de rock. Segurou um dos suportes do microfone e ficou transfigurado. Carrie viu com espanto seu corpo executar uma dança quase imóvel dc eletricidade. Seus pés arrastavam-se na água, os cabelos estavam em pé, a boca se escancarou, como se fosse um peixe. Que engraçado! Ela começou a rir. (por deus que ficassem todos então com aquela cara engraçada)

Numa súbita e cega arremetida valeu-se de todas as forças que sentia.

Algumas luzes se apagaram. Houve um clarão ofuscante quando um cabo de força desencapado bateu de repente numa poça d'água. Sentiu baques surdos na cabeça, quando as chaves de circuito desandaram. O rapaz que estava segurando o suporte do microfone caiu por cima de um dos amplificadores; houve uma explosão de centelhas purpúreas e as bandeirolas de papel que enfeitavam a frente do palco começaram a arder.

Logo abaixo dos tronos, um cabo de força partido, de 220 volts, estalava no chão, e Rhonda Simard executava uma louca dança de fantoche em seu longo de tule verde.. Num segundo a saia toda ficou em chamas, e ela caiu de bruços, ainda estremecendo.

Talvez tenha sido neste instante que Carrie perdeu todo o controle. Encostada na porta, seu coração batia violentamente. mas o corpo parecia uma pedra de gelo. O rosto lívido, as faces ardendo em febre, sua cabeça latejava descompassadamente. Perdera o raciocínio

lógico.

Mantendo as portas sempre fechadas, afastou-se cambaleando, sem pensar em nada, sem um plano fixo. Lá dentro as chamas aumentavam, e vagamente se lembrou de que o mural devia estar em fogo.

No alto da escada, desfaleceu. Apoiou a cabeça nos joelhos, procurando respirar mais devagar. Eles estavam tentando abrir as portas novamente, mas ela as mantinha fechadas com facilidade — não era nenhum esforço especial. Um sentido obscuro lhe dizia que algumas pessoas estavam escapando pela porta de emergência. Não importava. Mais tarde as pegaria.

Pegaria a todos. Sem exceção.

Foi descendo as escadas devagar, saiu pela porta da frente, mantendo as portas sempre fechadas. Era fácil. Era só vê-las em mente.

De repente o alarme da cidade disparou. Carrie deu um grito e cobriu o rosto com as mãos (é o alarme é só o alarme contra incêndio) por um instante. Sua mente perdeu de vista as portas do ginásio e algumas pessoas quase escaparam. Não, não! Nada disso. Fechou-as novamente pegando o dedo de alguém — parecia ser o de Dale Norbert — e amputando-o.

Continuou cambaleando, atravessou o gramado mais uma vez (um espantalho de olhos esbugalhados), dirigindo-se para Main Street. A sua direita estava o centro da cidade — as grandes casas de comércio, Kelly Fruit, o salão de beleza, a barbearia, os postos de gasolina, a delegacia, o corpo de bombeiros. (eles vão apagar meu fogo)

Não iriam não. Começou a rir. Era uma gargalhada de demente, vitoriosa, perdida, aterrorizada. Chegou ao primeiro hidrante e tentou destorcer o parafuso lateral pintado. (uuuh)

Era duro. Muito duro. O metal apertado queria desafiá-la.

Não importava.

Torceu com mais força e sentiu ceder. Depois o outro lado. Em cima. Desatarraxou todos três de uma só vez, e numa fração de segundo estava tudo solto. A água esguichou para todos os lados, um dos parafusos passou a um metro e meio numa velocidade suicida. Bateu na rua. Rodou no ar. A água jorrou com pressão violenta em desenho cruciforme.

Sorrindo, cambaleando, o coração com mais de duzentas pulsaçocs por minuto, saiu andando em direção a Grass Plaza. Não tinha consciência de que esfregava suas mãos ensanguentadas no vestido como Lady Macbeth, nem de que ria e chorava ao mesmo tempo, e muito menos de que uma parte oculta de sua mente estava ansiosa por sua própria destruição, total.

Ela iria levá-los junto, e haveria um incêndio enorme, que toda a Terra ficasse impregnada de seu mau cheiro.

Abriu o hidrante de Grass Plaza, e depois foi se encaminhando para o posto de gasolina de Teddy Amoco. Foi o primeiro posto por que passou, mas não foi o último.

Do depoimento do xerife Otis Doyle, prestado sob juramento diante do júri do Maine

(do Relatório da Comissão White), páginas 29-31:

P: Onde esteve o senhor na noite de vinte e sete de maio xerife?

R: Estava na Estrada 179, conhecida por Old Bentow Road, averiguando um acidente de automóvel. Este, na verdade ocorreu acima de Chamberlain, já em Durham, mas eu auxiliava Mel Crager, o chefe de polícia local.

P: Quando foi o senhor informado pela primeira vez que houve um incidente na Ewen High School?

R: Às 22h2lmin recebi uma transmissão pelo rádio do agente de polícia Jacob Plessy.

P: Qual a natureza deste chamado?

R: Plessy me informou de que havia alguma confusão escola, mas ele não sabia se era séria ou não. Disse que era uma gritaria imensa, e que alguém tinha dado alarme de fogo. Acrescentou ainda que estava se dirigindo para o local para tentar determinar a natureza do incidente.

P: Ele disse que a escola estava pegando fogo?

R: Não, senhor.

P: O senhor lhe pediu para continuar a dar informações?

R: Pedi.

P: E Plessy seguiu suas instruções?

R: Não. Morreu na explosão que ocorreu logo após no posto de gasolina de Teddy Amoco, na esquina das ruas Maine e Summer.

P: Qual foi o comunicado seguinte que recebeu pelo rádio em relação a Chamberlaín?

R: Às 22h42 min. Estava naquela hora voltando para Chamberlain com um suspeito dentro do carro — um motorista bêbado. Como eu já lhe disse, o acidente ocorreu na zona de Mel Crager, mas Durnham não tem cadeia. Quando cheguei a Chamberlain, também já não tínhamos mais.

P: Qual foi o comunicado que recebeu às 22h42 min?

R: Recebi um chamado da Polícia que tinha sido transmitido em cadeia do Corpo de Bombeiros de Motton. Dizia que na Ewen High School havia um incêndio, um aparente tumulto e uma provável explosão. Ninguém ainda sabia de nada com certeza. Lembre-se, tudo se passou no espaço de quarenta minutos.

P: Sabemos disto, xerife. Mas o que aconteceu depois?

R: Voltei a Chamberlain de sirene ligada. Estava tentando entrar em contato com Jake Plessy e não conseguia. Foi quando Tom Quillan apareceu falando confusamente que a cidade toda estava em chamas e que não havia água.

P.: Sabe que horas era então?

R: Sei. Àquela altura estava anotando tudo. Era 22h58 min.

P.: Quillan afirma que o posto de gasolina explodiu às 23 horas.

R: Tiremos uma média então e digamos 22h59mín.

P: A que horas o senhor chegou a Chamberlain?

R: Às 23h lO min.

P: Qual foi sua impressão assim que chegou, xerife Doyle?

R: Fiquei pasmo. Não conseguia acreditar no que via.

P: Que foi exatamente que o senhor viu?

R: Toda a parte norte da zona de comércio da cidade estava em chamas. O posto de Teddy não existia mais. A loja Woolworth nada mais era que uma estrutura ardente. O fogo tinha se alastrado a três casas de fachada de madeira — Duffy's Bar, Kelly Fruit Company e o salão de bilhar. O calor era abrasador. Centelhas voavam para o telhado da Agencia de Loteamento Maitland e para a loja de carros Doug Brann's Western Auto Store. Carros de bombeiros chegavam, mas não tinham muito que lazer. Todos os hidrantcs daquele lado da rua estavam destruidos Os únicos dois carros que conseguiram prestar algum serviço foram dois velhos carros-bomba do serviço de bombeiros voluntários de Westover, e assim mesmo só conseguiram molhar os telhados dos prédios vizinhos. E evidentemente do ginásio. A escola estava praticamente...sumida. Sei que ela fica isolada — não há nada perto que possa pegar fogo — mas, meu Deus, toda aquela garotada lá dentro...toda aquela garotada.

P: Encontrou Susan Sneil ao entrar na cidade?

R: Encontrei, sim, senhor. Fiquei desanimado

P: Que horas era?

R: Quando entrei na cidade era... 23hl2min, no máximo.

P: O que disse ela?

R: Estava atordoada. Tivera um pequeno acidente de carro — derrapagem — mas não dizia coisa com coisa. Me perguntou se Tommy estava morto. Perguntei-lhe quem era Tommy mas ela não respondeu. Quis saber se Carrie tinha sido pega.

P.: O júri está extremamente interessado nesta parte seu depoimento, xerife Doyle.

R: Sim, senhor. Sei disso.

P: Que foi que o senhor respondeu?

R: Bem, existe apenas uma Carrie na cidade, pelo que eu saiba, a filha de Margaret White. Perguntei-lhe portanto se Carrie tinha alguma coisa a ver com aquele incêndio. Ela disse que Carrie havia sido a autora. Duas vezes ela repetiu: "Foi Carrie. Foi Carrie.'

P: E disse mais alguma coisa?

R: Disse sim: — Foi a última vez que magoaram Carrie.

P: Xerife, o senhor tem certeza de que ela não disse: — Foi a última vez que magoamos Carrie?

R: Tenho certeza.

P: Certeza mesmo? Cem por cento?

R: Bem, a cidade toda ardia em torno de nós. Eu...

P: Ela tinha bebido?

R: Como?

P: Ela tinha bebido? O senhor disse agora mesmo que ela estava envolvida numa batida de carro.

R: Acho que disse "num pequeno acidente".

P.: E não pode garantir que ela disse magoamos em vez de magoaram?

R: Talvez, mas.

P: O que fez Susan Snell, então?

R: Desandou a chorar. Eu lhe dei um tapa.

P: Por que fez isto?

R: Ela parecia histérica.

P: E por acaso se acalmou?

R: Acalmou, sim, senhor. E até conseguiu se controlar muito bem, levando em conta que seu namorado estava provavelmente morto.

P: O senhor a interrogou?

R: Bem, não da maneira como se interrogaria um criminoso, se é isto que o senhor está pensando. Perguntei se ela sabia alguma coisa acerca do que tinha acontecido. Repetiu o que já tinha dito antes, porém muito mais calma. Perguntei ainda onde estava quando a confusão começou, e respondeu que estava em casa.

P: O senhor perguntou mais alguma coisa?

R: Não, senhor.

P: E ela disse mais alguma coisa'?

R: Sim. Me pediu — implorou — para que eu encontrasse Carrie White.

P: E qual foi a sua reação'?

R: Disse-lhe para voltar para casa.

P: Muito obrigado, xerife Doyle.

Vic Mooney saiu tropeçando do escuro perto da agência drive-in do Bankers Trust, um sorriso no rosto, um sorriso escancarado, horrível, de dentes à mostra, flutuando quimérico na escuridão injetada de fogo, como vaga reminiciência de loucura. Seu cabelo, cuidadosamente alisado para suas obrigações de mestre-de-cerimônias, estava agora em pé, revolto como ninho de rato. Manchas de sangue deixaram-lhe na testa a marca de algum tombo não sentido na sua louca fuga do Baile da Primavera. Um olho estava roxo, inchado, completamente fechado. Foi entrando pelo carro de patrulha do xerife Doyle, deu um salto para trás, voltando como bola de bilhar, rindo para o motorista embriagado que cochilava no fundo do carro. Depois virou-se para Doyle, que tinha acabado de despachar Sue SneIl. O fogo espalhava sombras ondulantes de luz ao redor, mergulhando o mundo cm tonalidades marrom-avermelhadas dc sangue ressecado.

Quando Doyle se virou, Vic Mooney agarrou-se a ele. Agarrou-o como um camponês apaixonado dançando abraçado com sua namorada. Enlaçou-o com os braços. apertou-o. olhando para Doyle de olhos revirado e aquele sorriso de louco.

— Vic... — disse Doyle.

Ela arrancou todos os tegistros — disse Vic com uma risadinha. — Arrancou todos os registros, ligou a água e chhhhhh, chhhhh!

— Vic...

— Não podemos deixar. Não, por favor Não. Não. Não. Não pode! Carrie arrancou todos os registros. Rhonda Simard pegou fogo. Santo Deuuuuuuuuuuuuusssss!!!.

Doyle lhe deu dois bons tapas, a mão calejada estalando no rosto do rapaz. O grito morreu com espantosa prontidão, mas o sorriso permaneceu como um eco do mal, solto, terrível

— Que foi que houve? — perguntou Doyle brutalmente. Que aconteceu lá na escola?

— Carrie — murmurou Vic. — Foi Carrie. Ela... — palavras se perderam. Continuou a rir, olhando para o chão.

Doyle lhe deu três violentas sacudidas. Os dentes de Vic bateram como castanholas.

— O que houve com Carrie?

— Rainha da Festa — balbuciou Vic. — Entornaram sangue em cima dela e de Tommy.

— O quê...

Era 23h15min. De repente o posto de Tony em Summer Street explodiu com tremendo estrondo intermitente. A rua ficou clara como à luz do dia. Os dois homens caíram com o carro da patrulha, cobrindo o rosto com as mãos. Uma imensa nuvem oleosa de fogo ergueu-se acima dos olmos parque do Palácio da Justiça, iluminando o lago dos patos num escarlate diamantino. Em meio ao crepitante, ávido troar que logo ressoou, Doyle ouviu vidro, madeira e pedaços do poste caindo com estrépito no chão. Seguiu-se uma segunda explosão, fazendo com que se encolhessem mais uma vez. Ele ainda não conseguia atinar (minha cidade isto está acontecendo na minha cidade) que isto estivesse acontecendo em Chamberlain, em Chamberlain, pelo amor de Deus! Onde ele tomava seu chope gelado na varanda, ao sol, na casa materna, era juiz do time de basquete, e dava voltas pela Route 6, passando pelo The Cavalier, antes de se recolher diariamente às duas e trinta da madrugada. Sua cidade estava sendo consumida pelo fogo!

Tom Quillan saiu da delegacia e desceu correndo a calçada em direção ao carro de Doyle. Seu cabelo estava todo arrepiado, usava sua roupa verde e suja de faxina, camiseta, e as sandálias trocadas nos pés. Nunca Doyle estivera tão satisfeito em encontrar alguém. Tom Quillan era parte de Chamberlain, e aí estava ele — intato.

— Santo Deus — arquejou ele. — Você viu?

— O que está acontecendo? — perguntou Doyle rispidamente.

— Estava operando no rádio — disse Quillan. — De Motton e Westover queriam saber se era para eles mandarem ambulâncias; eu lhes disse que claro que sim, mandem tudo. Rabecões também. Agi certo?

— Agiu sim — Doyle passou a mão pelos cabelos. — Você viu Harry Block? — Block era diretor dos Serviços de Utilidade Pública, que incluíam também a água.

— Não. Mas o Comandante Deighan disse que tem água do outro lado da cidade, no velho quarteirão de Rennett. Estão estendendo as mangueiras agora. Peguei alguns rapazes e eles estão instalando um hospital lá na delegacia. São bons garotos. mas vão sujar seu chão de sangue, Otis.

Otis Doyle sentiu uma onda de irrealidade envolvê-lo. Evidente que esta conversa não estava se realizando em Charnberlain, impossível!

— Isto mesmo, Tommy. Fez bem. Agora volte e convoque todos os médicos da lista telefônica. Vou até Summer Street.

— Tá, Otis. Se cruzar com aquela maluca, cuidado!

— Quem? — Doyle não era homem de gritar, mas agora gritou.

Tom Quillan recuou assustado.

— Carrie. Carrie White.

— Quem?? Como é que você sabe?

Quillan olhou, piscou:

— Não sei. É que... sei lá... me ocorreu.

Do teletipo da Nationa/ AP,', 23h46min:

CHAMBERLAIN, MAINE (AP)

UM SINISTRO DE GRAVES PROPORÇÕES ATINGIU ESTA NOITE A CIDADE DE CHAMBERLAIN, NO MAINE.UM INCÊNDIO. QUE PARECE TER COMEÇADO EM EWEN(U — WIN) HIGH SCIIOOL. DURANTE UM BAILE . ALASTROU-SE ATÉ O CENTRO DA CIDADE CAUSANDO DIVERSAS EXPLOSÕES QUE ARRASARAM GRANDE PARTE DO CENTRO. CONSTA QUE O BAIRRO RESIDENCIAL A OESTE DO CENTRO TAMBÉM ESTÁ ARDENDO. A MAIOR PREOCUPAÇÃO,NO ENTANTO, E A ESCOLA. ONDE ESTAVA SE REALIZANDO UM BAILE ESTUDANTIL. ACREDITA-SE QUE MUITOS DOS PARTICIPANTES TENHAM FICADO PRESOS DENTRO DO SALÃO. UM BOMBEIRO DE WESTOVER CONVOCADO PARA O LOCAL DECLARA QUE O TOTAL. DE MORTOS ATÊ AGORA SE ELEVA A SESSENTA E SETE. SENDO A MAiORIA DELES ESTUDANTES. TENDO SIDO PERGUNTADO EM QUANTO SE ESTIMAVA O TOTAL DE VITIMAS, DECLAROU: — NÃO -PODEMOS FAZER CONJECTURAS. O CASO É MUITO GRAVE — SABE-SE PELAS ÚLTIMAS INFORMAÇÕES QUE NA CIDADE HÁ TRÊS INCÊNDIOS GRASSANDO INCONTROLÁVEIS NÃO HÁ NENHUMA INFORMAÇÃO CONFIRMADA DE QUE O INCÊNDIO TENHA SIDO PROVOCADO PROPOSITALMENTE. FIM.

23H46MIN, 27 DE MAIO 894F AP.

Não houve mais noticias da Associated Press de Chamberlain. Às 0h06min abriram o registro de gás de Jackson Avenue. As Ohl7mín um enfermeiro de uma ambulância de Motton atirou fora uma ponta de cigarro, quando o se dirigia ás pressas para Summer Street.

A explosão destruiu meio quarteirão de uma só vez, incluindo os escritórios do Clarin de Chamberlain. Às Oh18mim a cidade estava isolada do resto do país, que dormia em coerência.

Às 0h10min, ainda sete minutos antes da explosão da rede de gás, houve outra de menores proporções na central telefônica: uma interferência total em todas as linhas que ainda funcionavam. As três pobres moças de plantão ficaram incapacitadas de dar conta

do serviço. Trabalhavam com expressão de mudo horror, tentando completar ligações imcompletáveis.

E toda Chamberlain correu para as ruas.Vinham como invasores, do cemitério que ficava na esquina formada pela intercessão da Bellsqueeze Road com a Route 6; vinham de camisolas brancas e roupões como que envoltos em mortalhas. Vinham de pijamas e rolos na cabeça (a Sra. Dawson, a do filho recem-morto que tinha sido um rapaz tão engraçado, parecia vestida para um espetáculo de menestréis); vinham ver o que tinha acontecido com a cidade, ver se ela estava realmente ardendo e sangrando. Muitos também vinham para morrer.

A Carlin Street estava apinhada; uma avalanche de gente movia-se em direção ao centro da cidade, através do estranho rubor do céu, quando Carrie saiu da Igreja Congregacional de Carlin Streét, onde estivera orando.

Entrara ali havia cinco minutos, depois de abrir o encanamento de gás (tinha sido tão fácil! Foi só visualizá-lo debaixo da terra), mas parecia que tinham-se passado horas. Rezara demorada e fervorosamente, às vezes em voz alta, às vezes baixinho. Seu coração martelava, respirava com dificuldade. As veias do rosto e pescoço estavam estufadas. Sua mente, repleta da vasta consciência de PODERES e de um ABISMO. Rezou em frente ao altar, ajoelhada em seu vestido molhado, rasgado e ensangüentado, os pés sujos e descalços. sangrando por causa de um caco de garrafa em que pisara: Sua respiração saía da garganta em soluços, e a igreja ecoava com lamentos, baques e tinidos, a energia psíquica emanando dela. Bancos de igreja caíam, hinários voavam, um conjunto para comunhão, em prata, atravessou silencioso o escuro abobadado da nave, chocando-se na parede no extremo oposto. Orou, mas não obteve resposta. Não havia ninguém — ou se havia, seja lá quem fosse, estava recuando diante dela. Deus desviara dela Seu semblante; e por que não? Todo este horror era Obra tão Dele quanto dela. E assim saiu da igreja, para ir para casa. procurar a mãe e a destruição final.

Parou aos pés dos degraus, olhou a multidão que como rebanho descia em direção ao centro da cidade. Animais. Que queimem, portanto. Que as ruas se encham do cheiro de seu sacrifício. Que esta cidade se chame raca, icabode, amargura!

Vergar.

Os transformadores no alto dos postes desabrocharam em luz púrpura, nacarada, lançando chispas de fogos de artifício. Os fios de alta tensão caíram na rua num emaranhado de jogo de varetas. Algumas pessoas começaram a correr, infelizmente, porque a rua inteira agora estava coberta de fios, e sentiu-se o cheiro de crestado, de chamuscado. Começaram a queimar. Começaram a gritar, a recuar, encostavam nos fios e estremeciam em danças elétricas. Alguns já estavam caídos na rua, seus roupões e pijamas fumegando.

Carrie virou-se. Olhou fixo para a igreja de onde acabara de sair. A pesada porta de repente bateu, como fechada por violento furacão.

Carrie foi se encaminhando para casa.

Do depoimento prestado sob juramento pela Sra. Cora Simard diante do júri do Maine (do Relatório da Comissão White), páginas 217-18:

P: Sra. Simard, sabemos que a senhora perdeu sua filha na Noite do Baile e sentimos profundamente. Seremos tão breves quanto possível.

R:Muito obrigada. Gostaria de ajudar, se fosse possível, é claro.

P:A senhora estava na Carlin Street por volta de Oh12min, quando Carrietta White saiu da Primeira Igreja Congregacional nesta mesma rua?

R:Estava.

P:E por quê?

R:Meu marido teve que ir para Boston a negócios, passar o fim de semana, e Rhonda estava no Baile da Primavera. Eu estava sozinha em casa assistindo à televisão, acordada, esperando por ela. Assistia ao Filme de Sexta-feira à Noite, quando soou a sirene da Prefeitura. Não a relacionei em absoluto com o baile; mas depois houve a explosão... e eu fiquei sem saber o que fazer. Tentei telefonar para a polícia, mas dava sinal de ocupado depois de eu discar os três primeiros números. Eu:.. eu... ai...

P:Calma, ara. Simard. Não temos pressa nenhuma.

R: Estava ficando nervosíssima. Houve uma segunda explosão — O posto de Teddy Amoco, pelo que soube depois — e decidi ir à cidade ver o que estava acontecendo. Havia um clarão no céu, um clarão horrível. Foi aí que a Sra. Shyres bateu na minha porta com toda força.

P: A Sra. Georgette Shyres7

R: Exatamente. Mora logo na esquina. Willow, 217 Bem no início da Carlin Street. Batia na porta e gritava:

— Cora, você está aí? Você está aí dentro? — Fui até a porta. Ela estava de roupão e chinelos. Seus pés pareciam congelados. Disse que havia ligado para Westover para ver se sabiam de alguma coisa e lhe disseram que a escola estava pegando fogo.

— Santo Deus — respondi eu. — Rhonda está na testa!

P: Foi aí que a senhora decidiu ir até à cidade, Sra. Simard?

R: Não decidimos nada. Simplesmente fomos. Meti uns chinelos nos pés — creio que eram da Rhonda. Tinham pequenos pompons brancos na frente. Devia ter posto sapatos. mas minha cabeça não estava funcionando. Acho que também não está agora. O que afinal lhe interessam meus sapatos?

P: A senhora pode contar as coisas à sua maneira. Sra. Símard.

R: O-obrigado. Dei à senhora Shyres um velho casaco que estava pendurado por lá. e fomos.

P: Havia muita gente andando pela Carlin Street?

R: Não sei. Estava muito transtornada. Talvez umas trinta pessoas. Talvez mais.

P: O que aconteceu?

R:Eu e Georgette íamos em direção à Main Street, de mãos dadas, como duas meninas assustadas atravessando uma campina depois do escurecer. Georgette batia queixo. Me lembro disto. Queria lhe pedir para parar, mas achava que ficaria indelicado A um quarteirão e meio da Congo Church. vi a porta da igreja aberta e pensei: Alguém deve ter entrado para pedir ajuda a Deus. Mas no mesmo instante senti que não era verdade

P:Sentiu como? Seria inteiramente normal e lógico aceitar sua primeira suposição, não é?

R:Mas eu sentia.

P:Conhecia a pessoa que saiu da igreja?

R: Sim. Era Carrie White.

P: Já tinha visto Carrie antes?

R: Não. Não pertencia ao grupo de amigas dc minha filha.

P: Já tinha visto algum retrato de Carrie White?

R: Não.

P: De qualquer maneira, estava escuro e a senhora estava a uma quadra e meia da igreja.

R: Exatamente.

P: Sra. Simard, como podia saber então que era Carrie White?

R: Eu simplesmente sabia.

P: Este saber, Sra. Simard, era como se alguma luz tivesse se acendido dentro de sua cabeça?

R: Não, senhor.

P: Como era então?

R Não sei lhe dizer. Fugiu como acontece com os sonhos. Uma hora depois de levantar, a gente apenas coiisegue se lembrar que teve um sonho. Mas eu sabia.

P: Havia algum sentimento emocional ligado a este saber?

R: Sim. Horror.

P: Que fez então?

R: Virei-me para Georgette e disse:

—Lá está ela.

—Sim. É ela — respondeu Georgette. Ia dizendo qualquer coisa mais, quando toda a rua ficou iluminada por um grande clarão e estalos; os cabos de força começaram a se partir, cair na rua, alguns cuspindo centelhas. Um deles atingiu um homem na nossa frente e ele in-incendiou-se. Outro começou a correr, pisou num dos cabos e seu corpo se... se dobrou para trás, como se fosse de borracha. Depois caiu no chão. Outros gritavam e corriam, corriam cegamente, e cada vez mais cabos caíam. Cobriam o chão todo, como serpentes. E ela estava satisfeita. Feliz da vida! Cheguei a sentir sua satisfação. Sabia que tinha que manter a cabeça fria. Os que corriam, morriam todos eletrocutados. Georgette disse:

— Depressa, Cora. Meu Deus, não quero morrer queimada viva!

— Pare com isto — disse eu. — Temos que nos controlar, Georgette, caso contrário não saímos mais daqui. — Qualquer bobagem dessas. Mas ela não me ouviu. Soltou minha mão e começou a correr em direção à calçada. Gritei para que parasse — bem na nossa frente, havia um daqueles grossos cabos partidos — mas ela não me deu ouvidos. E ela.., ela... meu Deus, senti o cheiro quando começou a arder. A fumaça parecia irromper de sua roupa e eu pensei: deve ser assim mesmo quando alguém morre na cadeira elétrica. O cheiro era doce, parecia Carrie de porco. Algum dos senhores já sentiu? Às vezes eu o sinto em sonhos. Fiquei imóvel, olhando para Georgette Shyres

que ia ficando preta. A oeste da cidade houve uma grande explosão — suponho que tenha sido a rede de gás, mas nem me dei conta. Olhei em volta e vi que estava só. Todo o resto ou tinha fugido ou estava esticado no chão, queimando. Vi uns seis corpos. Pareciam montes de trapos velhos. Um dos cabos tinha caído na varanda de uma casa à esquerda, e ela se incendiara. Me parece que fiquei lá, de pé, durante algum tempo, me convencendo a manter a cabeça fria. Me pareceram horas. Comecei a ficar com medo de desmaiar e cair em cima de um daqueles cabos, ou então entrar em pânico e desandar a correr. Igual... igual a Georgette. Aí comecei a andar. Passo a passo. A rua estava mais clara ainda, por causa da casa em chamas. Passei por cima de um ou dois fios descncapados, dei a volta num corpo que ficara reduzido a uma poça. Eu... eu... eu tinha que olhar para ver onde pisava. Na mão de um corpo vi uma aliança, mas estava preta. Toda preta. Meu Deus!, pensei eu. Santo Cristo! Passei por cima de outro cabo, e de repente lá estavam três na minha frente. Fiquei parada, olhando para eles. Pensei comigo: se conseguir atravessar estes está tudo resolvido. — mas não tinha coragem. Sabem de que me lembrei? Daquela brincadeira de criança: Mamãe-posso-ir? Uma voz dentro de mim me dizia:

Cora, dá um passo bem grande por cima dos cabos na rua. E eu pensava Mamãe, posso ir? Posso ir? Um deles ainda cuspia centelhas, mas os outros dois pareciam mortos. Mas nunca se sabe. Fiquei em pé, ali, esperando que alguém viesse, mas não apareceu ninguém. A casa ainda ardia e o fogo tinha se alastrado pelo gramado, pelas árvores e pela sebe ao lado. Mas nada de carro de bombeiros! Claro que nunca chegariam, pois se àquela altura toda a parte oeste da cidade estava em fogo! E eu me sentia tão fraca. Finalmente compreendi que não havia outra alternativa, ou dar a passada ou desmaiar, e dei o maior passo que pude. O salto do meu chinelo ficou a menos dc três centímetros do último cabo. Tinha conseguido passar!

Dei a volta por mais uma ponta de fio, e depois comecei a correr. E isso é tudo de que me lembro. Ao amanhecer estava deitada num cobertor, na delegacia de polícia, com mais uma porção de gente. Alguns — a minoria — eram garotos em suas roupas de festa, e eu comecei a perguntar se alguém tinha visto Rhonda. Foi aí que me disseram... dis-disseram... (um pequeno intervalo)

P:A senhora pessoalmente tem certeza de que aquilo foi obra de Carrie?

R:Tenho.

P:Obrigado, Sra. Simard.

R:Gostaria de lhe fazer uma pergunta, por favor.

P:Pois não.

R: O que será se houver outras iguais a ela? O que será do mundo?

Do livro: The Shadow Exploded (página 151):

Pelas 0h45min da madrugada de 28 de maio, a situação em Chamberlaín era crítica. A escola estava toda destruída, numa área relativamente isolada; todo o centro da cidade estava em chamas. Quase toda a água daquela zona tinha sido esgotada; restava ainda algüma (com pouca pressão) nos encanamcntos da Deghan Street, suficiente no entanto para salvar os edifícios do comércio no cruzamento das ruas Maine e Oak.

A explosão do posto de Tony em Summer Street resultara num fogaréu que só foi controlado pelas dez horas da manhã. Água havia na Summer Street, o que não havia era bombeiros Lewiston, Auburn, Lisbon e Brunswick já estavam então a caminho, mas só chegaram depois de uma hora.

Na Carlin Street, iniciara-se um incêndio provocado por cabos de força derrubados. Ia acabar destruindo todo o lado norte da rua, inclusive o chalé onde Margaret White havia dado à luz sua filha.

No lado oeste da cidade, logo abaixo da parte comumente chamada de Brickyard Hill, ocorrera a tragédia pior: a explosão de um posto de gasolina, cujo incêndio grassou incontrolável por quase todo o dia seguinte.

Se olharmos para estes pontos num mapa do município (veja página ao lado), poderemos' traçar a rota de Carrie — um caminho de destruição que numa linha em espiral atravessava a cidade, porém com um destino quase certo: sua casa...

Qualquer coisa caiu na sala de estar. Margaret White se aprumou, virando a cabeça de lado. A faca de açougueiro tinha um brilho fosco à luz das chamas. A luz elétrica se apagara havia algum tempo, a única iluminação vinha do incêndio no extremo da rua.

Um dos quadros caiu da parede com um baque. Mais um instante, e o cuco da floresta Negra caía também. O pássaro mecânico soltou um grito curto e estrangulado, e calou-se.

Da cidade as sirenes soavam sem parar, mas mesmo assim ouviu-lhe os passos quando entrou pelo portão.

A porta abriu-se. Passos ecoaram no corredor.

Ouviu as placas de gesso da sala (CRISTO, O HÓSPEDE INVISIVEL; O QUE FARIA JESUS; A HORA SE APROXIMA: SE ESTA NOITE FOSSE O DIA DO JULGAMENTO, ESTARIA VOÇÉ PRONTA) explodirem uma após a outra, como pássaros de gesso num estande de tiro. (meu deus já estive lá e vi as meretrizes dançando em palcos dc madeira)

Ficou sentada em sua banqueta como um aluno brilhante promovido a primeiro da turma. Mas seu olhar estava transtornado.

As janelas da sala se abriram.

A porta da cozinha bateu. Carrie entrou.

Seu corpo parecia torcido, encolhido como de uma velha encarquilhada. O vestido de festa, um trapo mulambento, com sangue de porco escorrido, coagulado. Havia uma mancha de graxa em sua testa, e os dois joelhos estavam esfolados, em Carrie viva.

— Mãe — murmurou ela. Os olhos de um brilho sobrenatural pareciam os de um falcão, mas sua boca tremia. Se alguém estivesse ali para observá-las teria ficado impressionado com a semelhança de ambas.

Margaret White estava sentada na banqueta da cozinha, a faca escondida entre as pregas do vestido.

— Eu deveria ter me matado quando ele a colocou dentro de mim — disse ela claramente. — Depois da primeira vez, antes de nos casarmos ele prometeu. Nunca mais. Disse que tinhamos apenas... resvalado. Acreditei nele. Caí e perdi a criança; foi a

sentença de Deus. Senti que meu pecado tinha sido expiado. Com sangue. Mas o pecado não morre nunca. O pecado... não morre. , . nunca... — Seus olhos ardiam.

— Mãe, eu...

— A princípio tudo estava bem. Vivíamos sem pecado. Dormíamos na mesma cama, às vezes de ventre encostado, meu Deus, às vezes eu sentia a presença da Serpente, mas nunca. o fizemos. até que. — Um sorriso de escárnio apareceu em seu rosto), duro, horrível. — E naquela noite eu o Vi olhando Daquele Jeito. Nos ajoelhamos e rezamos pedindo forças e ele... me tocou. Naquele lugar. No lugar da mulher. Eu o expulsei de casa. Ficou fora durante horas. Fiquei rezando por ele. Via-o em mente perambulando pelas ruas desertas lutando com o Demônio, como Jacó havia lutado com o Anjo do Senhor. Quando voltou meu coração exultou de agradecimento.

Fez uma pausa, com aquele sorriso seco, rindo para sombras fugidias do quarto.

— Mãe, eu não quero ouvir!

Pratos começaram a estourar no armário, como pombos de barro.

— Só quando ele entrou é que senti seu hálito de uísque. E ele me usou. Me agarrou! Com o fétido hálito de uísque me agarrou... e eu gostei! Berrou as últimas palavras virada para o teto. — Gostei de toda aquela porca fornicação e das mãos me apalpando, me APALPANDO TODA.!

— Mãe! (!!Mãee!!)

Parou como se tivesse levado uma bofetada, e ficou olhando para a filha, piscando.

— Eu quase me suicidei — continuou ela num tom de voz mais normal. — E Ralph chorou e falou em penitência mas eu não, e depois ele morreu. Eu então pensei que Deus tinha me castigado com câncer, e que ele estava transformando meus órgãos femininos em algo tão negro e corroído quanto minha alma pecadora. Mas isto seria muito pouco. Misteriosos são os caminhos em que o Senhor realiza Seus milagres. Hoje o reconheço. Quando as dores começaram, fui apanhar uma faca... esta aqui — e ela a ergueu para o alto — e esperei que você viesse para poder fazer meu sacrifício. Mas eu era fraca e pérfida. Quando você tinha três anos, peguei na faca novamente, mas não tive forças. Por isto agora O demônio veio a nós.

Ergueu a faca e como que hipnotizada, seus olhos se fixararn na lâmina gasta e brilhante.

Cegamente. Carrie deu um passo lento em frente.

— Eu vim aqui para matá-la, mãe. E encontro você esperando para me liquidar. Mãe. Eu... não esta certo... mãe. Não...

— Vamos rezar — disse a mãe calmamente. Seus olhos fixos em Carrie, tinham uma expressão louca de terrível compaixão. A luz do fogo agora estava mais clara dançando na parede como dervixes. — Pela última vez. vamos rezar.

— Oh mãe, me ajude!

Caiu de joelhos, a cabeça baixa, as mãos erguidas em súplica.

A mãe se inclinou e a faca desceu descrevendo um arco brilhante.

Talvez por ter visto com o rabo do olho, Carrie se jogou para trás, e em vez de lhe penetrar nas costas a faca foi enterrada no ombro até o cabo. Embaraçando as pernas

nos pés da cadeira, a mãe caiu sentada.

Ficaram se entreolhando. Um quadro mudo.

O sangue começou a escorrer pelo cabo da faca, pingando no chão.

Falando também com toda calma, Carrie disse:

— Mãe, vou lhe dar um presente.

Margaret Whíte tentou se levantar, cambaleou e caiu de joelhos, as mãos apoiadas no chão.

— O que você está fazendo? — crocitou ela com voz rouca.

— Estou visualizando seu coração, mãe — respondeu Carrie. — É mais fácil quando se consegue ver as coisas mentalmente. Seu coração é um músculo vermelho, enorme. O meu bate mais rápido quando uso minhas forças. Mas o seu agora vai bater cada vez mais devagar. Um pouquinho de cada vez.

A mãe tentou se erguer novamente; não conseguiu. Cruzou os dedos para conjurar o mau olhado da filha.

— Um pouco mais devagar, mãe. Sabe qual é o presente, mãe? Uma coisa que você sempre quis. As trevas com o Deus que nelas habita.

— Pai nosso, que estais no céu... — murmurou a mãe

— Mais devagar, mãe. Mais devagar.

— ... santificado seja O Teu nome...

— Vejo o sangue parando de circular. Mais devagar.

— ... venha a nós o Teu reino...

— Seus pés e mãos já estão frios como mármore, como alabastro. Brancos.

— ... seja feita a Tua Vontade...

— A minha, mãe, Mais devagar.

— ... assim na terra...

— Mais devagar.

— ... como... como...como...

Caiu para a frente, torcendo as mãos.

— ... como no céu.

— Ponto final — murmurou Carrie.

Olhou para si mesma e, debilitada, segurou o cabo da faca com ambas as mãos. Foi acometida de náusea e tontura. Sentia o gosto de sangue, vivo e liso no fundo da garganta. Uma fumaça acre e sufocante estava entrando pela janela. As chamas tinham atingido a casa vizinha. Já agora as centelhas deviam estar caindo macias sobre o telhado, que há mil anos fora brutalmente vazado por pedras.

Carrie saiu pela porta dos fundos, foi cambaleando pelo gramado, indo encostar-se (onde está minha mãe) contra uma árvore. Ainda tinha que fazer alguma coisa. Alguma coisa relacionada com (motéis estacionamentos) o Anjo com sua Espada. A Espada de Fogo. Não importava. Logo se lembraria.

Atravessando quintais chegou à Willow Street. e depois subiu a rampa de quatro, até a

Route 6.

Eram 1h15min da manhã.

Às 23h20min Christine Hargensen e Billy Nolan estavam de volta ao The Cavalier. Subiram pela escadaria dos fundos, desceram o corredor, e antes mesmo que ela pudesse acender a luz, já ele dava violentos puxões em sua blusa.

— Pelo amor de Deus, deixa que eu desabotoo...

— Ora, vá pro inferno.

Com um arranco rasgou a blusa ao meio nas costas. A fazenda cedeu com um ruído áspero. A música de espelunca subia vagamente até eles, e o prédio vibrava ligeiramente com a dança rústica e entusiasmada dos camponeses, choferes de caminhão, operários de fábrica, garçonetes e cabeleleiras, dos trabalhadores de oficinas e suas namoradas da cidade, de Westover e Lewinston.

— Ei!

— Cale a boca!

Ele lhe deu uma bofetada que a cabeça lhe voou para trás. Seus olhos ficaram de um brilho frio, mortal.

— Isto é o fim, Billy. — Recuou, os seios inflando dentro do sutiã, o ventre latejando, as pernas compridas se esticando dentro das calças americanas. la recuando em direção à cama. — Acabou-se.

— Claro — disse ele. Quis agarrá-la, mas ela lhe deu um murro. Uma bofetada surpreendentemente violenta acertou-lhe o rosto.

Ele se aprumou, encolhendo ligeiramente a cabeça.

— Sua cachorra, você me largou a mão!

— E largo de novo.

— É o que eu quero ver, sua desgraçada.

Avançaram um para o outro, ofegantes, os olhos faiscando. Ele começou a desabotoar a camisa, um leve sorriso de escárnio nos lábios.

— Isso, Charlie. Isso mesmo. — Ele a chamava de Charlie toda vez que estava satisfeito com ela. Parece, pensou ela com um olhar frio e divertido, um termo genérico para boa xoxota.

Sentiu um sorriso se esboçar em seus lábios, relaxou um pouco e foi ai que ele lhe deu uma chicotada no rosto com a camisa, acercando-se dela meio abaixado, dando-lhe uma marrada no estômago como se fosse bode, jogando-a para cima da cama. As molas gemeram. Em vão começou a lhe esmurrar as costas.

— Sai de cima de mim! Sai de cima de mim! Sai de cima de mmi, seu porco sebento de uma figa!

Sorria cinicamente e com um arranco rebentou o fecho de sua calça, deixando sua barriga à mostra.

— Anda, chama seu pai — grunhiu ele. — Não é isto que você faz? Hein? É, não é, queridinha? Chama o teu velho, e advogadão com faro de cão de caça. Vai! Eu teria feito a mesma coisa com você também. você sabe disto. Teria emborcado tudo sobre esta sua

merda de crânio. Sabia? Hein? Sangue de porco para porcos, não é? Bem em cima deste puto de Crânio Sua...

De repente eIa parou de resistir. Ele fez uma pausa, olhou para ela e viu um estranho sorriso em seu rosto.

— Era isto mesmo que você queria o tempo todo, não é? Sua miserável, vagabunda. Confessa, não é? Seu prodigiozinho rastejante.

Sorria, um sorriso parado de louco.

— Não faz mal.

— Não — respondeu ela: — Não faz mal não. — De repente seu sorriso desapareceu, os tendões em seu pescoço se retesaram, ela pigarreou e... cuspiu-lhe na cara.

E mergulharam em roxa espancante inconsciência. Lá embaixo a música continuava batendo surda, resfolegando (I'm poppin little white pills on my eye's are open wide/ Six days on use røad, and l'm gonna make it home tonight -Estou estalando pequenas pílulas brancas e meus olhos estão abertos, bem abertos/ Seis dias na estrada, mas vou conseguir chegar em casa esta noite) aos brados, a todo volume, horrível, um conjunto de cinco, todos de camisas de cowboy enfeitadas de lantejoulas, calças americanas novas apertadas, cravadas de tachas brilhantes, de vez em quando enxugando o suor da testa; guitarras, metais, tambores, ritmo: ninguém ouviu o alarme da cidade, nem a primeira explosão e nem a segunda. Quando a rede de gás explodiu, e a música parou, um carro entrou no estacionamento e alguém gritou a notícia; Chris e BiIly dormiam calmamente.

Chris acordou de repente e o relógio de cabeceira marcava cinco para uma da madrugada. Alguém esmurrava a porta.

— Billy! — berrava a voz. — Anda, levanta!

Billy se mexeu, virou do lado, derrubou o despertador ordinário.

— Ora, raios! — disse ele grosseiramente e sentou-se na cama. Suas costas ardiam. Aquela cachorra cobrira-o de arranhões. Na hora mal notara, mas agora ela ia ver, iria mandá-la de volta para casa de pernas tortas, para lhe mostrar quem era o...

Silêncio. Silêncio impressionante. The Cavalier só fechava às duas da manhã. Na verdade ele ainda via as lúzes de néon piscando e tremeluzindo pela empoeirada janela da água-furtada. A não ser pelas batidas constantes. (alguma coisa estava acontecendo) o local parecia um cerniterio.

— Billy, você está aí dentro? Hei!

— Quem é? — sussurrou Chris, os olhos brilhantes, vigilantes, em meio as luzes intermitentes.

— Jackie Talbot — respondeu ele distraído; depois levantou a voz: — Que é?

— Deixa eu entrar, BiIly. Tenho que falar com você!

Billy levantou e foi nu até a porta. Levantou o gancho antiquado e abriu-a.

Jackie Talbot irrompeu porta a dentro. O olhar desvairado.

O rosto sujo de fuligem. Estivera bebendo com Steve e Henry. quando veio a notícia às dez para meia-noite. Voltaram para a cidade no velho Dodge conversível de Henry, e do alto de Brickyard HilI viram a rede de gás em Jackson Avenue explodir. Quando Jackie tomou o Dodge emprestado e voltou para a cidade às 1 2h3Ontin, esta era uma ruína

apavorante.

— Chamberlain está sendo devorada pelo fogo — disse ele a BilIy. — A merda da cidade inteirinha. A escola desapareceu. West End explodiu... gás. A Carlin Street está ardendo. E estão. dizendo que foi Carrie White!

— Meu Deus — disse Chrís. Saltou da cama, tateando à procura de sua roupa. — Que foi...

— Cala a boca — disse Billy serenamente — ou levas um chute no traseiro. — Olhou de novo para Jackie e lhe fez sinal para continuar.

— Viram ela. Uma porção de gente viu. Dizem que esta toda lambuzada de sangue, BiIly. Ela estava na droga daquele baile esta noite... Steve e Henry não ligaram os fatos... mas BiIly, você... o sangue daqueles porcos... será que foi...

— Foi — disse Billy.

— Oh, não! Pelo amor de Deus! — Jackie caiu para trás segurando-se na moldura da porta. À luz daquela única lâmpada do corredor, seu rosto estava de um amarelo doentio. — Pelo amor de Deus, Billy, a cidade inteira...

— Carrie causou estragos na cidade inteira? Carrie White? Você está com bosta na cabeça — disse ele com toda calma, quase com serenidade. Atrás dele, Chris se vestia rapidamente.

— Vai até lá! Dá uma olhada pela janela — disse Jackie.

BiiIy obedeceu. Todo o horizonte a leste da cidade estava rubro, e o céu incandescente. Enquanto ele olhava, três carros de bombeiros passaram de sirene ligada. À luz das lâmpadas que marcavam o estacionamento do The Cavalier, conseguiu ler os nomes.

— Filho da puta — disse ele. — Aqueles carros vêm de Brunswick.

—.Brunswick? — perguntou Chris. — Isto fica a sessenta quilômetros daqui. Não pode ser...

— Muito bem. O que aconteceu? — disse Billy virando-se para Jackie Talbot.

Jackie sacudiu a cabeça.

— Ninguém sabe por enquanto. Começou na escola. Carrie e Tommy foram Rei e Rainha, aí alguém derramou uns baldes dc sangue em cima deles e ela saiu correndo. Depois a escola pegou fogo, e dizem que ninguém conseguiu sair. Depois o posto de Teddy Amoco explodiu, e o posto de óleo na Summer Street...

— Citgo — corrigiu Billy — aquilo se chama de Citgo.

— Ora, merda, que me importa o nome! — gritou Jackie. — Era ela. Em todo lugar que acontecia qualquer coisa, era ela! E aqueles baldes... nenhum de nós usava luvas...

— Eu me encarrego disto — disse BilIy.

— Você não está entendendo, Billy. Carrie está...

— Saia daqui.

— Billy...

— Sai logo antes que eu te arranque o braço e faça você engolir.

Cauteloso, Jackie foi saindo de costas.

— Vá para casa. Não fale com ninguém. Eu me encarrego de tudo.

— Está bem, Billy. Está bem. Eu só pensei que...

BilIy bateu a porta.

No mesmo instante Chris avançou para ele.

— Billy, que vamos fazer? Carrie, aquela cachorra, meu Deus, que vamos...

Com toda a força de seu braço, Billy lhe deu um tapa e a derrubou no chão. Atordoada, Chris ficou esticada um momento, depois levou as mãos ao rosto e começou a soluçar.

Billy vestiu as calças, a camisa de malha, as botas. Foi até o lavatório lascado, no canto, acendeu a luz, molhou a cabeça, e começou a se pentear, inclinando-se para poder se ver no velho espelho manchado. Atrás de si, viu a imagem distorcida, ondulada, de Chris Hargensen, sentada no chão limpando o sangue do beiço rachado,

— Sabe o que vamos fazer? — perguntou. — Vamos a cidade olhar o incêndio. Depois voltamos para casa. Você vai contar a seu querido papaizinho que estivemos tomando cerveja no The Cavalier na hora em que tudo começou. Eu vou contar a mesma coisa a minha velha. Tá?

— E suas impressões digitais. Billy? — lembrou ela. A voz abafada, porém, respeitosa.

— As impressões deles, isto sim. Eu estava de luvas.

— Você acha que eles vão contar? Se os políciais os pegarem e interrogar..

— Claro — disse ele. — Contariam sim.

As ondas e redemoinhos estavam quase todos alisados. Brilhavam na luz fosca do globo salpicado de sujo de mosca, como turbilhão em águas profundas. Seu rosto estava calmo, descansado. O pente que ele usava era todo velho, colento de graxa. Seu pai lhe havia dado de presente quando fizera onze anos, e nem um dente estava quebrado. Nem um único.

— Talvez eles achem os baldes — disse ele. Se acharem. é possível que o fogo tenha apagado as impressões digitais. Não sei. Mas se Doyle pegar um deles, eu me mando pra Califórnia Você faz o que quiser.

— Você me leva junto? — perguntou ela, olhando para ele lá do chão, o lábio inchado como o de um negróide, os olhos suplicantes.

— Talvez — sorriu ele, sabendo que não levaria, Agora não. — Vamos lá. Vamos até a cidade.

Desceram, atravessaram o salão de dança deserto, onde as cadeiras ainda estavam fora do lugar, as garrafas de cerveja espalhadas pelas mesas.

Ao passarem pela porta de emergência, Billy disse:

— Isto aqui é uma decepção, de qualquer maneira.

Entraram no carro, e ele 1igou o motor. Quando acendeu os faróis, Chris começou a gritar, as mãos em punho apertando as faces.

Billy sentiu a mesma coisa: algo em sua mente, (carrie carrie carrie) uma presença.

Em pé, a pouco mais de vinte metros a frente, estava Carrie.

A luz das altas lâmpadas a destacavam em horrendo preto e branco de filme de terror, grudenta de sangue, pingando, por seu aspecto principalmente. O cabo da faca de aço ainda aparecia projetando-se do seu ombro, seu vestido sujo de terra, manchado. Viera

se arrastando grande parte distância desde a Carlin Street, quase desfalecendo, para destruir este motel — talvez precisamente aquele onde tivera a desgraça de sua criação.

Ficou em pé cambaleando, os braços abertos como hipnotizador de palco, e veio avançando trôpega.

Tudo se passou numa fração de segundo. Chris não teve nem tempo de terminar seu primeiro grito. Billy tinha reflexos, sua reação foi instantânea. Calcou rápido a embreagem, engrenou uma primeira e baixou o pé.

Os pneus do Chevrolet cantaram no asfalto, o carro deu um salto para a frente, avançando como ávido, terrível engolidor de gente. O vulto diante do pára-brisa foi aumentando, sua presença foi se tornando cada vez mais audível; (CARRIE CARRIE CARRIE) soava cada vez mais alto (CARRIE CARRIE CARRIE) como um rádio que ia sendo aumentado até o volume máximo. O tempo parecia se restringir em torno deles, reduzir-se, e por um instante ficaram gelados, paralisados até em seus movimentos: Billy (CARRIE como os cachorros CARRIE igual aos chorros desgraçados CARRIE queria que CARRIE fosse você CARRIE) e Chris. (CARRIE santo deus não mata não CARRIE não queria matá-la CARRIE billy não CARRIE quero CARRIE ver CAR) e a própria Carrie. (olha a roda a roda do carro acelerador roda estou vendo a RODA oh deus meu coração meu coração meu coração)

E de repente Billy sentiu o carro traí-lo, tomar vida, usar em suas mãos. O Chevrolet rodou sulcando o chão em semicírculo, arrancando fumaça, o cano de descarga aos estouros. E a fachada do The Cavalier, revestida de madeira, foi aumentando, aumentando, aumentando (é isto) e foram se chocar, a sessenta por hora, acelerando ainda. Madeira espirrou para todos os lados, numa detonação matizada de néon. Billy foi jogado para a frente e atravessado pelo volante. Chris, arremessada contra o painel.

O tanque de gasolina estourou e o combustível começou a empoçar debaixo da traseira do carro. Um pedaço do cano de descarga caiu dentro, e o líquido abriu-se em chamas.

Deitada de lado, os olhos fechados, Carrie resfolegava. Seu peito ardia em fogo.

Começou a se arrastar pelo estacionamento, sem destino algum. (desculpe mãe deu tudo errado oh mãe por favor eu dói tanto mãe o que é que eu faço)

Agora já nada mais parecia importar, nada mais importaria se ela pudesse se virar, virar de costas para ver as estrelas, virar, dar uma olhada e morrer.

Foi assim que Sue a encontrou às duas da manhã.

Depois de falar com o xerife Doyle, Sue foi descendo a rua e sentou nas escadas da tinturaria de Chamberlain. Ficou olhando fixo para o céu em fogo. sem vê-lo. Tommy estava morto. Sabia que era verdade e aceitou o fato com terrível tranqüilidade.

E só por culpa de Carrie.

Não tinha a menor idéia como sabia disto, mas sua convicção era pura e certa como a matemática.

O tempo passava. Que importava... Macbeth havia assassinado o sono, e Carrie o tempo. Excelente. Boa imagem.

Sue sorria triste. Seria este o fim de nossa heroína, da pequena Miss Doçura Dezesseis? Acabaram-se as preocupações com o Country Club, com os bairros chiques. Nunca mais. Foram-se. O fogo as levara. Alguém passou correndo, dizendo que a Carlin Street

estava pegando fogo. Bem feito. Tommy se fora.

E Carrie tinha ido para casa matar a mãe. (??????????)

Aprumou-se, os olhos fixos na escuridão. (??????????)

Não podia explicar como sabia. Não tinha nenhuma relação com coisa alguma que ja lera sobre telepatia. Não visualisava nada, não sentia grandes lampejos de revelação, apenas a certeza prosaíca. Assim como se sabe que depois da primavera vem o verão, que câncer pode rnatar, que a mãe de Carrie já estava morta neste momento que... (!!!!!)

O Coração apertava-lhe o peito. Morta. Examinou a certeza deste incidente, tentando desprezar a misteriosa insistência do conhecer pelo nada.

Sim, Margaret White estava morta. Qualquer coisa de coração. Mas antes havia apunhalado Carrie. Carrie estava gravemente ferida. Estava...

E nada mais,

Levantou-se e correu de volta para o carro de sua mãe. Dez minutos mais tarde parava na esquina da Branch com a Carlin Street que estava em fogo. Não havia mais carros para combater as chamas, mas haviam armado cavaletes em ambas as extremidades da rua, e lanternas de estrada, latas de luz oleosa e enfumaçada iluminavam um letreiro que dizia:

PERIGO FIOS DE ALTA TENSÃO!

Sue atravessou dois quintais, passou através de uma sebe em flor que a arranhou com seus espinhos duros e curtos. Saiu em um quintal antes da casa dos White e atravessou a rua.

A casa estava em chamas, o telhado ardendo, Não se podia nem pensar em chegar perto para olhar para dentro. Porém na violenta luz do fogo viu algo melhor; a trilha salpicada pelo sangue de Carrie. Seguia de cabeça baixa; passou pelas manchas maiores onde Carrie havia descansado, atravessou outra sebe, outro quintal da Willow Street, e depois um emaranhado pouco desenvolvido de raquíticos arbustos de carvalhos e pinheiros. Logo além uma vereda curta, não calçada — pouco mais larga que uma trilha — subia em ziguezague para a direita, afastando-se em ângulo da Route 6.

Parou de repente, assaltada por uma dúvida violenta, corroedora. E se ela a encontrasse? Que faria? Morreria do coração? Seria incendiada? Controlada e obrigada a caminhar de encontro a um carro ou corpo de bombeiros? Seu conhecimento peculiar lhe dizia que Carrie seria capaz de tudo. (procure um policial)

Esta idéia lhe provocou um risinho. Sentou-se no gramadø acetinado de orvalho, Ela já havia procurado um policial. E mesmo que Otis Doyle tivesse acreditado nela, e dai? Viu na imaginação uma centena de caçadores de cabeça desesperados rodeando Carrie, exigindo que ela depusesse as armas e se entregasse. Obediente, Carrie levanta as mãos, arranca a cabeça dos ombros. entrega-a ao xerife Doyle. que solenemente a coloca num cesto de vime marcado SAIDA DE PESSOAS-A (e tommy está morto)

Muito bem; muito bem. E ela começa a chorar. Cobre o rosto com as mãos e soluça. Uma brisa suave sopra por entre os arbustos de zimbro no alto da colina. Cada vez mais carros de bombeiros passam clamando pela Route 6, como enormes cães de caça vermelhos,varando a noite. (a cidade está queimando toda meu deus)

Não tinha a menor idéia de quanto tempo ficou sentada lá, chorando num áspero

semitorpor. Não tinha nem consciência de que estava seguindo Carrie em sua marcha em direção ao The Cavalier. Era tão natural quanto o processo de respiração do qual só se lembrava quando pensava nele. Carrie estava gravemente ferida, e a esta altura só resistiu por uma tremenda obstinação. Até o The Cavalier eram quase cinco quilômetros, mesmo cortando caminho como Carrie fazia agora. Sue, (viu? pensou? não importa) como Carrie, caiu num regato e, arrastando-se, coseguiu sair de novo gelada, tremendo. Era espantoso que ela ainda prosseguisse. Evidentemente fazia-o pela mãe. A mãe queria que ela fosse a Espada de Fogo do Anjo. que ela destruísse. (e vai destruir isto também)

Sue ergueu-se, e muito desajeitada começou a correr sem atentar para a trilha de sangue. Já não precisava mais seguí-la.

Do livro: The Shadow Exploded (páginas l64-65):

Seja qual for nossa opinião sobre o caso Carrie White, ele passou. É hora de nos voltarmos para o futuro. Como ressalta o Reitor McGuffin, em seu excelente artigo no Science Yearbook, se nos recusarmos a fazê-lo é quase certo termos que pagar pelas conseqüências — e o preço não será nada baixo.

Chegamos então a um problema moral tormentoso. Já esta em progresso o completo isolamento do gene TC. É um ponto mais ou menos. tácito entre o mundo científico (vejam por exemplo o livro de Bourke e Hannegan, A View Toward lsolation of the TC Gene with Specific Recommendatíons for Control Parameters — Um Parecer em Relação ao isolamento do Gene TC com Recomendação Especial para Parâmetros de Controle — do Microbiology ,Annual, Berkeley. 1982) que. depois de aprovado o funcionamento de um teste, todas as crianças em idade escolar se submeterão a ele tão rotineiramente como ao teste contra a tuberculose. No entanto TC não é um germe, é uma parte tão intrínseca da pessoa por ele afetada como é a cor de seus olhos.

Se ficar comprovado que a capacidade TC se manifesta durante a puberdade, e se aplicarmos este hipotético teste TC numa criança ao entrar no ginásio, ficaremos certamente prevenidos. Mas neste caso prevenir será melhor que remediar? E remedíar como? Se um teste TB der resulta$dos positivos, a criança poderá ser tratada ou até mesmo isolada. Se no entanto o teste TC der resultado positivo, só resta meter uma bala na cabeça. Pois como seria possível isolar uma pessoa com força capaz de derrubar qualquer parede?

E, mesmo que se pudesse conseguir isolá-la, será que a índole do povo americano permitiria que uma criança, uma linda menininha fosse arrancada da casa paterna já primeiros sinais de puberdade, para ficar trancada num calabouço para o resto da vida? Duvido. Especialmente quando a Comissão White trabalhou tão arduamente para convencer a opinião pública de que o pesadelo de Chamberlain foi algo de inteiramente inesperado.

Na verdade parecemos ter voltado à estaca zero.

Do depoimento de Susan Snell, prestado sob juramento diante do júri do Estado do Maine (do Relatório da Comissão White) páginas 306-472:

P: Muito bem, d. Susan Snell, gostaríamos de fazer uma revisão do seu depoimento em

relação ao encontro com Carrie White no estacionamento diante do The Cavalier...

R: Por que os senhores insistem sempre na mesma pergunta? Eu já lhes contei duas vezes.

P: Queremos ter a certeza de que o relatório está exato em todos os...

R: Os senhores querem é me pegar numa mentira, não é isto? Os senhores acham que eu não estou dizendo a verdade, não é?

P: A senhora disse que encontrou Carrie...

R: Os senhores querem me responder, por favor'?

P:... aproximadamente às duas horas da madrugada de 28 de maio. Correto?

R: Eu não responderei mais a nenhuma pergunta a não ser que os senhores respondam a que acabei de lhes fazer.

P:D. Susan Snell, esta junta está autorizada a citá-la judicialmente por contumácia se a senhora se negar a responder por motivos que não sejam os previstos na Constituição.

R: E eu lá quero saber o que os senhores estão autorizado)s a fazer. Eu perdi alguém a quem amava. Podem me levar para a cadeia. Não me importa. Eu... eu... Ora, Vão pro inferno todos vocês. Vão pro inferno! Os senhores estão é tentando me... me... sei lá... crucificar ou coisa que o valha. Me deixem em paz!

(Um breve intervalo)

P.: D. Susan Snell, a senhora agora está disposta a continuar seu depoimento?

R: Estou, sim. Mas não quero que me atormentem, sr. Presidente.

P: Evidente que não, minha senhora. Ninguém pretende atormentá-la. A senhora afirma que encontrou Carrie no estacionamento daquela taberna cerca de 2h da manhã. Certo?

R: Sim.

P: A senhora sabia as horas.

R: Estava usando o mesmo relógio que os senhores vêem no meu pulso agora.

P: Muito bem. Mas não fica o The Cavalier a cerca de dez quilômetros do local onde deixou o carro de sua mãe?

R: Pela estrada, sim. Em linha reta, são mais ou menos cinco.

P: E a senhora andou esta distância a pé?

R: Andei, sim.

P: Antes a senhora havia declarado que "sabia" que estava se aproximando de Carrie. Pode explicar como?

R:Não.

P: Podia sentir-lhe o cheiro?

R: Não.

P: Seguiu pelo seu faro?

(Risadas nas galerias)

R: Os senhores estão de brincadeira comigo?

P: Responda a pergunta. Por favor.

R: Não. Não segui pelo meu faro.

P: Podia vê-la?

R: Não.

P: Ouvi-la?

R: Não.

P: Então como é que a senhorita podia saber que ela estava por lá?

R: Como o sabiam Tom Quillan? ou Cora Simard? .Ou o pobre Vic Mooney? Como é que qualquer um deles sabia?

P: Responda a pergunta, por favor. Isto realmente não é hora nem local para impertinências.

R:Mas eles disseram que "simplesmente sabiam", não foi? Eu li o depoimento da Sra. Simard no jornal! E o que me dizem os senhores dos hidrantes que se abriram sozinhos? E das bombas de gasolina que arrombaram seus próprios cadeados e se ligaram? Dos cabos de força que desceram dos postes?! E...

P: Por favor, d. Susan Snell

R: Isto tudo consta no relatorio do processo desta Comissão.

P:Isto não vem ao caso aqui.

R: E o que vem então? Os senhores estão procurando saber a verdade ou arranjar apenas um bode expiatório?

P: A senhora nega, então, ter tido conhecimento do paradeiro de Carrie Whíte.

R: Claro que sim. E uma idéia absurda.

P: Ora, e por que é absurda?

R: Bem, se os senhores estão sugerindo alguma conspiração, é absurdo porque Carrie estava morrendo quando a encontrei. E não era uma maneira fácil de morrer.

P: Se a senhora não sabia de antemão onde encontrá-la, como pôde se dirigir diretamente ao local?

R: Ora, mas que estupidez! Os senhores por acaso prestaram atenção a alguma coisa do que foi dito até agora? Todo mundo sabia que foi Carrie! Qualquer um a teria encontrado se realmente estivesse decidido a fazê-lo.

P: Mas não foi qualquer um que a encontrou. Foi a senhora. E pode me dizer, por acaso, por que não apareceu gente de tudo que era lado, atraído como limalha para um imã?

R: Ela estava enfraquecendo rapidamente. Acho que talvez... talvez sua área de influência estivesse diminuindo.

P: Espero que a senhora concorde que esta é uma suposição sobre a qual temos relativamente muito pouca informação.

R: Evidente que é. No que diz respeito a Carrie White estamos todos relativamente mal informados.

P: Seja como a senhora quiser, d. Susan. Se pudéssemos agora passar...

A princípio, assim que subiu a rampa entre o prado Henry Drain e o estacionamento do

The Cavalier, pensou que Carrie estivesse morta. Seu corpo estava a meio caminho do estacionamento, todo encolhido, enrugado. esquisito! Sue lembrou-se de animais mortos que vira na estrada — marmotas. jaguaritacas — esmagadas por velozes tanques e caminhões.

Mas a presença ainda estava em sua mente, vibrando obstinada, repetindo as características da personalidade de Carrie sempre de novo. A essência de Carrie, a gestald. Muda agora. não mais estridente, se anunciando com clarins, mas crescendo e decrescendo em constantes oscilações. Inconsciente.

Passou por cima da grade de proteção que cercava o estacionamento, sentindo no rosto o calor do fogo. The Cavalier tinha uma estrutura de madeira que estava queimando rapidamente. Os restos carbonizados de um carro se esboçavam por entre as chamas, à esquerda da porta dos fundos. Tinha sido obra de Carrie, portanto. Não foi até lá para ver se ainda tinha alguém dentro. Agora, isto não importava.

Foi até onde Carrie estava deitada de lado, incapaz de ouvir seus passos em meio ao ávido crepitar do fogo. Em perdida e amarga compaixão, olhou para o vulto ali enroscado. O cabo da faca cruelmente fincada em seu ombro ainda lá estava, e Carrie jazia numa poça de sangue. Este também lhe gotejava da boca. Parecia que ela quisera se virar, quando perdeu os sentidos. Com a força de incendiar, de arrancar fios de alta tensão, de matar quase só com a ajuda do pensamento, lá estava ela agora, incapaz até de se virar.

Sue ajoelhou-se, pegou-a por um braço e pelo ombro que não estava ferido, e delicadamente ajudou-a a deitar de costas.

Carrie soltou um gemido rouco, seus olhos piscaram rapidamente. A percepção dela foi se tornando cada vez mais nítida na mente de Sue. como uma imagem mental que aos poucos vai entrando em foco. (quem está aí)

E Sue, inconscientemente, respondeu da mesma maneira: (sou eu sue snell)

Só que não precisou pensar em seu nome. A idéia dela como sendo ela mesma não se resumia nem em palavras nem em imagens. Ao constatá-lo, tudo emergiu bem claro e real, e a compaixão aflorou, rompendo o torpor do choque.

E Carrie, em distante e muda censura: (vocês me enganaram todos vocês me enganaram) (eu não sei nem o que aconteceu carrie tommy está) (vocês me enganaram aquilo aconteceu por golpe golpe sujo)

O misto de imagem e emoção era atordoador, indescritível. Sangue. Tristeza. Medo. O golpe baixo mais recente de uma longa série de golpes baixos: passavam como um relâmpago, numa confusão estonteante, fazendo a mente de Sue impotente, desesperançada. Eles compartilhavam da terrível totalidade do conhecimento perfeito. (carrie não não não me dói)

Agora eram as meninas a jogarem toalhas higiênicas, salmodiando, rindo. O rosto de Sue refletia sua própria mente:feio, caricaturado, todo boca, cruelmente belo. (veja os golpes sujos veja a minha vida toda um só golpe sujo) (olhe carrie olhe dentro de mim)

E Carrie olhou.

A sensação foi horrível. Sua mente e seu sistema nervoso eram como uma biblioteca. Alguém a percorria em desesperada procura, os dedos correndo ligeiros pelas

prateleiras, tirando alguns livros, examinando-os, devolvendo uns a seus lugares, deixando cair outros, as páginas esvoaçando desordenadamente (relances isto sou eu em criança detesto ele pai oh mãe lábios imensos ai os dentes bobby me empurrou ai meu joelho carro quero andar de carro vamos visitar tia cecily mãe vem aqui depressa eu fiz pipi) no vento da memória. E continuando sempre até encontrar uma prateleira escrita TOMMY, com o subtítulo BAILE. Livros abertos; instantes de experiências, anotações à margem em todos os hieróglifos das emoções, mais complexos do que a Pedra da Roseta.

Olhando. Encontrando mais do que a própria Sue esperava — amor por Tommy, ciúme, egoísmo, a necessidade de subjugá-la à sua vontade, levando Carrie à festa, aversão à própria Carrie, (ela bem que poderia se cuidar melhor ela realmente tem cara de SAPO DESGRAÇADO) ódio de Miss Desjardín, ódio dela mesma.

Mas nenhuma má vontade para com Carrie, nenhum plano de arrasá-la na frente de todos.

A sensação febril de ser violada em seus mais secretos corredores começou a desfazer-se. Sentiu Carrie retroceder, fraca, exausta. (por que vocês não me deixaram em paz) (carrie eu) (a mãe agora estaria viva eu matei minha mãe eu quero minha mãe dói tanto meu peito dói meu ombro eu quero minha mãe) (carrie eu)

E não havia como completar aquele pensamento; não havia nada para completá-lo. Sue de repente sentiu-se esmagada pelo terror, ainda mais por não conseguir entender por quê: aquele ser fantástico sangrando ali no asfalto manchado de óléo, de repente lhe pareceu insignificante, horrível em sua dor e morte. (oh mãe estou com medo mãe MÃE)

Sue tentou afastar-se, desligar-se, deixar a Carrie ao menos a intimidade de sua morte, mas não conseguiu. Sentiu que ela mesma estava morrendo e não queria ver antecipadamente a visão de seu próprio fim eventual. (carrie deixe eu IR) (Maaaaãe Maaaaãe Maaaaãe 0000oooooh 0000000H)

O grito mental chegou a um crescendo deslumbrante, incrível e de repente emudeceu. Por um instante Sue teve a sensação de estar observando a chama de uma vela desaparecer por um longo túnel escuro, em tremenda velocidade. (ela está morrendo meu deus estou sentindo ela morrer)

Depois a luz se apagou. O último pensamento consciente tinha sido (desculpe mãe onde) que foi interrompido e Sue ficou sintonizada apenas na freqüência estúpida e vazia das extremidades físicas de nervos que levariam horas ainda até morrer.

Saiu cambaleando, os braços esticados em frente como cega. seguindo até a extremidade do estacionamento. Tropeçou por cima da baixa grade de proteção, e caiu rampa abaixo. Ergueu-se e continuou trôpega pelo campo que estava se cobrindo com mística camada branca de neblina baixa. Grilos cricrilavam esquecidos e uma coruja (coruja alguém está morrendo) piava no grande silêncio da noite.

Começou a correr, respirando fundo, fugindo de Tommy, do incêndio, das explosões, de Carrie, mas principalmente do horror final — desta idéia, a última a se acender e que ia terminar rápida no túnel negro da eternidade, seguida pelo zumbido vazio e estúpido da prosaica eletricidade.

Relutando, a imagem ulterior começou a desfazer-se, deixando em sua mente uma

abençoada e suave escuridão, que tudo desconhecia. Afrouxou a corrida, parou, consciente de que alguma coisa começara a acontecer. Em pé, em meio ao vasto campo coberto de neblina, esperava a realização.

Sua rápida respiração foi diminuindo, diminuindo, prendeu-a de repente como se um espinho...

E depois soltou-a num grito gemido, enganador.

Em lento fluxo, o negro sangue menstrual desceu-lhe pelas pernas.

PARTE III

ECOS E ESCOMBROS

MERCY HOSPITAL — WESTOWER / ATESTADO DE ÓBITO
Nome White Carríetta
(sobrenome) (prenome)

Residência Carlin Street, 47
Chamberlain, Maine 02249
Sala de Emergência Não Ambulância 16
Tratamento ministrado nenhum. Entrada no hospital morto vivo
Data de falecimento 28-5-1979 (2hs aprox.)
Causa mortis Hemorragia, choque, oclusão coronária e/ou trombose coronária
Pessoa que identificou o corpo Susan Osnell
Back Chamberlain Road, 19
Chamberlain, Maine 02249
Parente mais próximo nenhum
Corpo a ser entregue a Estado do Maine
Médico de Plantão .... Harold Linekar
Patologista ... FM

Do teletipo da National AP, sexta-feira. 5 de junho de 1979:

CHAMBERLAIN. MAINE (AP)

FONTES OFICIAIS INFORMAM QUE O TOTAI. DE MORTOS EM CHAMBERLAIN SE ELEVA A 409, HAVENDO AINDA 49 DESAPARECIDOS AS 1NVESTIGAÇÔES ACERCA DE CARRIETTA WH1TE E DO CHAMADO FENÔMENO "TC" CONTINUAM EM MEIO A INSISTENTES RUMORES DE QUE UMA AUTÓPSIA REVELOU CERTAS FORMAÇÕES ESTRANHAS EM SEU CEREBRO E CEREBELO. O GOVERNO DO ESTADO NOMEOU UMA COMISSÃO DE MEDALHÕES PARA ESTUDAREMTODA A TRAGÊDIA. FIM.

5 DE JUNHO 0303N AP

Do jornal The Lewinuon Daily Sun, domingo, 7 de setembro (página 3):

O Legado da TC:

Ressecou a terra e ressecou os corações

CHAMBERLAIN — A Noite do Baile agora já passou para a História. Dizem os sábios há séculos que o tempo sara todas as feridas, mas a lesão desta pequena cidade do oeste, no Estado do Maine. talvez seja mortal. As ruas residenciais ainda lá estão a leste da cidade, guardadas por garbosos carvalhos que ali se erguem há mais de duzentos anos.

As elegantes casas brancas e as em estilo de rancho na Morin Street e Brickyard Hill ainda continuam primorosas e ilesas. Mas esta Nova Inglaterra bucólica fica à margem de um centro arrasado e enegrecido, e muitas destas casas arrurnadinhas ostentam placas de VENDE-SE nos gramados da frente. As que continuam ocupadas trazem coroas negras nas portas de entrada.

A maior indústria da cidade, a Chamherlain Mills and Weaving (Fábrica e Tecelagem Chamberlain) continua de pé, não atingida pelo fogo que grassou por grande parte da cidade naqueles dois dias de maio. Desde 4 de julho, no entanto, trabalha num só turno, e segundo o presidente William A. Chamblis, maiores dispensas são bem provaveis.

— Temos pedidos — declara Chamblis — mas não é possível fazer uma fábrica funcionar sem gente que marque o ponto. E gente não temos. Recebi pedidos de demissão de trinta e quatro homens, desde 15 de agosto. A única saída é fechar a tinturaria e dar o serviço para fora. Detestamos ter que dispensar esta gente, pois as coisas estão chegando a um ponto que é questão de sobrevivência financeira.

Roger Fearon vive cm Chamberlain há vinte e dois anos, e trabalha na fábrica há dezoito. Durante este tempo passou de simples ensacador, ganhando setenta e três cents a hora, para chefe de tinturaria. No entanto, a possibilidade de perder o emprego parece afetá-lo muito pouco:

— Perderia um ordenadão — diz Fearon. — Não é coisa que se passe por cima sem mais nem menos. Eu e minha mulher discutimos o assunto. Poderíamos vender a casa — ela vale perfeitamente $20.000 dólares — embora talvez só consigamos apurar menos da metade. Assim mesmo acho que vamos anunciá-la. Não importa. Na verdade não queremos continuar a morar em Chamberlain. Digam o que quiserem, mas a cidade não serve mais para nós.

E não é só Fearon. Também Henry Kelly,. proprietário de uma tabacaria e de um bar e de lojinhas de refrescos chamada Kelly Fruits, arrasada na Noite do Baile, não tem nenhuni plano para reconstruí-la:

— A garotada foi-se — diz ele dando de ombros. — Se eu abrisse novamente, haveria fantasmas demais pelos cantos. Vou pegar o dinheiro do seguro e ir viver em S. Petersburgo.

Uma semana depois que o ciclone de 54 abriu seu caminho de morte e destruição através de Worcester. o ar estava impregnado do cheiro de madeira verde, vibrava com marteladas, com uma sensação de otimismo e animação. Não se sente nada disto neste outono em Chamberlain. A rua principal foi desobstruida, o entulho retirado, mas foi só. Os rostos que passam são tristes, desesperançados. No Frank's Bar, na esquina da Suílivan Street, os homens tomam sua cerveja em silêncio. Nos fundos dos quintais, as mulheres contam estórias de morte e dor, Chamberlain foi declarada zona de calamídade, e o dinheiro para ajudar a reerguer a cidade e começar a reconstrução das zonas de comércio existe.

Mas a principal ocupação em Chamberlain nos últimos quatro meses foram os funerais. Sabe-se agora que quatrocentos e quarenta pessoas morreram e que dezoito ainda estão desaparecidas. Sessenta e sete dos mortos eram estudantes da Ewen High School. nas vésperas de sua formatura. Talvez seja isto, mais do que qualquer outra coisa, que tenha tirado o ânimo de Chamberlain.

Foram todos enterrados em l e 2 de junho em três cerimônias-monstro. No dia 3 de junho, na praça da cidade, foi oficiado um serviço religioso em sua memória. Foi a cerimônia mais comovente que este repórter já presenciou. Havia milhares de assistentes, e toda aquela multidão emudeceu quando a banda de música da escola, reduzida de cinqüenta e seis a apenas quarenta, tocou o hino da escola.

Na semana seguinte, houve uma sombria cerimônia de formatura na Academia vizinha de Motton, porém restavam apenas cinqüenta e dois formandos. O orador da turma, Henry Stampel, irrompeu em lágrimas no meio do discurso, e não conseguiu continuar. Não houve festas; os formandos receberam seu certificado e foram para casa.

O verão avançava, mas mesmo assim os rabecões continuavam a passar, pois mais corpos ainda continuavam a ser descobertos. Parecia a alguns moradores como se a casca fosse arrancada sempre de novo, para que a ferida pudesse sangrar mais uma vez.

E se você for um dos muitos que percorreram Chamberlain na última semana à procura de curiosidades, deve ter encontrado uma cidade no estágio mais avançado de câncer do espírito. Algumas poucas pessoas, de olhar perdido, vagueiam pelos corredores da .A & P. A Igreja Congregacional desapareceu consumida pelo fogo, mas a católica, de tijolos, continua de pé na Elm Street, e a metodista ficou intacta em sua elegância, no final da Main Street, embora chamuscada pelo fogo. A freqüência no entanto é muito pobre. Os velhos continuam sentados na praça do Palácio da Justiça, mas seu interesse no jogo de damas ou mesmo em conversas é mínimo.

A impressão geral é de uma cidade a espera da morte. Não seria exato dizer agora que Chamberlain nunca mais será a mesma. Seria mais correto dizer que Chamberlain nunca mais será nada.

Extrato de uma carta datada de nove de junho, do Diretor Henry Grayle a Peter Philpott. Superintendente Geral das Escolas:

— ... e por isso acho que não posso mais continuar com meu cargo, já que sinto que a tragédia toda poderia ter sido evitada se eu tivesse tido uma previsão maior. Espero que o senhor aceite meu pedido de demissão a contar de 1 de julho, e que não haja inconveniente para o senhor nem para sua equipe...

Extrato de uma carta datada de doze de junho. de Rita Desjardin, instrutora de educação física, ao diretor Henry Grayle:

— ... peço assim a rescisão de meu contrato. Sinto que preferia me suicidar a voltar a dar aulas novamente. Tarde da noite, fico pensando: se ao menos tivesse segurado aquela garota, se ao menos, se ao menos...

Encontrado pintado no gramado do terreno onde se erguera o bangalô dos White:

CARRIE WHITE ARDE POR SEUS PECADOS CRISTO NUNCA FRACASSOU

Extraído de Telekineses: Analysis and Aftermath (A Telecinética: Análise e Conseqüências) — Science Yearbook, 1981, de autoria do reitor D. L. McDuffin:

Concluindo, gostaria de chamar atenção para o grave risco que as autoridades estão assumindo, enterrando o caso Carrie White sob uma capa de burocracia — estou me referindo especificamente à chamada Comissão White. O desejo entre os políticos de considerar a TC como um fenômeno que ocorre uma vez na vida parece ser muito forte. E embora isto possa ser compreensível não é aceitável. Geneticamente falando, a possibilidade de recorrência é de 99 por cento. Está na hora pois de planejarmos para o que poderá vir...

De Slang Terms Explained. A Parent's Guide (Termos de Gíria Explicados. Um Guia para os Pais), por John R. Coombs — New York: The Lighthouse Press, 1985 — página 73:

To ríp off a Carrie (dar uma de Carrie) — Causar violência ou destruição; mutilação; confusão; (2) provocar incêndio (de Carrie White, 1963-1979).

Do livro: Tire Shadow Exploded (A Sombra Explodiu) — página 201:

Em alguma parte deste livro foi mencionada uma página de um caderno de Carrie White, onde estava escrito repetidas vezes, como em desespero, um verso de Bob Dylan, famoso poeta de rock da década dos 60.

Talvez não seja inoportuno encerrar este livro com os versos de uma Canção do mesmo poeta, versos estes que poderam servir de epitáfio para Carrie

I wish a could write you a melody so plain / That would save vou, dear lady, from being insane / That would ease you and cool you and cease the pain / Of your and pointless knowledge... (Gostaria de poder escrever uma canção tão sincera e leal / Capaz de evitar, prezada senhora, a sua loucura / Que a tranqüilizasse e acalmasse, e fizesse cessar a dor / De inútil, desproposítado saber).

Do livro: My Name is Susan Snell (Eu Me Chamo Susan SnelI) página 98:

Este livrinho está agora terminado. Espero que venda bem pra que eu possa ir a um lugar qualquer onde ninguém me conheça. Gostaria de refletir sobre as coisas, de decidir o que fazer entre o agora e a hora em que minha luz for carregada pelo longo túnel para a escuridão..

Da conclusão do júri do Estado do Maine, em relação aos acontecimentos de 27 a 28 de maio em Chamberlain, Maine:

... e assim somos forçados a concluir que não vemos razão para acreditar que uma recorrência seja provável, nem possível, uma vez que a autópsia realizada na vítima revela apenas algumas modificações celulares que poderiam indicar a presença de um ligeiro poder paranormal...

Extrato de uma carta datada de 3 de maio de 1988, de Amélia Jenks, Royal Knob, Estado de Tennessee, para Sandra Jenks, Macon, Estado de Georgia:

... e sua piquena subrinha está crescendo que nem mato, enorme pra dois anos. Tem

olhos azues que nem o pai e meus cabelo louro que tarvês mais tarde escureçam. Mesmo acim é um bucado bonitinha & as vezes quando esta durmindo, fico olhando e achando ela tão parecida com a nossa mãe.

Otro dia enquanto brincava na terra ao lado da casa, dei uma ispiada e vi a coisa mais ingraçada. Annie estava brincando com as bola de gudi do irmão, só que elas se mechiam sozinhas. Annie dava rizadas, e gargalhadas mais eu fiquei meio açustada.

Umas bolas subiam e dessiam. Me lembrei da vó. lembra daquela vez que a pulícia veiu atraz de Pete e as espingardas voaram das mãos deles e a vó ria e ria, E ela fazia também a cadeira de balanço andá de lá pra cá sem estar dentro dela. Não gostei nada quando vi aquilo. So ispero que ela num tenha aqueles ataques do coração como a vó, lembra?

Bem, tenho que ir lavar uma rôpa. Lembranças pro Richard e não isquece de mandar umas fotografias quando poder. Mesmo assim nossa Annie é um bucado bunitinha & os olhos dela brilhão como conta. Aposto que um dia ela vai fazer sussesso.

Abraçus

Melia.